



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**INTELECTUAIS CATÓLICOS: CONCEPÇÕES INTEGRISTAS NA
REVISTA HORA PRESENTE E O CONSERVADORISMO CATÓLICO
NO BRASIL**

STELA NIERO

Sob a Orientação da Professora

Dra. Sílvia Regina A. Fernandes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, linha de pesquisa Dinâmicas sociais, práticas culturais, representações e subjetividade.

Seropédica, RJ
Junho de 2017

N676i Niero, Stela , 1992-
INTELECTUAIS CATÓLICOS: CONCEPÇÕES INTEGRISTAS NA
REVISTA HORA PRESENTE E O CONSERVADORISMO CATÓLICO NO
BRASIL / Stela Niero. - 2017.
112 f.

Orientadora: Sílvia Regina A. Fernandes.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Ciências Sociais, 2017.

1. Integrismo. 2. Intelectuais Católicos. 3.
Secularização. 4. Igreja Católica. I. Fernandes, Sílvia
Regina A., 1967-, orient. II Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Ciências Sociais III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

STELA NIERO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Linha de Concentração em Dinâmicas sociais, práticas culturais, representações e subjetividade

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28/06/2017

Sílvia Regina A. Fernandes. Ph.D. UFRRJ
(Orientadora)

João Marcus Figueiredo Assis. Ph.D. UNIRIO

Marco Antonio Perruso. Dr. UFRRJ

Paulo Gracino Junior. Ph.D. IUPERJ

Sabrina Parracho. Dr. . UFRRJ

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, em especial a minha mãe Maria Inês Canto de Ávila Coelho, e aos meus familiares, que no decorrer da vida me proporcionaram os conhecimentos da integridade e da perseverança, não só pelo incentivo aos estudos, mas no desenvolvimento como ser humano.

Ao meu companheiro Jullian Rissardi da Rocha por seu carinho e amor e, por estar sempre presente me incentivando a seguir em frente e, não desistir dos meus sonhos.

E a todos que de alguma forma possibilitaram minha árdua caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força e esperança para superar as dificuldades.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro pela oportunidade de ingressar e concluir o curso e, ao programa de Mestrado em Ciências Sociais pelo ambiente criativo, amigável e acolhedor.

A minha orientadora Dr. Silvia Regina A. Fernandes, pelo empenho na elaboração deste trabalho, carinho e apoio em todos os momentos.

Agradeço aos professores, de modo geral, pela capacidade de me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade relacionados à educação no processo de formação profissional - o tanto que se dedicaram a mim não somente ao ensinar, mas ao transmitir de forma harmoniosa o tão sonhado aprendizado.

Aos meus pais e a minha madrinha Valeriana Maciel de Ávila, pelo amor, incentivo e apoio incondicionais.

Em especial ao meu companheiro Jullian Rissardi da Rocha que não mediu esforços para me apoiar e dar todo o suporte necessário nos momentos mais difíceis da caminhada.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação - o meu muito obrigada.

RESUMO

NIERO, Stela. **Intelectuais católicos: concepções integristas na revista *Hora Presente* e o conservadorismo católico no Brasil** 2017. 111p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2017.

A partir da análise da revista *Hora Presente*, este trabalho buscou entender o papel dos intelectuais católicos no período posterior ao Concílio Vaticano II. A pesquisa se constitui como um estudo de caso dos integristas ligados a revista publicada entre os anos de 1968 a 1978. O principal objetivo é entender as relações estabelecidas pelos intelectuais católicos ligados ao pensamento integrista com os demais grupos católicos e o Estado brasileiro durante esse período de repressão e privação das liberdades vivenciadas pela intelectualidade brasileira. O Concílio Vaticano II (1962-1965) convocado em 1961 pelo Papa João XXIII (1958-1963) buscou estabelecer um direcionamento para a Igreja procurando um diálogo mais aberto com a modernidade tendo uma tendência a pluralidade teológica e a tolerância a outras denominações religiosas. Sem dúvida, esse Concílio gerou desconforto em segmentos religiosos de posições mais conservadoras como a dos tradicionalistas e integristas que não compartilhavam das propostas conciliares que visavam a abertura da Igreja ao mundo moderno. O objeto de estudo é constituído, portanto, pelos intelectuais católicos tidos como conservadores do período posterior ao Concílio Vaticano II. Ao analisar as publicações da revista *Hora Presente*, pretende-se compreender a fenomenologia integrista enquanto movimento católico conservador gerador de conflitos sociais ligados a luta simbólico-normativa do catolicismo no Brasil. O quadro teórico utilizado na realização da pesquisa, se insere na perspectiva da sociologia da religião, em interface com a sociologia dos intelectuais, propondo, como já mencionado, uma análise do posicionamento dos intelectuais católicos, no período pós conciliar, observando como fonte privilegiada as publicações da revista *Hora Presente*. A pesquisa é fundamentalmente qualitativa, e se divide em três momentos, partindo primeiramente de uma análise histórica do surgimento da corrente católica integrista contextualizando-a dentro do processo de secularização, num segundo momento apresenta-se uma análise documental a partir dos discursos da produção intelectual integrista e, num terceiro momento a produção de intelectuais católicos na contemporaneidade, buscando as discontinuidades e permanências em relação os conflitos abordados anteriormente evidenciando os acontecimentos contemporâneos protagonizados pela Igreja Católica nas últimas décadas.

Palavras-chave: Integrismo, Intelectuais Católicos, Secularização, Igreja Católica.

ABSTRACT

NIERO, Stela. **Catholic intellectuals: Integrists conceptions in *Hora Presente* Journal and Catholic conservatism in Brazil**. 2017. 111p. Dissertation (Master in Social Sciences). Institute of Social Science, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2006.

The present work sought to analyze the role of Catholic intellectuals in the period after the Second Vatican Council. The research is constituted as a case study of the integristas connected to the magazine *Hora Presente*, published between the years of 1968 and 1978. The main objective is to understand the relations established by the catholic intellectuals linked to fundamentalist thinking with the other catholic groups and the Brazilian State o during this period of repression and deprivation of the freedoms experienced by the Brazilian intelligentsia. The Second Vatican Council (1962-1965) convened in 1961 by Pope John XXIII (1958-1963) sought to establish a direction for the Church in search of a more open dialogue with modernity theological plurality and tolerance of other religious denominations. Undoubtedly, this Council generated discomfort in religious segments of more conservative positions, such as the traditionalists and fundamentalists who did not share the conciliar proposals that sought to open the Church to the modern world. Our object of study is, therefore, constituted by the conservative Catholic intellectuals of the period after the Second Vatican Council. When analyzing the publications of *Hora Presente* Journal, we intend to understand fundamentalist phenomenology as a conservative Catholic movement that generates social conflicts and an important part in the normative symbolic struggle of Catholicism in Brazil. The theoretical framework used in the research is inserted in the sociology of religion approach in interface with the sociology of the intellectuals, proposing, as mentioned, an analysis of the position of the Catholic intellectuals, in the post-conciliar period. It is important to underline that our privileged source is the *Hora Presente* Journal. The research is fundamentally qualitative, and is divided into three moments, starting from a historical analysis of the emergence of the fundamentalist catholic current contextualizing it within the process of secularization, in a second moment we present a documentary analysis from the discourses of the fundamentalist intellectual production and in a third moment we analyze the production of Catholic intellectuals in the contemporary world, seeking the discontinuities and permanences in relation to the conflicts discussed previously, to highlight the contemporary events led by the Catholic Church in recent decades.

Key Word: Integrism, Catholic Intellectuals, Secularization, Catholic Church

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

ACJ	Ao Coletiva pela Justiça;
AJP	Ao, Justiça e Paz;
ALN	Ao de Libertação Nacional;
AP	Ao Popular;
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base;
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano;
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil;
JOC	Juventude Operária Católica;
TFP	Grupo Tradição Família e propriedade;
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura;
MST	Movimento Sem Terra
LGBTS	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgneros
PT	Partido dos Trabalhadores
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
LEC	Liga Eleitoral Católica
PRB	Partido Republicano Brasileiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I Perspectivas metodológicas	14
II Análise documental e análise de discurso	15
1. INTELLECTUAIS CATÓLICOS E O PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO	19
1.1 Igreja Católica e secularização	19
1.2 Integrismo católico	24
1.3 O conceito de intelectual	30
2. PRODUÇÃO INTELLECTUAL CATÓLICA	35
2.1 A revista <i>Hora Presente</i> : um estudo de caso	35
2.1.1 Características estruturais da revista	37
2.1.2 Características intelectuais	39
2.2 Concepções integristas na <i>Hora Presente</i> e a Igreja Católica	46
2.3 Igreja e Estado: Uma preocupação dos “intelectuais” da <i>Hora Presente</i>	54
3. CONSERVADORISMO RELIGIOSO NO SÉCULO XXI	60
3.1 Intelectuais católicos e percepções sobre o conservadorismo na atualidade	60
3.2 Concílio Vaticano II: ressonâncias de um dilema	68
3.3 Igreja e Estado no cenário político contemporâneo	77
4. CONCLUSÕES	84
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
6. ANEXOS	95
Anexo A - Exemplares da revista	96
Anexo B- Planilha de análise	104
Anexo C- Roteiro de entrevista	112

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar o papel dos intelectuais católicos no período posterior ao Concílio Vaticano II. A pesquisa se constitui como um estudo de caso dos integristas ligados a revista *Hora Presente*, que foi publicada entre 1968 e 1978, período de maior repressão vivido durante a Ditadura Militar Brasileira. O objetivo principal é entender as relações estabelecidas pelos intelectuais católicos ligados ao pensamento integrista com os demais grupos católicos e o Estado brasileiro durante esse período de privação da liberdade e repressão vivenciadas pela intelectualidade brasileira e, até mesmo por setores da própria Igreja Católica sendo então apontados como subversivos e perseguidos pelo regime.

Durante a ditadura militar brasileira (1964-1985) Estado e Igreja Católica passaram por um momento crítico com a ameaça de ruptura da boa relação existente entre as duas instituições. Além das mudanças nos fatores externos, a Instituição católica ainda enfrentava um período de divergência entre seus membros sobre a forma como a Igreja deveria se posicionar diante das novas demandas e questões dadas pela sociedade moderna. Dentre os fatores externos podem ser elencados a perda de fiéis para correntes neopentecostais e a perseguição do Estado a católicos ligados principalmente a Teologia da Libertação, sendo o caso dos dominicanos¹ o que mais repercutiu na imprensa da época.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) convocado em 1961 pelo Papa João XXIII (1958-1963)² buscou uma maior abertura ao diálogo com a modernidade, tendo uma tendência a pluralidade teológica e tolerância a outras denominações religiosas. Sem dúvida, esse Concílio gerou desconforto em segmentos religiosos de posições mais conservadoras como a dos tradicionalistas e integristas que não compartilhavam das propostas conciliares que visavam a abertura da Igreja ao mundo moderno.

Em contrapartida, esse mesmo Concílio animou os sacerdotes de concepções progressistas que buscavam um diálogo mais próximo com a modernidade, devido a crença que essa abertura proporcionaria uma maior aproximação entre Igreja e fiéis. Esse tipo de posição norteou os movimentos como a Teologia da Libertação que com o fim do Concílio Vaticano II, já sob o Papado de Paulo VI (1963-1978), puderam incentivar outros grupos do catolicismo como as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) que se multiplicaram no Brasil e nos demais países latinos americanos. Entretanto, as mudanças conciliares geraram no seio da Igreja Católica, um acirramento no antagonismo protagonizado por conservadores e progressistas.

No Brasil, a disputa entre essas duas correntes extrapolou seu caráter teológico e religioso e passou a ocorrer também no campo político. Diante desse argumento, a proposta deste trabalho é analisar como o discurso manifesto nessa luta simbólico-normativa³ foi construído pelo grupo de intelectuais católicos integristas que publicaram na revista *Hora Presente*, periódico de cunho integrista que ofereceu apoio político aos governos e que se contrapunha aos intelectuais de ideias progressistas e militante da esquerda católica.

¹ Freis Tito, Ivo, Fernando e Beto foram presos acusados de colaborar com o grupo de guerrilha ALN (Ação Libertadora Nacional) dirigido por Carlos Marighella.

² Período correspondente ao papado de João XXIII.

³ Conceito de Rodrigo Coppe Caldeira (2009) para designar a disputa de correntes de pensamentos divergentes que disputam a hegemonia de um mesmo campo.

Por integristas entende-se os católicos que apresentam ideias conservadoras em relação à modernidade, e se inserem dentro do tradicionalismo católico. Tais atores buscam preservar os ideais da fé “integral” no qual não há separação da vida religiosa e social. Além disso, afirmam que o catolicismo é a única religião verdadeira e que somente ele é capaz de garantir a coesão social. Pierucci (1992) observou como característica fundamental do posicionamento integrista surgido no século XIX, o objetivo por parte de seus representantes de denunciar e criticar os católicos favoráveis à incorporação das ideias modernistas ao catolicismo, os responsabilizando pela crise modernista vivida no seio da Igreja Católica.

Através dos artigos da revista *Hora Presente* é possível observar a existência de uma relação conflituosa entre duas correntes de intelectuais: os que buscavam um catolicismo integral zelando pela doutrina e posicionamento político antimodernista e, os que eram considerados progressistas - cujos posicionamentos se alinhavam às transformações da modernidade e convergiam com as propostas do Concílio Vaticano II.

Por progressistas os intelectuais da revista *Hora Presente* entendiam ser os católicos que buscavam adaptar as práticas religiosas aos avanços e mudanças oriundos da sociedade moderna, principalmente aqueles que buscavam no marxismo e nas ideologias socialistas as bases para um novo catecismo e uma nova forma de evangelização. Este modelo distanciava-se da perspectiva mais sobrenatural do cristianismo e buscava valorizar mais seu aspecto comunitário, o Cristo “homem”. Tais intelectuais progressistas eram vistos pelos intelectuais da *Hora Presente* como aqueles que se envolviam na “luta pelos pobres e oprimidos” e no incentivo a uma figura de clero que deveria liderar a luta contra as injustiças sociais.

Assim como seus predecessores históricos, os integristas que compunham o grupo *Hora Presente* também compartilhavam da missão de denunciar os católicos que estavam subvertidos em oposição ao verdadeiro catolicismo, ou da fé “integral”. O “mal” que buscavam combater ainda era os católicos de ideias modernistas, sendo os católicos ligados ao movimento da Teologia da Libertação seus principais “denunciados” no cenário nacional.

Embora a crítica fosse atribuída a todos que não se alinhassem ao catolicismo “integral”, os católicos mais frequentemente criticados por alguns dos intelectuais integristas da revista em análise eram fundamentalmente os que mantinham alguma aproximação com a Teologia da Libertação e suas propostas. Essa corrente católica estava fortemente engajada na luta pela justiça social e foi a grande incentivadora de movimentos nas classes menos favorecidas da sociedade brasileira. Seus representantes lutaram ativamente contra o regime político do governo militar, envolvendo-se algumas vezes com os grupos de oposição ao governo oferecendo apoio tático, como por exemplo, o caso dos freis dominicanos.

Entre os nomes dos católicos criticados pela revista encontram-se: D. Hélder Câmara, Alceu Amoroso Lima, padre Joseph Comblin e os padres dominicanos (como se referiam a Frei Tito, Frei Beto, Frei Ivo Lesbaupin e Fernando Brito). Em outros momentos as críticas foram dirigidas às publicações da mídia, como as da revista da editora Vozes e da revista *Vision*, ou a artigos específicos publicados pela Folha de São Paulo, ou então eram direcionados a movimentos católicos como AJP (Ação, Justiça e Paz), ACJ (Ação Coletiva pela Justiça), AP (Ação Popular), ou ainda relacionados a acontecimentos de determinadas dioceses, mas sem trazer o nome dos “acusados”.

Por um lado havia uma preocupação dos intelectuais integristas em denunciar a subversão dentro da hierarquia romana cometida pelos modernistas ou progressistas, por outro não havia um revide tão direcionado por parte da esquerda católica, que atacava mais

pelas ações em difundir uma Igreja conciliada com a modernidade, do que por veicular, através da imprensa, críticas dos grupos conservadores. No entanto, é preciso lembrar que a esquerda católica por estar relacionada às ideologias comunistas não tinha acesso livre aos meios de comunicação, pois eram censurados neste período. No entanto, é comum a referência aos conservadorismos, principalmente ao integrismo, de forma pejorativa, como se estivesse superado, principalmente pós Concílio Vaticano II, interpretado pela esquerda católica como uma mudança de paradigmas que levou a abertura da Igreja à modernidade. Os conflitos apresentados foram os norteadores da proposição desta pesquisa que partindo da produção intelectual desses grupos católicos buscou entender as causalidades que constituíram o surgimento e consolidação do movimento integrista no período pós-conciliar, relacionando os discursos por eles produzidos na revista em análise ao contexto e particularidades histórico-sociais da conjuntura de sua produção.

As motivações para a realização desta pesquisa surgem da inquietação ainda nos estudos para a realização do artigo de conclusão da graduação em História, quando no início do levantamento bibliográfico sobre o posicionamento da Igreja Católica em relação aos governos militares das décadas de 60 e 70 no Brasil, então é notado que há uma quantidade significativa de publicações que buscam analisar a parcela de católicos ligados aos movimentos de cunho mais progressista identificados como a esquerda católica e aos casos de oposição ao regime militar.⁴

Enquanto a análise dos movimentos e das ações desses intelectuais indicados pela literatura como progressista foi aprofundada e tornou-se presente nos estudos da História da religião e Sociologia da religião, esses estudos referentes à direita e ao conservadorismo católico eram escassos na literatura brasileira. Embora nos últimos anos tenham surgido trabalhos relevantes nessa área⁵, ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas, esperando pela análise dos cientistas sociais.

O ponto de partida da presente pesquisa é o final da década de 1960 por ser o período posterior ao Concílio Vaticano II e, que trouxe mudanças na conduta institucional da Igreja Católica e não agradou aos setores da Igreja contrários ao modernismo católico. Nesse contexto houve uma movimentação dos intelectuais católicos em direção à fundação de grupos que defendiam o catolicismo integral em reação aos católicos ligados a ideias mais progressistas que buscavam adaptar o catolicismo às concepções modernistas que ganhavam espaço junto aos fiéis da época. Tais concepções modernistas adquiriram legitimidade naquele período em função das diretrizes do novo Concílio.

Como publicações representantes dessa categoria de intelectuais ligados ao integrismo podemos destacar a revista *Catolicismo* fundada em 1960 para divulgar as ideias do grupo TFP (Tradição, Família e Propriedade) ambas fundada por Plínio Corrêa de Oliveira, a revista *Permanência* sediada no Rio de Janeiro e organizada por Gustavo Corção em 1968, e a revista

⁴Dentre essas podemos citar: ARNS, dom Paulo Evaristo. *Brasil Nunca Mais*. Editora Vozes, 1996; GASPARI, Elia A *Ditadura Derrotada*. Cia. Das Letras, 2003; DUSSEL, Enrique. *História da Igreja Latino-Americana (1930-1985)*. São Paulo. Trad. Eugenia Flavian, PAUULUS, 1989; BETTO, Frei. *Batismo de Sangue: Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985; Löwy. Michel. *A Guerra dos Deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000. Löwy. Michel *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez, 1991.

⁵GONÇALVES, Marcos. *As tentações integristas. Um estudo sobre imprensa católica, política e catolicismo no Brasil (1908-1937)*. Curitiba: CRV, 2012. CALDEIRA, Rodrigo Coppe. *Os Baluartes da Tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II*. Curitiba: Editora CRV, 2011. Alfredo Moreira da Silva Júnior *O Integrismo Católico Brasileiro e Sua Influência na Diocese De Jacarezinho*.

Hora Presente surgida no mesmo ano em São Paulo, essa última serve de fonte privilegiada para a construção desse trabalho.

O objeto de estudo é constituído, portanto, pelos intelectuais católicos tidos como conservadores no período posterior ao Concílio Vaticano II. Ao analisar as publicações da revista *Hora Presente* no período entre 1968 a 1978, há uma busca pela compreensão da forma como esses intelectuais integristas⁶ se relacionavam com os demais grupos católicos que compunham o cenário intelectual brasileiro, bem como sua relação com o governo militar, não deixando de considerar as influências e os pensamentos aos quais esses intelectuais estavam ligados.

O grupo de intelectuais referido está inserido na conjuntura histórica brasileira das décadas de 1960 e 1970. No entanto, o integrismo não é uma novidade histórica desse período, mas sua presença no catolicismo brasileiro pode ser observada pelo menos desde o início do século XX em correntes católicas que estavam de acordo com a posição antimodernista apresentada pela encíclica *Pascendi* de Pio X em 1907.⁷

O problema da pesquisa parte da ambiguidade existente nas posições teológicas e ideológicas dentro de uma mesma instituição, no caso, a Igreja Católica. Nesse sentido é preciso ter em vista que essa forma ambígua de pensamento e posicionamento em relação ao Estado adotado por alguns segmentos católicos no Brasil começou a se moldar ainda no período do Estado Novo. E, foi no período militar que os conflitos entre as duas orientações teológicas tornaram-se mais evidentes. Essa realidade permite-nos pensar como essas relações de conflito surgiram e quais teriam sido as rupturas e continuidades que vivenciaram até a contemporaneidade?

Para levantar hipóteses sobre a repercussão contemporânea dessa tensão foram realizadas entrevistas a alguns intelectuais ligados ao catolicismo. Seus relatos não propocionaram respostas conclusivas mas inspiraram a compreensão dos dilemas que envolvem intelectuais católicos conservadores e progressistas nos dias atuais em que o chamado “pensamento conservador” parece ganhar força.

A relevância da construção do trabalho é justificada pela necessidade de contribuir para uma discussão sobre os pensamentos conservadores presentes na produção intelectual brasileira que por muito tempo ficaram à margem da discussão sócio-histórica e, que na atualidade começam a ganhar notoriedade ao se pensar nas relações políticas e de poder na formação da sociedade.⁸

Deste modo vale destacar que mesmo que a análise abordada esteja inserida no contexto da ditadura militar brasileira (1964-1985) sua atualidade é latente considerando haver um antagonismo entre os grupos progressistas e conservadores que norteiam os caminhos percorridos pela instituição católica no presente.

⁶ Corrente teológica católica que surge em oposição a inserção de ideias oriundos do processo de modernização na doutrina da Igreja Católica, caracterizado por não aceitar as ideias iluministas e aceitar somente o catolicismo como a verdadeira religião.

⁷ Periodização proposta pelo estudo “As tentações integristas: Um estudo sobre imprensa católica, política e catolicismo no Brasil (1908-1937)” de Marcos Gonçalves publicado pela editora CRV. (Gonçalves, 2012).

⁸ A Produção acadêmica sobre a temática tem aumentado nos últimos anos, exemplo disso são as teses de mestrado como as de Glauco Costa de Souza “Conflitos teológicos e políticos da Igreja Católica no Brasil presentes nos artigos das revistas *Hora Presente* e *Permanência* (1968-1974)”, Sara Cristina de Souza Gomes “A Cristandade De Cores : a Igreja Católica e o Movimento de Cursilhos de Cristandade durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1980)” e Ramiro Barboza de Oliveira “o conservadorismo católico na imprensa de Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930 – os jornais o Horizonte e o Diário (1923-1937)”.

O quadro teórico utilizado na construção dessa pesquisa se insere na discussão acerca do processo de secularização resgatando alguns aspectos históricos desse processo para entender as raízes das relações dos conflitos aqui abordados, sendo indispensável o emprego das contribuições teóricas e metodológicas de Peter Berger (1985) no que se refere ao campo da sociologia da religião para se pensar nas relações institucionais como a religião na modernidade, incluindo-se aí os processos de secularização.

Considerando-se ainda a necessidade de estabelecer os contextos de surgimento da secularização observou-se o estudo de Daniele Menozzi (1999) “*A Igreja Católica e a Secularização*”, no qual o autor faz uma revisão histórica partindo da Revolução Francesa, para explicar como o processo de secularização contribuiu para o distanciamento das sociedades cristãs do rígido controle religioso exercido pela instituição católica. O emprego desse autor é imprescindível para que se entenda a formação dos grupos conservadores e dos grupos progressistas que se constituíram no interior da instituição católica cujas tendências mobilizaram as forças laicas que marcaram toda uma conjuntura social.

Embora o trabalho estabeleça uma análise sobre intelectuais que estão preocupados em primeira instância com uma problemática inserida no campo religioso, a discussão estabelecida pelos intelectuais acaba esbarrando no campo político. Essa característica talvez seja uma das mais recorrentes relacionadas aos intelectuais, “*é normal que o arquétipo do intelectual pareça quase sempre estar dimensionado pela sua distância ou proximidade com o poder político*” (GONÇALVES, M. 2012 p.165).

Diante disso o presente estudo se insere na perspectiva da sociologia da religião em interface com a sociologia dos intelectuais propondo uma análise do posicionamento dos intelectuais católicos, tanto leigos quanto regulares, no período pós conciliar, observando como fonte privilegiada as publicações da revista *Hora Presente*.

I - Perspectivas metodológicas

No que se refere à análise dos documentos empregados entende-se que “*A História Intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços socioprofissionais e nos contextos históricos*” (SILVA, 2002).

A pesquisa apresenta uma proposta metodológica fundamentalmente qualitativa que está dividida em três momentos, em primeira instância há uma análise histórica do surgimento da corrente católica integrista e de sua relação de divergência com o progressismo católico com o qual empreendem uma disputa pela hegemonia ideológica dentro do campo religioso em que estão inseridos. Nessa etapa, a pesquisa bibliográfica busca estabelecer uma conceituação de integrismo fundamentada na teoria da secularização e contextualizada no âmbito da crise modernista considerando as mentalidades que proporcionaram seu surgimento e os modelos criados por diversos grupos a partir dessas ideias.

Num segundo momento apresenta-se uma análise documental da produção intelectual integrista no Brasil durante as décadas de 1960 e 1970 em que os documentos analisados foram todos os vinte e quatro números do periódico *Hora Presente*. Os intelectuais são entendidos aqui como agentes produtores da história que atuam na construção de um determinado campo ideológico inserido nas práticas sociais. A análise do grupo de intelectuais formados pela revista *Hora Presente* buscou contemplar sua formação histórica e social, relacionando-as com a fenomenologia recorrentes no aparecimento do integrismo em diversos momentos históricos.

Num terceiro momento buscou-se analisar a produção de intelectuais católicos que vêm pensando as questões referentes ao sigma do conservadorismo católico na contemporaneidade, buscando entender suas relações e distanciamentos com os conflitos abordados na pesquisa e que evidenciem os acontecimentos mais contemporâneos que a Igreja Católica vem protagonizando. Nesta parte serão apresentadas as entrevistas realizadas, onde se procurou compreender narrativas atuais de intelectuais próximos ao catolicismo. Essas entrevistas têm por objetivo levantar hipóteses sobre orientações atuais de intelectuais católicos de diferentes correntes.

Destaque-se dentre essas ocorrências as particularidades do pontificado do Papa Francisco que vem endossando novas perspectivas ao debate. “*O estudo do presente tem pelo menos como resultado obrigar a objetivar e a controlar as pré-noções que o pesquisador projeta sempre sobre o passado*” (BOURDIEU. Pierre, 2000, p.34) .

Para Bourdieu (2000) o uso do raciocínio analógico é um importante instrumento de construção do objeto. Essa ferramenta permite o aprofundamento na particularidade do caso estudado sem realizar generalizações vazias, mas raciocinando a partir do caso particular que consiste em pensá-lo verdadeiramente como tal. Tal modo de pensamento é percebido pelo autor como algo que se concretiza de modo lógico. Assim, Bourdieu (2000) nos mostra que utilizar o método comparativo permite pensar racionalmente um caso particular constituído como caso particular do possível tomando-se como base de apoio as homologias estruturais entre campos diferentes ou entre estados diferentes do mesmo campo como se pretende a presente pesquisa. A realização das análises da produção dos intelectuais católicos da atualidade, o qual valoriza as publicações em meios online e eventuais entrevistas permitirá entender quais foram as discontinuidades e permanências na forma de pensar o catolicismo que se originaram no Concílio Vaticano II e que continuaram a refletir na sociedade brasileira.

II - Análise documental e análise de discurso

Os textos dos intelectuais analisados na pesquisa não serão entendidos como ideias individuais, mas como a constituição de um modelo ideológico construído por um grupo, levando-se em conta o pressuposto de que o estudo sociológico não se constrói a partir de único indivíduo, mas de uma organização ou comunidade (BECKER, 1997, p.117). A revista *Hora Presente* é empregada como um estudo de caso na forma como Becker (1997) o propõe. Existe a busca por uma visão mais abrangente do grupo produtor da revista, de forma a traçar quem são seus membros, quais seriam suas atividades e interações mais recorrentes e as relações que estabelecem entre si e a sociedade. Pretende-se formular ainda concepções teóricas mais abrangentes sobre os fenômenos revelados na análise no que tange aos conceitos de conservadorismo e progressismo na modernidade.

Becker (1997) chama a atenção para a necessidade de o pesquisador ficar atento aos incidentes do grupo, pois estas podem revelar as expectativas de interação sendo importante a observação das mudanças de linguagem que podem evidenciar que um evento ou pessoa não se caracterizam suficientemente como o grupo e, por isso são designados linguisticamente de forma diferente. É necessário lembrar que os estudos de caso carregam o peso de revelar as oposições entre a realidade operacional e a imagem com a qual seus membros esperam e buscam demonstrar ao mundo.

O grupo ligado a revista analisada está circunscrito a um período histórico específico, não sendo mais existente, o que inviabiliza uma observação direta de seus representantes na atualidade. Desta forma o campo principal para realização da observação e coleta de dados é

o arquivo (CUNHA, 2005). Na construção da pesquisa é feito o uso da revista *Hora Presente* disponível em meu arquivo pessoal cujos exemplares foram adquiridos em sebos nos Estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. Serão consultados ainda documentos oficiais da Igreja disponibilizados nos *sítios* do Vaticano e da CNBB. Os artigos publicados na revista serão analisados buscando entendê-los dentro do seu contexto de produção. Considerando, portanto, o arquivo como campo principal no presente trabalho, os informantes, que neste caso serão efetivamente os autores da revista *Hora Presente* deverão, como assinalado por Fresher (2002) ser constituídos teoricamente a partir da documentação, ou seja, por não se tratarem de agentes físicos no presente deverão ser reconstruídos pelo pesquisador. O campo de estudo será construído tendo como foco para a análise a problematização da produção e organização realizada pelos sujeitos ligados a revista *Hora Presente* e, aos demais grupos católicos inseridos no contexto histórico e social dos anos de 1960 e 1970 quando as revistas foram publicadas.

A motivação para aplicar os pressupostos metodológicos do campo em relação ao arquivo é a possibilidade de não relegar o grupo estudado como simples objeto de investigação, mas entendê-los como interlocutores das relações sociais que produziram buscando uma análise que permita uma teorização mais consistente dessas relações.

De acordo com Fresher (2002) a construção do interlocutor se estabelece a partir da interação do arquivo, pesquisador e teoria. Essa posição teórico-metodológica é utilizada há muito tempo no ofício dos historiadores sendo esse procedimento por eles denominado de “crítica às fontes”. O procedimento consiste na procura por evidências de seus “personagens históricos”, assim como um espelho retorcido como caracterizou Carlos Ginzburg: “o pesquisador busca decifrar para qual lado ele está retorcendo, buscando revelar percepções sobre a realidade social, assim como o faz o informante em sua concepção clássica” (APUD. FREHSE, 2002, P.149).

Na sociologia esse procedimento metodológico aparece ao analisar os conteúdos discursivos na perspectiva dos indivíduos produtores de sentido. Os intelectuais da *Hora Presente* e seus discursos produzidos no período delimitado para essa pesquisa ajudam a explicar e reconceituar categorias chaves considerando as relações entre esses sujeitos sociais, o Estado e a Igreja.

Partindo da perspectiva sociológica entende-se como Bourdieu (2000) que a construção do objeto exige uma postura ativa e sistemática de dados evitando o risco da passividade empirista. Segundo o autor, tal postura representaria o ato do pesquisador limitar-se a corrigir as pré-construções do senso comum. Ao interrogar sistematicamente o caso é possível compreender as características gerais e invariáveis do fenômeno em análise. Em relação à delimitação de um recorte que viabilize a investigação dos artigos na revista *Hora Presente* - publicada por quase todo o período ditatorial brasileiro – entende ser necessário estabelecer uma amostragem. O periódico veiculou cerca de vinte e quatro números ao total com cerca de 250 páginas em cada exemplar gerando uma enorme quantidade de dados que dificilmente poderiam ser analisados em curto tempo. Como analisa Becker:

A amostragem é um problema enfrentado pela maioria dos pesquisadores, pois mesmo que haja o interesse por todos os aspectos que os dados podem nos revelar, nem sempre há tempo para se estudar tudo, sendo praticamente impossível em alguns casos (BECKER, 2007, 95).

A amostragem segundo Becker (2007) é uma forma de sinédoque, onde o pesquisador busca mostrar uma parte do todo que vai estudar para que sua pesquisa se mostre significativa, o problema é que nem sempre a parte escolhida pode evidenciar o todo que se pretende.

Desta forma para a construção da amostragem pretendida para a pesquisa foram elencadas categorias chaves a partir das principais questões teóricas, a saber: 1) Igreja e Estado; 2) Anti-progressismo e 3) Pensamento integrista. A partir de tais categorias serão classificados os conteúdos dos artigos da revista buscando efetuar uma amostragem racional. Essas amostras serão contextualizadas levando em consideração os textos analisados e, que foram produzidos por agentes sociais ligados a uma instituição que buscava alcançar resultados racionalmente estabelecidos.

Becker (2007) chama a atenção para o fato de que as instituições ao produzir serviços para atender as necessidades das pessoas espalham a normatização daquilo que as pessoas devem querer. E, ao estabelecer a análise dos dados para a pesquisa retirados dos artigos da revista *Hora Presente* considere que a revista estava a serviço de um princípio religioso, a partir do qual seus articuladores buscavam defender as ideias que consideravam como valores e conduta do catolicismo “verdadeiro” ou como diziam em suas palavras do “catolicismo integral”. Ao mesmo tempo, tais atores procuravam condenar e repreender as condutas que não eram aceitas por eles.

Para a construção dessa análise são empregadas contribuições metodológicas da análise do discurso compreendido como prática social e ação historicamente situada. Assim, entende-se que os discursos são produzidos dentro de uma estrutura, na qual os indivíduos que o produzem podem utilizá-los tanto para manter quanto para modificar essa organização estrutural (RESENDE; RAMALHO, 2013).

De acordo com Resende e Ramalho (2013) o discurso e a sociedade estabelecem uma relação dialética, no qual o primeiro é constituído pela sociedade e suas identidades sociais. Deste modo ao mesmo tempo em que o discurso é moldado pela sociedade este possui a capacidade de moldá-la. Portanto, o uso conceitual do discurso não é uma variável institucional, ou mera atividade individual, mas uma prática social.

O discurso é, portanto, um elemento da vida social que está relacionado a outros elementos que produzem ações capazes de modificar a sociedade. Em geral, é organizado em três dimensões: nas estruturas textuais, na prática social e nas práticas discursivas, sendo o texto e a prática social as duas pontas dos eventos discursivos mediadas pelas práticas discursivas. As práticas sociais estão estabelecidas em níveis abstratos, fazendo parte delas as ideologias, os sentidos, as pressuposições, as metáforas, a hegemonia, as orientações políticas, econômicas e culturais. (RESENDE; RAMALHO, 2013).

As autoras entendem ainda que as práticas discursivas são os meios de produção, distribuição, contextos, consumo, coerência e intertextualidade dos discursos, e o texto vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual, ou seja, a concretização do discurso. É seguindo essa metodologia de análise do discurso que se pretende analisar a produção intelectual da revista *Hora Presente*. Tal produção não será compreendida apenas como texto discursivo, mas como a prática cultural dos intelectuais católicos inseridos no contexto aqui delimitado.

Outra abordagem interessante sobre o discurso é elaborada por Anthony Giddens (1991). Segundo ele, na fase mais avançada da modernidade por ele denominada de “tardia” produziu-se uma revisão intensa pelos atores sociais, na maioria dos aspectos da vida social. Podemos afirmar que foi nesse contexto de descontinuidades das formas

culturais pré-modernas que o discurso integrista teria surgido, buscando manter a hegemonia dentro do discurso religioso católico - que com os movimentos de secularização passaram por um momento de disputa interna entre os posicionamentos teológicos.

Seguindo a perspectiva de Giddens (1991) adotada por Resende e Ramalho (2013) há um desencaixe das formas simbólicas destituídas pelas mídias de seus contextos originais, fazendo com que sejam decodificadas e reestruturadas em contextos fora dos que foram criados embora sejam distribuídos globalmente, são internalizados localmente, podendo causar conflitos discursivos.

Esse pressuposto sustentaria o problema proposto pela pesquisa em que as concepções integristas surgidas no contexto da Igreja Católica na modernidade tardia teriam se distanciado no espaço e no tempo histórico e, absorvidos por um discurso de outros contextos, gerando conflitos locais como os apresentados nos anos 60 e 70 no Brasil entre grupos católicos conservadores e grupos católicos de tendências mais progressistas.

Após estabelecidos os pressupostos teóricos e conceituais que originaram as disputas simbólico-normativas entre o grupo de intelectuais integristas estudados e o seu grupo discursivo em oposição, os intelectuais progressistas, considera –se a relação desses intelectuais com outros grupos e instituições também produtores de discurso. Assim, documentos pontifícios, notas da CNBB e demais documentos produzidos no contexto histórico serão analisados.

1. INTELLECTUAIS CATÓLICOS E O PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO

Neste capítulo será abordado o processo de secularização em interface com os movimentos intelectuais católicos conservadores. Partindo de uma elaboração do estado da arte do processo de secularização nas ciências sociais para o melhor entendimento de sua evolução enquanto fenômeno histórico e socialmente observável.

Num segundo momento será apresentada uma conceitualização de integrismo católico, tendo como ponto de partida a construção histórica e a contextualização dentro do processo de secularização. Ao estudar o integrismo católico, busca se evidenciar suas características enquanto movimento intelectual. Diante disso ainda neste capítulo será traçado o conceito de intelectual com a suprema finalidade de se perceber a qual tipo de intelectual os colaboradores da revista *Hora Presente* podem ser inseridos.

1.1 Igreja Católica e secularização

Neste ponto será analisado o processo de secularização da sociedade buscando trazer de forma mais específica se a discussão dos desdobramentos do processo de secularização no Brasil possibilitou e/ou contribuiu para o desenvolvimento de grupos ligados ao fenômeno do integrismo brasileiro. Pretende-se analisar quais as implicações que esse processo gerou na forma de organização dessa sociedade.

A discussão proposta sobre a secularização neste trabalho não tem como intuito desenvolver ou defender uma nova proposta teórica sobre secularização, ou mesmo analisar se o cenário religioso no Brasil apresenta indícios de secularização. No entanto, parte se da premissa de que sua existência enquanto categoria presente na produção intelectual de teólogos, historiadores, antropólogos, sociólogos e cientistas sociais, recorrente nas últimas três décadas, representando também uma categoria norteadora de forma direta ou indiretamente das preocupações expostas pelos intelectuais da revista *Hora Presente* - objeto de análise. Tendo por base esta proposição, objetiva se a análise da forma como essa categoria teórica/conceitual foram construídas e sincronicamente incorporadas pelos intelectuais católicos estudados.

Nesta discussão empreenderá uma revisão teórica fundamentada nas teorias da secularização de Peter L. Berger (1985), Daniele Menozzi (1999) e Stefano Martelli (1995) para entender a construção do processo de secularização. Do mesmo modo a concepção weberiana de racionalização estabelecendo um paralelo entre esse conceito e o de secularização. Em relação a esse último autor pretende-se pensar não o Weber evolucionista e apologético como descrito por alguns teóricos do desencantamento do mundo que atribuem a ele a falência da teoria do fim das religiões, mas sim, o Weber preocupado com uma análise lógica das ações humanas, assim como destaca Antônio Flávio Pierucci:

Max Weber sempre foi teoricamente avesso a previsões fechadas com pretensão monológica no formato teológico-hegeliano do gênero filosofia da história. Como, então, atribuir-lhe a tese do "fim histórico da religião"? (PIERUCCI, 1998).

A secularização vem sendo estudada há tempos pela sociologia da religião. Seu emprego, no entanto, não é algo simples, nem significa que haja um consenso em relação a seu valor real na existência das sociedades modernas. Nos estudos mais recentes a teoria da

secularização (ao menos a sua parcela na qual é compreendida como o processo que resultará no fim da religião) vem recebendo críticas sob o argumento do surgimento de novos movimentos religiosos.

A mudança da relação entre a religião e a sociedade observada com o advento do mundo moderno é apresentada como uma preocupação dos teóricos da sociedade ao menos desde o século XIX, período este que provocou as transformações ocorridas no século anterior, relacionando –os aos movimentos ocorridos na Europa como o iluminismo, a derrubada do antigo regime deflagrado com a Revolução Francesa e o processo de industrialização que contribuíram para a descentralização do poder religioso da vida dos indivíduos sendo fonte para a análise social.

Assim como observou Renato Ortiz (2001) a relação entre a religião e a modernidade foi muito discutida pelos sociólogos, bem como as categorias ligadas à perda desta centralidade como organizadora de uma sociedade tal como o processo de desencantamento do mundo, a separação da Igreja e Estado, o desenvolvimento da ciência moderna e a secularização das instituições e das relações sociais produzidas em seu entorno.

José Zapeda (2010) lembra que os autores como Comte, Durkheim, Weber, Marx e Parson considerados clássicos pela sociologia buscaram compreender as origens, natureza e sentimentos da sociedade moderna por diversas perspectivas, no entanto algumas discussões entre especialistas cercadas de posições ideológicas e mecanicistas levaram a difusão do conceito de “secularização” como sinônimo de “sem religião”.

Dessa forma se hoje as compreensões sobre o processo de secularização apresentam novos rumos onde a “tese dura da secularização” a qual pode ser entendida como” um *processo lento e inexorável a caminho do fim da religião*” (ZAPEDA, JOSÉ J.L. 2010 p.131), vem recebendo inúmeras críticas, é necessário entender que o pensamento sociológico é construído tendo como referência os fatos históricos e contexto sociais disponíveis aos pesquisadores. Além disso, por ser a secularização um fenômeno ligado ao campo das mentalidades, sua construção acontece na temporalidade da longa duração⁹, e seu processo encontra-se ainda em curso, sendo dessa forma lógico que haja mudanças e críticas seguidas de reconstruções ou reinterpretções da teoria da secularização conforme surjam novos contextos histórico-sociais.

A observação de Zapeda (2010) Durkheim e Weber já haviam esboçado o problema em sustentar o inevitável desaparecimento da religião. O primeiro via a sociedade como *“intrinsecamente religiosa, embora em sentido imanente”* (MARTELLI,1995 P.30) entendendo que ela seria o objeto da experiência religiosa coletiva, por acreditar que a racionalidade humana não é o suficiente para sustentar a moral necessária ao ordenamento das sociedades. Enquanto Weber, embora mal compreendido por alguns de seus pares os quais lhe atribuem a previsão teológica do fim da religião, observou ao tratar do “desencantamento do mundo” que este não seria um fenômeno que conduziria toda a sociedade de forma linear para uma visão de mundo plenamente calcada na racionalidade instrumental.

De acordo com Flávio Pierucci (1998) embora atribuam a Weber a posição de fundador da teoria da secularização, o termo aparece pouquíssimas vezes em seus textos, sendo mais frequente a terminologia “desencantamento do mundo” sobre o qual chama a

⁹ Conceito desenvolvido por Fernand Braudel em 1958 para designar os diferentes tempos históricos, representando um avanço para a historiografia por aproximar-se com o estruturalismo e afastar-se da crítica do atualismo atribuído por este.

atenção pelo equívoco de muitos pesquisadores da sociologia da religião, tratem os dois termos como sinônimos, quando apresentam distinções dentro da obra weberiana.

Pierucci (1998) ao analisar a obra de Weber destacou as seguintes diferenças entre os termos citados acima: o “desencantamento do mundo” foi utilizado por Weber para se referir a luta da religião contra a magia, enquanto “secularização” foi acionada para referir-se a luta da modernidade contra a religião representado pelo declínio da religião como potência atemporal centralizadora dos valores culturais e da organização social, tendo seu poder desestabilizado ao enfrentar sua separação com o Estado. Nesse sentido, pode -se falar sim de uma secularização na sociedade brasileira em algumas instâncias uma vez que o Brasil teve decretada a separação Igreja/Estado no âmbito normativo-constitucional.

Stefano Martelli (1995) destacou que mesmo se a teoria da Ação de Weber que foi a que significativamente ofereceu uma perspectiva mais completa de instrumentos conceituais para uma sociologia da religião universal, é preciso ter em mente que os fundadores da Sociologia embora tenham se referido aos fenômenos religiosos, estavam preocupados em entender as causas e motivações das mudanças sociais que observaram do que os fenômenos religiosos em particular.

Na segunda metade do século XX os estudos sobre a secularização ganham notoriedade dentro da sociologia da religião, e é nesse período que a discussão sobre o processo secularização ganha consistência passando a ser organizada como teoria dentro das vertentes sociológicas que estudam a religião.

Dentre os teóricos da secularização que buscam analisá-la por perspectiva aplicada especificamente à religião estão segundo Martelli (1995) Acquaviva cuja teoria compreende a secularização como dessacralização, Berger que compreendeu a secularização como perda de poder e plausibilidade da religião-de-igreja, Wilson que defendeu a secularização como racionalização, Luckmann que entendia a Religião como subjetivação e Luhmann com sua teoria da secularização como privatização e diferenciação social.

Rumo ao último terço do século XX, Peter Berger e Thomas Luckmann deram um novo impulso à reflexão sociológica sobre a secularização ao constatar, desde diversos ângulos, os limites e as insuficiências da chamada “tese dura”. Berger, embora constatasse que na modernidade o processo de racionalização, institucionalizado na economia, a técnica e a burocracia haviam deslocado a religião do centro da sociedade para o âmbito privado, também advertia que esse fato possibilitava um pluralismo religioso, desmonopolizando as tradições religiosas hegemônicas, colocando-as em concorrência umas com as outras, mas não eliminando-as. (ZAPEDA, 2010 p.131)

Em seu livro “O dossel Sagrado” Peter Berger buscou compreender a religião como produto da história e formulou alguns enunciados sobre a relação entre religião humana e a construção do mundo, através de sua compreensão em termos dialéticos. Segundo Berger (1985) a religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado, onde o sagrado se apresenta como uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem, mas que se relaciona com ele. Para o autor, a religião significou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo: “a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (BERGER.1985 p.41).

Stefano Martelli (1995) compreende que Peter Berger buscou em sua teorização destacar os pontos dentro da tradição religiosa ocidental que se constituíram como impulsos

para a secularização, buscando diferenciar os efeitos sócio estruturais dos sócios-culturais no processo de secularização.

Dentro dessa perspectiva Berger buscou entender a secularização como fenômeno histórico social disponível empiricamente e de grande relevância para a história do ocidente, o autor procurou realizar uma análise despida de pressupostos ideológicos e advertiu que a discussão sobre a defesa ou a negação da secularização não deve ser preocupação das ciências sociais, afirmando que “*se esses processos devem ser deplorados ou saudados é irrelevante no âmbito do universo de discurso do historiador ou do sociólogo*”(BERGER, 1985, p. 119).

A partir dessa perspectiva da teoria da secularização de Berger que se entende as relações estabelecidas entre o processo de secularização – reconhecendo sua especificidade para o caso brasileiro - e os intelectuais católicos aqui analisados. Busca –se observar suas ações como um fenômeno histórico social observável, pois os intelectuais da *Hora Presente* estruturam suas ações em um contexto de modernização religiosa capitalizado pelo Concílio Vaticano II, baluarte da modernização religiosa que esses intelectuais buscavam combater.

Dessa forma o objetivo desses intelectuais em se organizarem em grupos editoriais, era alertar e denunciar ao maior número de católicos os perigos e prejuízos que o processo de secularização – entendido como a abertura ao pluralismo - estavam causando para a sociedade. Vale lembrar que esse fenômeno não foi particular aos integristas da *Hora Presente* ou dos demais grupos integristas brasileiros, mas algo que pode ser observado em todo mundo ocidental cristão.

O discurso desses intelectuais tem como característica a demonização das ações que entendem como secularizantes e, muitas vezes se utilizam das passagens bíblicas sobre tentações do demônio visando convencer seus interlocutores sobre os perigos do mundo secular. Dentro dessa dinâmica um artigo editorial da publicação da revista *Hora Presente* nº 2 de 1968 acusa o Humanismo Naturalista de substituir o lema pastoral “*instaurar tudo em Cristo*” instituído por São Paulo, por “*restaurar tudo no Homem*”. O editorial da revista usa a passagem do pecado original para explicar a secularização.

Com Seu sacrifício na cruz, porém, Jesus veio resgatar a humanidade e estabelecer uma Nova Aliança entre as criaturas e o Criador. Os efeitos da rebelião desencadeada pelo “Seres como deuses” encontraram, assim, os instrumentos adequados para a sua cura. Em face disso o Humanismo Naturalista se patenteia como tentativa de desfazer a Nova Aliança e procurar seduzir o homem com a mesma tentação da serpente: “Sereis como deuses”. Condição indispensável para esse desiderato é a SECULARIZAÇÃO do Cristianismo. (HORA PRESENTE, nº 2 nov/dez., 1968, p.19)

Os intelectuais da *Hora Presente* entendiam a secularização como um movimento que tinha por objetivo abolir o sentido cristão da vida e restaurar os princípios do paganismo¹⁰, desfazendo a “Nova Aliança” instaurada entre os homens e o criador com a vinda de Jesus Cristo. Eles ainda excluía da política qualquer referência a ordem sobrenatural, onde substituí o Direito Natural cristão¹¹ por um conteúdo doutrinário baseado na declaração

¹⁰ Hora presente, nº 2 nov/dez 1968)

¹¹ Conceito usado no editorial da Hora Presente

universal dos Direitos do Homem fazendo o homem retornar ao plano exclusivo da natureza que se encontrava antes do resgate de Cristo na cruz.

Para esse grupo de intelectuais que partilha do desejo de conservar a sociedade dentro dos preceitos da “verdadeira” fé cristã - ou seja, a que se enquadra na perspectiva integrista do catolicismo - as várias correntes modernas tanto as “de fora” que não são ligadas ao catolicismo, quanto as “por dentro”¹² que são as correntes referentes aos grupos católicos favoráveis à modernidade, visam destruir a Igreja. Aqui o destaque é para esse grupo que pode ser denominado conservadores segundo a perspectiva de Oakeshott (2012). Para esse autor, o conservadorismo se expressa pela tendência a uma forma de pensar e se comportar em que há uma escolha pelo familiar, próximo e real frente às possibilidades desconhecidas e distantes. Trata-se de uma opção por uma conduta em que é preferível conservar, cultivar e desfrutar das condições já existentes ao invés de expandir. Oakeshott assinala que a postura conservadora consiste em escolher evitar o risco da perda frente aos ganhos das promessas e da novidade. Os intelectuais da *Hora Presente* fazem a escolha pelo catolicismo tradicional ao invés de sua forma “progressista”, preferem cultivar e conservar as práticas já instituídas mesmo que isso signifique uma perda de fiéis a uma expansão incerta na qual acreditam poder levar a uma perda irreversível da religião. Eles preferem que a sociedade se mantenha na “verdadeira fé” baseada nas estruturas sociais e morais já constituídas em lugar de se abrir para as incertezas e liquidez do mundo moderno (BAUMAN,2001).

Na concepção desses intelectuais a Igreja tem o dever de se manter una e esquivar-se de combater as ideologias que visam “*destronar Deus e colocar o Homem no Seu lugar*” (HORA PRESENTE, nº2, p.20, 1968) surgidas no decorrer da história. Diante dessa forma de pensar, a revista *Hora Presente* serve de instrumento para que esse grupo exerça suas práticas de “verdadeiros católicos” combatendo esses posicionamentos que em seu presente se caracterizam pelo liberalismo e socialismo. Embora esse combate seja feito de maneira a abranger tanto as formas de pensar dos grupos “de fora” quanto dos que estão “por dentro” há um maior esforço em denunciar os grupos e indivíduos inseridos no seio do catolicismo e, que de certa forma estariam ligados à correntes fundamentadas nesses princípios modernistas, pois para esses intelectuais tais princípios são incompatíveis e antagônicos a Fé cristã.

A dignidade da criatura humana, o autêntico sentido da liberdade, os direitos e deveres fundamentais de cada homem segundo a Lei Natural – confirmada e aperfeiçoada pela lei de Cristo no Evangelho – não encontram a plenitude do seu alcance fora do Cristianismo. (HORA PRESENTE, Nº2, p.22, 1968)

Assim como descrito na citação acima os intelectuais de tendências integristas acreditam que a sociedade somente pode se organizar de maneira plena quando se afasta das tendências secularizantes, por isso compreendem como heresia o movimento de católicos que buscam adaptar a doutrina instituída nos mais de dois mil anos da Igreja às ideologias inflamadas de dado momento histórico.

Nessa direção os intelectuais da *Hora Presente* dirigiram duras críticas a corrente progressista da Igreja, principalmente ao movimento da “Nova teologia”¹³ aos quais acusavam constantemente de subverter a moral e doutrina da Igreja às ideias marxistas, utilizando-se de interpretações equívocas de textos papais e, de retirar o caráter sobrenatural do cristianismo, sendo acusados, por deixar de falar em santos e milagres para atribuir os

¹² Idem.

¹³ Uma das formas como se referiam a Teologia da Libertação nas publicações da “Hora Presente”

sacramentos a um propósito puramente “comunitário” e a liderança do clero volta-se para a organização de movimentos político-sociais.

Em entrevista concedida pelo Cardeal Agnelo Rossi então Prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos publicada na revista *Hora Presente*, em 1974 na seção *Documentos* sobre essa forma de evangelização engajada.

Devo dizer que um tipo de “evangelização”, de sabor marxista ou burguês, não é nem pode ser o *sal da terra* nem *luz do mundo*. É uma caricatura grotesca que acentua exageradamente alguns traços que deviam ser menos salientes e silencia ou nega os aspectos fundamentais do cristianismo. É uma grave redução de fé cristã, quando não mutilação ou negação da vida espiritual e do sobrenatural. (HORA PRESENTE, nº17, p. 206, Dez/1974)

Para tanto na análise deste objeto a secularização é considerada tanto como fator histórico sociológico motivador do agir dos indivíduos, quanto como categoria de discussão intelectual praticada pelos intelectuais católicos. Parte –se da premissa que “*As instituições, papéis e identidades existem como fenômenos objetivamente reais do mundo social, embora eles e este mundo sejam ao mesmo tempo produções humanas.*” (BERGER, 1999, p.26).

1.2 Integrismo católico

Ao trabalhar nesta pesquisa com o conceito de integrismo busca -se observá-lo como fenômeno e categoria de análise relevante para que se entenda o catolicismo no Brasil. Ao propor um estudo dos intelectuais integristas e sua produção intelectual no período pós Concílio Vaticano II, se quer contribuir também para a discussão de tendências compreendidas como sendo da “direita brasileira”, ou seja, dos setores da sociedade que desejam ou agem de forma a manter a sociedade brasileira em *status quo*.

O integrismo corresponde a teologia de caráter mais conservador e ortodoxo, é importante ressaltar que essa corrente se distancia do conservadorismo de tipo liberal tendo entre suas principais características um posicionamento antiliberal e antiprogressista que contribuíram para que esses intelectuais integristas entendessem o Concílio Vaticano II como uma oposição aos seus ideais. Com o surgimento de um catolicismo que almejava uma modernização hábil em estabelecer um equilíbrio entre a fé e as contribuições da intelectualidade a perspectiva integrista fez emergir em contrapartida um catolicismo comprometido em salvaguardar as tradições, que se pretendia integral, e único capaz de regenerar a sociedade (ANTOINE, 1980,11).

Embora o Concílio Vaticano II tenha desencadeado uma efervescência nas reações da corrente integrista, a raiz histórica dessa forma de pensar surge muito antes, com um catolicismo intransigente surgido no século XIX. O intransigentismo foi um movimento estruturado a partir da rejeição clara e decisiva da modernidade. Segundo Pierucci (1992) o catolicismo intransigente do qual o integrismo derivou coincidiu com o ultracismo ocorrido na França, assim como demonstrado pelo trabalho de Rémond (1982). Os ultras são considerados pela literatura especializada como a primeira extrema direita a surgir na História, a qual surge em defesa do Antigo Regime. Para o autor (Pierucci, 1992) é importante compreender a aproximação entre esses dois movimentos, pois o fato nos informa que o

intransigentismo¹⁴ e, posteriormente o integrismo que dele deriva é desde seu surgimento aos dias atuais - a extrema direita católica.

O conceito de integrismo não pode ser entendido, no entanto, como algo homogêneo e imutável e, sim deve estar devidamente situado em cada momento histórico. Deste modo, enfatizar que apesar de se propor um estudo do integrismo brasileiro no período pós conciliar, não foi a primeira vez que tal corrente ganhou notoriedade em uma conjuntura histórica no Brasil. Fica clarividente no estudo “*As Tentações Integristas*” onde o autor Marcos Gonçalves (2012) defende que o integrismo está presente desde o início do século XX a partir da encíclica *Pascendi*¹⁵ de Pio X em correntes majoritárias do catolicismo no Brasil. O trabalho de Gonçalves (2012) ainda destaca a importância da doutrina e ações assumidas pelo catolicismo na política brasileira ao longo dos anos 1930, principalmente na influência exercida na constituição de 1934. Apesar da separação entre Estado e Igreja o catolicismo é reconhecido como religião oficial.

A construção de nação almejada pelo catolicismo estava alinhada com uma perspectiva integrista, como se observa pela seguinte análise.

Além do que, não há como separar as demandas observadas na ação social para o Brasil, de, pelo menos três aspectos: nem da ambição de um projeto de cristianização da sociedade, nem dos vínculos que esse projeto funda pela inspiração que busca modelos mais direitistas do catolicismo europeu, e menos ainda, da combinação entre conjunto das Igrejas católicas nacionais (diga-se, o catolicismo universal) e governos autoritários que se debatem com os impactos, o perigo e o risco do comunismo, tendo em vista o colapso das ideologias liberais da época. (GONÇALVES, P.11, 2012)

Durante a ditadura varguista o integrismo esteve presente entre inúmeros meios intelectuais e, muitos deles ligados ao movimento que ficou conhecido como Ação Integralista Brasileira¹⁶. Embora ambos os movimentos compartilhem de valores e fontes intelectuais semelhantes, como por exemplo, a influência lusitana do integralismo português. Sendo dois movimentos distintos e independentes embora, o primeiro apresente como um de seus ideais a defesa de uma sociedade cristã regrada pela doutrina católica, este foi notavelmente um movimento de motivações político-civil. Enquanto o integrismo de raízes históricas muito anteriores seja um movimento que se aproxima do campo político surge de preocupações teológicas da hierarquia católica, cujo principal objetivo é defender o catolicismo tradicional e mantê-lo livre das influências do modernismo.

O integrismo pode ser entendido de acordo com Marcos Gonçalves (2012) como uma tendência teológica nascida no interior da hierarquia católica romana para defender-se do

¹⁴O intransigentismo ou Catolicismo Intransigente é uma corrente católica surgida no século XIX, que se baseia em uma rejeição clara e decisiva da modernidade, por identificarem o moderno como a principal causa da ruptura da estrutura tradicional do "Cristianismo".

¹⁵ Carta encíclica *pascendi dominici gregis* do sumo pontífice PIO X “Aos Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos E Outros Ordinários Em Paz E Comunhão Com A Sé Apostólica: Sobre as Doutrinas Modernistas” Dado em Roma em 8 de setembro de 1907. Esta carta condena o modernismo católico, por considerá-lo como uma síntese de todas as heresias anunciadas pelo evolucionismo, relativismo, marxismo, cientificismo e psicologismo. Levando ao Papa formular o "juramento antimodernista", obrigatório para todos os padres, bispos e catequistas, que esteve vigente até 1967, quando foi abolido pelo Papa Paulo VI.

¹⁶ Organização política de âmbito nacional inspirada no fascismo italiano, fundada por Plínio Salgado em 1932, extinta em 1937 quando Vargas decretou o fechamento da AIB, juntamente com todas as demais organizações partidárias do país.

modernismo tido como o inimigo. Essa corrente se opõe a outras religiões e não aceita os costumes e a moral a não ser aqueles concernentes ao catolicismo integral. Para além disso, o integrismo perpassa o campo político cuja mentalidade pretende preservar a relação e aproximação entre Estado-Igreja. É geralmente simpático aos governos antidemocráticos e apresenta-se como opositor ao socialismo e suas tentações laicizantes.

Embora o integrismo seja entendido como mentalidade, teologia, programa eclesial de grupos católicos ou figura histórica opositora do modernismo ele é caracterizado por tendências que não podem ser entendidas como algo estagnado, mas como fenômenos recorrentes em variados momentos históricos nos quais se manifesta. (Gonçalves, 2012). Essa forma de pensar o catolicismo não vai se restringir à hierarquia da Igreja Católica e de seus clérigos, mas passará a ser difundida, interiorizada e defendida pelo laicato, produzindo intelectuais cuja ressonância vai ser significativa no campo social.

Em seu livro, Charles Antoine (1980) questiona como poderia haver divergência e repúdio entre dois grupos que derivam de um mesmo princípio, ou seja, do catolicismo. O autor Daniele Menozzi (1999) vai atribuir ao processo de secularização essa separação de posições que os católicos irão adotar em relação à modernização da sociedade.

Com a propagação das ideias iluministas e os resultados da revolução de 1789 a Igreja Católica vai passar por um momento novo e de crise em sua fé. O grande desafio dessa instituição nesse momento foi enfrentar o advento da modernização e decidir quais caminhos seguir ao dar continuidade à missão evangelizadora católica. Dentro deste contexto começa a se organizar dentro da Igreja formas díspares de se posicionar perante aos acontecimentos. Alguns intelectuais católicos apresentam-se mais favoráveis à modernização, buscando conciliar sua posição teológica com as novas ideias e outros recusam as ideias modernizadoras contrárias aos seus princípios conservadores.

O integrismo vai ter origem nesse grupo cujo posicionamento se faz contrário ao processo de modernização. Segundo Menozzi (1999) dois pontos devem ser considerados nesse embate católico em relação à secularização: 1. A convicção da existência do órgão supremo do papado como única forma de garantir a estabilidade do Estado e da sociedade; 2. A oposição aos “*philosophes*” que colocam a razão acima da fé sendo os responsáveis pelo ateísmo, princípio absolutamente condenado pelos integristas, pois para eles não pode haver sociedade sem religião e, somente o poder hierárquico piramidal poderia colocar ordem em uma sociedade civil subvertida pelo iluminismo (MENOZZI, 1999, 23-24). O poder do papado neste sentido é quem dará os direcionamentos a essas divergências entre os distintos grupos ligados ao catolicismo sejam esses componentes da hierarquia sacerdotal ou pertencentes ao laicato que se estendem até a atualidade.

Segundo Danielle Menozzi (1999), o papa Pio XI (1922-1939) se coloca contra as ideias iluministas mais ferrenhamente do que seu predecessor. Ele condena essas ideias acusando-os de ser um “veneno do demônio” cuja finalidade é a destruição de todos os vínculos sociais.

De acordo com Danielle Menozzi (1999) como ação de combate a esse “veneno” o Papa aconselhava que houvesse um zelo com a ortodoxia por parte do clero ao difundir a “verdadeira filosofia” que deveria estar fundamentada no princípio de que a ordem só pode ser alcançada através da autoridade religiosa. A Igreja não tinha forças para organizar uma cruzada para restituir o seu poder, seja por não ter mais o apoio da monarquia, seja por ter em seu seio grupos simpáticos à modernização da Igreja que davam maior importância às práticas efetivas das virtudes evangélicas.

Na era revolucionária e, entre os católicos favoráveis à Revolução surgiram posições tendentes a reportar-se à secularização não tanto em termos de reformulação de papel diretivo da Igreja na sociedade, mas como ocasião de uma reforma de estrutura eclesial baseada no abandono do poder. Sem ousar uma afirmação explícita do princípio do operar político e social do homem, projetavam uma Igreja, empenhada somente no cumprimento das práticas evangélicas. (MENOZZI, Danielle, 1999, p.45)

Desde o período revolucionário forjador do processo de secularização, as divergências teológicas e políticas ganham raízes que vão resultar no desejo Conciliar da igreja.

Já no período do papado de Leão XIII (1878-1903) houve grandes debates entre aqueles que seriam desejosos de uma maior abertura às exigências do mundo moderno buscando uma aproximação com a ciência histórica. Apesar de ter publicado a Encíclica “*Libertas*” em 1888 onde fez uma firme declaração de princípios que remeteu à cristandade medieval, o papa Leão XIII procedeu, na prática, de forma a aceitar alguns aspectos da forma moderna de Estado (MENOZZI, 1999).

Gonçalves (2012) lembra que o teólogo Hans Küng observou que os católicos reformistas acreditavam na modificação do pensamento de Roma, devido à política de aproximação entre Igreja e cultura adotada por Leão XIII. Contudo perceberam um equívoco ao avistarem a retomada da intransigência romana no final de seu papado com a criação da Comissão Papal Bíblica para restringir e controlar as interpretações dos textos bíblicos.

De acordo com Menozzi (1999) seu sucessor, Pio X (1903-1914) empenhou-se em extinguir as correntes modernistas do interior da Igreja tendo seu pontificado sido defensor das ideias teológicas mais radicais e conservadoras.

Pio X pautou grande parte de suas ações guiado por uma mentalidade antimoderna, antiprotestante e intransigente. Esforçou-se na vigilância e controle do clero e na condenação de diversos movimentos que buscavam espaços de negociação no catolicismo. Posicionou-se francamente contra os partidos confessionais, contra o progressismo de setores da França e os *sillonistas* de Marc Sangnier. (GONÇALVES, 2012, P.41)

Daniele Menozzi (1999) assinalou que foi nesse período que a teologia política integrista se tornou uma importante peça cultural do catolicismo assim permanecendo pelo menos até o Concílio Vaticano II (1962-1965).

O autor afirma que a perspectiva medievalista foi derrotada ainda na primeira fase do concílio. O Concílio vai trazer a perspectiva de igreja peregrina, ou seja, capaz de se renovar e atender as necessidades da contemporaneidade. O argumento da sociedade perfeita é desqualificado ao reconhecer que a Igreja sofreu desvios que devem ser corrigidos à luz de uma renovação pela compreensão do evangelho.

Embora o Concílio Vaticano II tenha aberto a Igreja à renovação e à modernização, isso não significou o fim da teologia integrista. Segundo Marcos Gonçalves, integristas como Marcel Lefebvre continuaram rebatendo as teses modernistas acusando o Concílio Vaticano II de aliar-se ao liberalismo moderno e de afastar-se de seus verdadeiros princípios (GONÇALVEZ, 2012).

O período do Concílio Vaticano II vai ser uma época de efervescência dos movimentos católicos na América Latina. Ao final do Concílio, em 1965, aconteciam

movimentos e reuniões como o CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano, o Encontro Episcopal Latino-americano de Banhos no Equador (1966), a X Assembleia do CELAM em Mar del Plata, a qual o bispo brasileiro Dom Hélder Câmara¹⁷ foi impedido de participar. Outros encontros ocorreram também na Colômbia, Chile e, por fim no Brasil que realizou o Encontro da pastoral Social em Itapoã (DUSSEL, 1989, P.43).

Esses encontros foram realizados para discutirem os caminhos da Igreja Latino-americana em relação à renovação episcopal e aos grandes desafios da Igreja nesse período. De acordo com Henrique Dussel (1989) se encontrava primeiramente o desafio do povo latino americano, cuja memória histórica é anterior à colonização e que apresenta a prática de um catolicismo popular, diferente daquele com o qual a Igreja institucional estava acostumada a conviver.

Dussel (1989) pontua ainda o desafio da Igreja em ter que optar só pela reforma ou também pela revolução devido ao socialismo vinculado ao cristianismo ser seriamente discutido, e por fim, o modo de entender a função da Igreja na sociedade política e civil. Essa discussão vai proporcionar um ambiente ambíguo de opiniões, em particular, no cenário brasileiro.

De acordo com os estudos de Rodrigo Coppe Caldeira (2009), Dom Geraldo de P. Sigaud e Dom Antônio de Castro Mayer eram os principais representantes do catolicismo conservador e antimoderno brasileiro na segunda metade do século XX. Esses intelectuais lideraram a Aliança Conservadora para defender uma Igreja nos moldes do século XIX que via o Papa como única fonte de poder e cuja posição integrista é irredutível às ideias que ameaçam o poder eclesiástico sedimentado.

Caldeira (2009) afirma que depois de se institucionalizar em outubro de 1964 o *Coetus Internationalis Patrum*¹⁸ articulou alianças com os demais grupos tradicionalistas passando a exercer pressão para que suas posições teológicas fossem difundidas, as concepções defendidas por esse grupo e seus seguidores vão ao encontro da fenomenologia integrista que não aceita o diálogo entre a Igreja e a modernidade. Entre as ideias difundidas pelos integristas podemos citar a defesa da hegemonia do poder papal; o catolicismo como única religião verdadeira e, portanto, a única que pode ser professada; a manutenção da culpabilidade dos judeus pela morte de Jesus; a luta contra a renovação litúrgica e realização da missa nas línguas nacionais e a condenação explícita do comunismo (GONÇALVES, 2012, P.428).

Segundo Dussel (1989) esses grupos marginais do catolicismo brasileiro ganharam fôlego em suas ações com a instauração do golpe de 1964. Essa fase vai significar um retrocesso a posições já superadas pela ala progressista. Segundo o autor é nesse momento que começam as perseguições a grupos de tendências modernistas como a Ação Católica, a JOC (Juventude Operária Católica) e a Ação Popular, cujos líderes vão ser perseguidos, presos e exilados.

Os grupos divergentes ganham mais um ponto para a discussão, a ditadura militar, enquanto os grupos progressistas como a Teologia da Libertação vão oferecer resistências ao regime muitas vezes prestando ajuda às milícias de resistência e, contando com Dom Hélder que não se cala frente à violação dos direitos humanos que foram cometidos inclusive contra

¹⁷ Bispo que denunciou casos de tortura no Brasil, D. Hélder foi duramente criticado pela revista “Hora Presente”

¹⁸ Grupo formado por bispos participantes do Concílio Vaticano II, ao qual estavam ligados os bispos brasileiros Dom Geraldo de P. Sigaud e Antônio de Castro Mayer, o qual tinham como objetivo de impedir a influência progressistas nas decisões conciliares.

padres e dominicanos. Os grupos integristas vão ter uma certa simpatia ao regime ditatorial uma vez que esse regime apresentava ideias convergentes às suas.

De acordo com Michael Löwy (2000) embora tenha havido a abertura e disposição de uma aproximação entre a Igreja e ciência defendidas pelo Papa João XXIII (1958-1963) e posteriormente pelo Concílio Vaticano II, a Igreja no Brasil escolheu pelo caminho conservador antidemocrático e autoritário pautados no argumento da criação de uma nova pátria “bolchevique” brasileira, o que para Löwy (2000) era puramente imaginário.

O autor afirma que as forças repressivas destruíram e marginalizaram a esquerda cristã, sendo seus integrantes as primeiras vítimas da caça às bruxas realizada pelo governo militar. Com o decorrer do tempo, cada vez mais católicos de esquerda passaram a apoiar os grupos clandestinos de oposição a sociedade civil, entre eles muitos padres, freiras, dominicanos e alguns bispos. Algumas dessas lideranças radicalizaram essa oposição, como os dominicanos entre 1967 e 1968 que ajudaram o grupo de guerrilha ALN (Ação para Libertação Nacional), fundado por Carlos Marighella antigo líder do Partido Comunista dando apoio tático para o mesmo (LÖWY, 2000).

A partir dos anos 1970 houve um fortalecimento do movimento católico de esquerda, principalmente com o surgimento da Teologia da Libertação e de uma maior mobilização entre católicos. O desacordo entre Estado e Igreja gerava conflito entre essas duas instituições (LÖWY, 2000). É importante ressaltar que, como visto anteriormente, os integristas da *Hora Presente* não admitiam que houvesse um conflito entre as duas instituições, e sim com determinados indivíduos que praticavam a subversão do verdadeiro catolicismo.

Em 1985, o fim da ditadura militar e o início do processo de redemocratização não significaram o fim desse conflito ideológico, e da luta simbólico-normativa entre as duas correntes. De acordo com Löwy (2000), em 1986 o papa João Paulo II escreve uma carta de apoio a Igreja brasileira. A política do Vaticano nos anos posteriores foi de normalizar a Igreja. Para Charles Antoine (1980) essa medida foi uma tentativa de enfraquecer a Igreja progressista no Brasil através da nomeação de bispos conservadores e, em especial aqueles que tinham uma maior tendência a desmantelar as pastorais para ocupar os cargos.

O autor ainda pontua que o objetivo do Vaticano era substituir a maioria dos bispos membros da CNBB, a qual a partir de 1971 esteve nas mãos da ala progressista, a concretização dessa mudança veio a ser atingida somente em maio de 1995 com a eleição de Dom Lucas Moreira Neves, bispo de Salvador, o mesmo que se colocou contra a Teologia da Libertação e que não quis se pronunciar em 1969 sobre o incidente com Frei Tito, assumindo um posicionamento conservador (LÖWY, 2000).

No período que sucedeu a 1985, com a redemocratização no Brasil e com a nova constituição, Igreja e Estado passaram a ter um maior distanciamento. Essa mudança do contexto sócio político do país levou a um período de menor visibilidade entre as disputas simbólicas normativas vivenciadas pelas correntes católicas. Com o fim da perseguição do governo aos católicos ligados aos movimentos mais progressistas, houve um período de desenvolvimento e consolidação desses movimentos como, por exemplo, o das Comunidades Eclesiais de Base que se multiplicaram pelo país, e que embora ainda sejam existentes no contexto histórico atual não produzem uma atuação tão inflamada como foi observada nas décadas de 1960 e 1970.

Em contrapartida as correntes mais conservadoras observaram a partir do final dos anos 1980, principalmente entre os pontificados de João Paulo II e posteriormente de Bento XVI, uma interpretação do Concílio Vaticano II que colocou panos quentes na discussão sobre a aproximação da igreja com a modernidade. Acrescente-se que com o pontificado do

Papa Francisco a Igreja tem sido cada vez mais impulsionada a repensar sua posição frente às demandas da sociedade moderna, muitas das ações praticadas por Francisco tem causado reações dos setores mais conservadores da Igreja Católica, que chegaram a alcançar alguma visibilidade nos meios midiáticos como por exemplo, o episódio em que as ruas do Vaticano amanhecem tomadas por cartazes com críticas a Francisco¹⁹ e a carta enviada por quatro cardeais apontando “erros doutrinários” de Francisco e pedindo esclarecimento sobre o documento *Amoris Laetitia*²⁰.

1.3 O conceito de intelectual

A problemática sobre os intelectuais não é algo recente nos meios acadêmicos. Há muito tempo pesquisadores das áreas das Ciências Humanas e, em particular os cientistas sociais vêm percebendo sua relevância na organização da cultura. No entanto, a definição de intelectual não é simples nem estática. Comumente o termo intelectual está associado ao exercício das atividades de natureza teórica e reflexiva ligado aos homens das letras e das artes.

A concepção de intelectual apresenta significados distintos em diferentes contextos históricos. Não somente os encargos da função de intelectual, ou seja, das atividades e do papel desempenhado por eles, mas também quais indivíduos podem ser considerados como intelectuais, estes são objetos de discussão entre os estudiosos que por sua vez também podem ser considerados como integrantes da intelectualidade.

Assim como destacou Norberto Bobbio:

Quando os intelectuais falam dos intelectuais estão falando, na realidade, de si próprios, mesmo se por uma curiosa duplicação da personalidade acabam por falar da própria confraria, como se a ela não pertencessem. Não é preciso ser médico para falar de medicina, ou jôquei para falar de hipismo. Mas não se pode falar de intelectuais, e, portanto, sem ser, naquele momento, um intelectual, mesmo que não consciente de sê-lo. (BOBBIO, 1997, p.9)

Norberto Bobbio (1997) ainda destaca que em todas as sociedades existiram intelectuais mesmo que tenham sido referidos por termos diferentes. Segundo o autor, o poder exercido pela produção e transmissão das ideias sempre esteve presente ao lado dos poderes econômico e político das diversas formas de sociedade, pois o homem em sua condição de animal falante possui a necessidade de expressar seus pontos de vista e valores simbólicos a seus pares.

Considerando a afirmação do autor de que em todas as sociedades existe ou existiram intelectuais há um questionamento levantado por Antonio Gramsci (1985) em que os intelectuais se constituem um grupo social autônomo e independente correspondendo a um grupo sócio profissional específico. Ou ainda de que eles encontram-se distribuídos pelos diversos grupos sociais, exercendo a função de uma categoria especializada dentro de cada um desses grupos.

¹⁹VERDÚ, Daniel. Papa Francisco é alvo de uma campanha ultraconservadora nas ruas de Roma. In: **El País**. 6 FEV 2017. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/06/internacional/1486389998_417068.html

²⁰PERASSO, Valéria. Quem são os cardeais rebeldes que acusam o papa Francisco de heresia. In: BBC 16 de novembro 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998143>

Gramsci (1895) assim como grande parte dos autores que escreveram sobre os intelectuais, concorda que essa não é uma questão simples de ser resolvida, devido a variabilidade histórica da formação das categorias intelectuais. No entanto, o autor buscou demonstrar em seu texto “*Os intelectuais e a organização da cultura*”, por exemplos históricos, que existem vários segmentos intelectuais em classes diferenciadas. O autor entende que na formação de cada grupo social busca-se produzir camadas de intelectuais que exerceram a função de organizá-lo de forma homogênea.

Gramsci (1985) apresenta um conceito de intelectual orgânico, no qual o intelectual mantém um vínculo direto com sua classe de origem, ou seja, apresenta uma lógica de formulação e transmissão de ideias compatíveis com os interesses da classe pertencente. Dentro dessa concepção de intelectual compreende-se que qualquer indivíduo tem a capacidade de ser intelectual porque todo homem em algum momento desenvolve uma atividade intelectual apresentando sua visão de mundo, gostos ou age dentro de suas concepções morais ainda que nem todos passem a desempenhá-la. O exercício da função intelectual está relacionado às relações sociais exercidas pelos indivíduos.

Gramsci (1985) buscou diferenciar os tipos de formação dos intelectuais onde considerou dois tipos distintos. A primeira categoria refere-se aos intelectuais tradicionais que buscam manter a organização social dentro das relações de poder de dominação já existentes, sendo o intelectual eclesiástico um exemplo típico pertencente a essa categoria. A segunda categoria de intelectual proposta pelo autor é o intelectual inovador, ou orgânico que mesmo mantendo contato com a formação dominante não esquece o seu *habitat*, a sua origem. Esse intelectual faz a crítica da cultura e, é caracterizado por aquele que exerce a função de organizador e crítico da sociedade através da capacidade de criar ideologias hegemônicas.

O intelectual tradicional é tipificado no intelectual eclesiástico devido ao fato de este grupo ter mantido sob seu domínio o controle hegemônico das mentalidades durante todo o período histórico da idade medieval, exercendo seu poder de forma coercitiva no controle do desenvolvimento cultural. O novo tipo de intelectual vai aflorar somente no mundo moderno com a revolução francesa, em 1789, quando um novo grupo social se organiza e passa a exercer sua função social de maneira desvinculada dos interesses das velhas classes, conseguindo estabelecer sua ideologia como organizadora hegemônica da sociedade.

De acordo com Gramsci (1985) quando um grupo social surge com a intencionalidade de exercer o domínio da sociedade logo se mobiliza na luta para atrair os intelectuais tradicionais a fim de garantir o controle ideológico. A capacidade de atrair esses intelectuais tradicionais está diretamente relacionada à velocidade com que o grupo tem de formar seus próprios intelectuais orgânicos.

Esse modelo teórico proposto por Gramsci pode ser observado nas relações estabelecidas pelo grupo de intelectuais da *Hora Presente*. A partir do momento em que se organizou de forma a produzir seus intelectuais o grupo formado caracteristicamente por intelectuais ligados ao meio acadêmico - principalmente por professores universitários, buscou na categoria de intelectuais tradicionais um meio de legitimar suas posições ideológicas, a saber, a do catolicismo integral como a única maneira possível de organizar a sociedade civil de forma a capturar junto a esses intelectuais sua rede de dominação garantindo a hegemonia.

Gramsci (1985) chama a atenção para as formas de criação de intelectuais afirmando que tais formas não são democráticas e, estão ligadas a processos históricos tradicionais enraizados. Para o autor, a formação de intelectuais na sociedade moderna está estritamente relacionada à formação dada pelas escolas. Quanto maior for o grau de especialização da

educação e sua divisão em diversos níveis, maior vai ser também a especialização dos intelectuais podendo dessa forma originar ao mesmo tempo uma camada de intelectuais técnicos, outra de funcionários e, ainda outra de profissionais liberais.

Ao definir o papel do intelectual na sociedade, Gramsci o faz de acordo com seus referenciais marxistas enfatizando como deve ser o agir do intelectual na sociedade. O autor tem em mente o agir dos intelectuais oriundos do proletariado cujo engajamento está nos partidos de esquerda. Seu texto é ao mesmo tempo uma análise rica do “ser intelectual” e do “dever ser” onde faz uma convocação para que os intelectuais orgânicos exerçam sua função.

Assim como a definição de intelectual não é unívoca o vocábulo para designar os agentes praticantes dessa função também não o é. Desse modo, outro termo possível é o de “*intelligentsia*” que foi frequentemente utilizado nos séculos XIX e XX para se referir aos indivíduos bem instruídos da população, cujo conhecimento era usado para a defesa dos interesses da nação.

Ao fazermos uma revisão dos conceitos sobre os intelectuais é válido lembrar a advertência feita pelo historiador italiano Noberto Bobbio sobre a confusão comumente presente entre análise e a proposta do conceito de intelectual.

Talvez a mais grave e imperdoável [confusão], é a incapacidade de distinguir, no discurso sobre os intelectuais, o plano do ser do plano do dever ser, a postura descritiva da postura prescritiva, o momento da análise e o momento da proposta. Uma coisa é delimitar a área na qual é correto usar o termo “intelectual”, jamais esquecendo que outros termos equivalentes foram usados em outros tempos, outra coisa é acrescentar qual deva ser sua função na sociedade segundo este ou aquele ponto de vista. (BOBBIO, N. 1997, p.13)

Karl Mannheim (2001) apresenta o conceito de “*intelligentsia*” para se referir ao grupo responsável por criar a síntese dos conflitos sociais e mediá-los para a sociedade. Diferentemente da concepção de intelectual de Gramsci, o intelectual mannheimiano é “desenraizado” de sua classe social. Não que ele não possa apresentar em suas formulações problemas ligados a sua classe de origem, mas ao entrar para a “*intelligentsia*” passa a desenvolver suas ideias de maneira autônoma aos interesses dessa classe.

Para Mannheim (2001) o membro da “*intelligentsia*” possui as ferramentas necessárias para enfrentar os problemas de seu contexto histórico de maneira multiperspectivada, por possuir a capacidade de experimentar uma análise de dois pontos conflitantes do mesmo objeto. Sincronicamente ele está mais sensível a mudar seu ponto de vista em relação aos conflitos. Essa característica, não significa, de acordo com Mannheim (2001), que a *intelligentsia* se constitui em uma camada superior em relação a outras classes, nem tampouco que ela possui alguma vantagem em comparação a outros grupos para superar o engajamento de classe. O autor deixa claro ao usar a expressão “*intelligentsia* relativamente descomprometida” que está se referindo ao fato de os intelectuais não apresentarem uma forma homogênea de agir e de se posicionar politicamente diante de algumas situações, como acontecem em outros agrupamentos sociais.

As motivações particulares dos intelectuais, segundo Mannheim (2001) estão relacionadas com os diferentes graus de contato que eles têm com a cultura. Este contato pode ser relacionado com o “ser culto”. É certo que todos de alguma maneira adquirem um corpo de conhecimento para solucionar os problemas práticos de suas vidas. No entanto, o

desenvolvimento do conhecimento do intelectual se refere não somente as suas questões particulares, mas sim a competência de pensar os problemas que envolvem toda a sociedade.

Mannheim (2001) entende que o conhecimento pode ser adquirido de duas formas distintas: a primeira ocorre quando os indivíduos são obrigados a resolver problemas práticos em suas vidas, mas de maneira inconsciente e espontânea; a segunda forma de aprendizado é caracterizada pela transmissão do conhecimento através da “educação” e, portanto não espontânea.

No mundo ocidental a mudança na forma de educação relacionada ao processo de secularização da sociedade é apontada por Mannheim (2001) como a origem da mudança social, no qual os homens “*cultos*” vão deixar de ser monopólio de uma classe (eclesiástica) para compor um estrato social composto por pessoas de origens diversificadas. Esse movimento teria dado origem ao *processo intelectual*.

Mannheim discorda da afirmação de que o intelectual moderno surge em detrimento do ceticismo de uma fé em declínio. Ao contrário acredita que a secularização e a multipolarização dos pontos de vistas são consequências da perda de capacidade da casta monopolizadora de formular as respostas exigidas pelo seu tempo, enquanto que o intelectual moderno buscou estar presente nas polaridades de sua sociedade, e por apresentar essa característica mais dinâmica, o intelectual moderno encontra-se melhor capacitado para rever suas opiniões e reconstruí-las completamente.

Nesse ponto há de se concordar com Mannheim, pois os intelectuais analisados embora tenham em sua grande maioria uma formação construída através dos mecanismos modernos de educação, articulam seus pensamentos e produção intelectual a sua fé no catolicismo. A secularização não significou o fim do pensamento religioso, mas possibilitou que a questão religiosa fosse pensada fora dos meios tradicionais (eclesiásticos) e passasse a disputar o seu lugar na sociedade com outras formas de pensar e organizar o mundo.

Ao analisarmos os intelectuais da revista *Hora Presente* observamos sua aproximação com o conceito de “*intelligentsia*” proposto por Mannheim, em suas publicações. A intenção de fornecer as respostas de como a sociedade deveria se comportar e quais construções ideológicas poderiam ser aceitas ou não. Em alguns de seus artigos a revista afirma ter como um de seus objetivos a oferta de apoio ideológico ao governo militar.

Diante dessa característica apresentada pelos intelectuais estudados é lançada, fundamentalmente não do conceito de intelectual mannheimiano principalmente por entender o que o grupo pretendia com uma “*intelligentsia*” do governo militar. No entanto ao observar a discussão acima, o conceito de intelectual apresenta um campo teórico bastante amplo, dessa forma busca - se evidenciar as proximidades e distanciamentos com o conceito mannheimiano.

Ao aproximar os intelectuais com o conceito de “*intelligentsia*” não significa que os demais conceitos de intelectual aqui relatados não sejam relevantes para a construção do objeto de estudo proposto. Distante disso, entendemos que a proposta de formação e organização dos grupos de intelectuais sugeridas por Gramsci muito contribuiu para se entender o cenário intelectual do contexto histórico citado.

Refletindo sobre as formas de organização dos intelectuais indicadas por Gramsci em relação ao grupo de intelectuais da *Hora Presente*, num primeiro momento pode -se pensar – o Grupo que compõe a revista *Hora Presente* é católico, e tem como objetivo defender um catolicismo tradicional. No entanto, ao observar a maneira como esse grupo de intelectuais foi constituído, ainda que não seja classificado como intelectual moderno do tipo orgânico,

muitas vezes sendo antagônico a eles, a forma que escolheram para se organizar é ironicamente moderna.

Isso ocorre porque ao mesmo tempo em que esse grupo de intelectuais defende um posicionamento inserido dentro da mentalidade que esteve sob domínio eclesiástico durante a Idade Medieval, ele apresenta características estruturais do intelectual moderno, onde ele (re)surge com a intencionalidade de exercer o domínio ideológico de determinado grupo social e, embora esteja ligado a um pensamento religioso ele não pertence institucionalmente a Igreja Católica, sendo formado por leigos que pertencem a uma categoria sócio profissional com alto grau de especialização que ao se organizar vão em busca de intelectuais do tipo tradicional característico, ou seja, os intelectuais eclesiásticos para garantir a legitimidade de seu posicionamento ideológico que neste caso é o integrismo.

2. PRODUÇÃO INTELECTUAL CATÓLICA

Neste capítulo serão citadas as análises acerca da revista de cunho integrista *Hora Presente* fonte privilegiada para a construção desse trabalho. Para a construção das análises foram divididos e classificados os artigos publicados nesta revista em três categorias: 1) Igreja e Estado, 2) Antiprogressismo e 3) Pensamento integrista.

Partindo destes eixos temáticos centrais busca - se entender a relação construída entre esse grupo de intelectuais com os demais setores da sociedade na conjuntura em que estavam inseridos. Para tanto apresenta - se a estruturação material e intelectual da revista. Ao tratarmos o grupo como um estudo de caso há o objetivo de caracterizá-lo como fenômeno histórico-social observável o que permitiu melhor compreensão do integrismo enquanto movimento intelectual católico e conservador muito relevante na construção de lutas simbólicas-normativas dentro do catolicismo brasileiro.

2.1 A revista *Hora Presente*: um estudo de caso

A temática sobre os intelectuais tem sido amplamente discutida no meio acadêmico da atualidade. O interesse pelos “intelectuais” não é recente. No Brasil o tema ganhou maior espaço na passagem dos anos 1970 para 1980 - fato que pode ser atribuído em maior ou menor escala pela privação do exercício dessa atividade nos anos de ditadura militar.

A partir dos anos 1920 os setores intelectuais brasileiros eram constituídos fundamentalmente por indivíduos oriundos de famílias oligárquicas que enfrentavam uma crise de perda de status. De acordo com Daniel Pécaut (1989), obrigados a renunciar ao antigo estilo de vida dos “cultos” carecido pela decadência de sua classe de origem, os intelectuais sentiram a necessidade de buscar uma “profissionalização” e de participar do debate político da época.

Com a ascensão do Estado Novo na década de 1930 os intelectuais passaram a ser mobilizados com a finalidade de contribuir para a legitimidade de um Estado forte tão logo esse grupo atraído pelos cargos públicos passou a construir seus pensamentos em favor das ideologias das classes dirigentes, como no caso do nacionalismo, tema cada vez mais discutido nos meios intelectuais.

Daniel Pécaut (1989) acredita que essa defesa do nacionalismo por parte desses intelectuais está relacionada em algum grau com o interesse de serem reconhecidos pelo Estado. O autor aponta três linhas de interesse comuns a esse grupo de intelectuais. Em primeiro lugar está a oligarquia decadente que era seu grupo social de origem e, em segundo a consciência de pertencimento a uma categoria sócio profissional particular e, em terceiro sua inserção como membros da administração estatal.

Essa ambiguidade de interesses cara a esse momento histórico contribuiu para que os intelectuais desse período apresentassem como projeto a vontade de fundamentar o campo cultural e político contribuindo para legitimar as instituições como Igreja, Exército, Estado e instituições de ensino ao novo contexto histórico. Movimento semelhante também vai ocorrer nas décadas de 1960 e 1970.

O processo de conversão dos intelectuais em agentes políticos assumiu, a partir de 1915, o caráter de um movimento global e realizou-se sob diversas formas: vaga nacionalista, modernização cultural, ressurgimento católico, impulso antiliberal. (PÉCAUT, D. 1989, p.24)

A questão da modernidade passou a ser pensada por toda a intelectualidade brasileira, enquanto o movimento modernista articulava o plano cultural ao plano político. Dessa forma, ao indicarem de que modo a cultura brasileira deveria ser organizada traçaram também os caminhos que deveriam ser seguidos pela política do país.

De acordo com Pécaut (1989) o movimento modernista ganhou ainda mais representação com a Semana de Arte Moderna em 1922, servindo de influência para os diversos nacionalismos desenvolvidos pelas categorias intelectuais. Todas as categorias intelectuais reivindicavam suas contribuições na construção do conceito de nacionalismo.

Considerando os intelectuais católicos nota-se que o movimento católico começa a se estruturar nesse período em torno do Centro Dom Vital sediado no Rio de Janeiro, fundado em 1922 sob a direção de Jackson de Figueiredo e sucedido por Alceu Amoroso Lima, dois importantes escritores e reconciliadores do catolicismo com a “*intelligentsia*” no Brasil.

De acordo com Pécaut (1989) o Centro D. Vital atraiu inúmeros intelectuais simpáticos ao nacionalismo reacionário e influenciou significativamente na formação dessa nova geração de intelectuais católicos que encontraram na leitura de autores como Joseph de Maistre, Charles Maurras²¹, Henri Massi, León Bloy e Jacques Maritain a fundamentação para a proposta de uma contra revolução católica. Esses intelectuais do Centro D. Vital acreditavam que uma sociedade plena deveria organizar suas bases culturais na moral cristã e defendiam a influência da Igreja Católica no ensino público.

De acordo com Charles Antoine (1980) é no seio do Centro D. Vital que vai se originar as influências intelectuais de duas forças antagônicas do catolicismo brasileiro, uma ligada a Alceu Amoroso Lima que se engaja na defesa do “catolicismo social” e outra na figura de Gustavo Corção representante fundamental do “catolicismo integral”.

Na década de 1960 com o início da ditadura militar brasileira os intelectuais católicos enfrentam um momento crítico devido a ameaça de ruptura entre Estado e Igreja. Além das mudanças nos fatores externos à Instituição católica ainda enfrentava um período de divergência entre seus membros sobre a forma como a Igreja deveria se posicionar diante das novas demandas e questões dadas pela sociedade moderna.

O integrismo brasileiro na década de 1960 observa um florescimento de novos grupos de intelectuais que passam a utilizar a imprensa como meio de divulgação de seu posicionamento teológico. Os principais representantes desse movimento foram a revista *Permanência* sediada no Rio de Janeiro, a revista *Hora Presente* e a *Catolicismos* porta voz da TFP (Tradição Família e Propriedade) sediadas em São Paulo. Como observado por Antoine (1980) a TFP além da sua sede paulista possuía outras dez espalhadas pelos Estados de Ceará, Pernambuco, Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Estado do Rio, Guanabara, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além dos movimentos que a TFP brasileira conseguiu organizar em outros países como Argentina, Chile, Uruguai e Colômbia.

Para entender de forma mais aprofundada o integrismo enquanto fenômeno social e historicamente constituído, debruçados sobre a revista *Hora Presente* tomando-a como um estudo de caso, partindo do caso específico desse grupo formado em São Paulo, é necessário chamar a atenção para o fato de o integrismo não ter sido um movimento unificado, cada grupo tinha autonomia na forma de agir e de se organizar.

É em 1968 período conturbado na política do país quando a oposição ao regime militar ganhava força que surge esse novo grupo de caráter integrista denominado *Hora Presente*, o qual Antoine (1980) afirma ser muito diferente da TFP-Tradição, Família e Propriedade, e que

²¹ Integralista

embora se refira aos valores da sociedade cristã é menos “católico” do que a outra, menos católico não por ter menos convicções sobre suas posições teológicas comprometidas como a fé “integral”, mas por preocupar-se também com questões mais próximas ao campo político, buscando ser uma espécie de *intelligentsia* preocupada em traçar os caminhos morais nos quais Estado e sociedade brasileira deveriam seguir.

2.1.1 Características estruturais da revista

Em 22 de agosto de 1968 a revista integrista *Hora Presente* passa oficialmente a ser publicada bimensalmente. Naquele momento, o Brasil passava por um momento de contestação popular do regime político como a Passeata dos Cem Mil²², e um acirramento da repressão do governo que meses depois instituiu o Ato Institucional nº 5 que restringia os direitos de liberdade. A *Hora Presente* apresenta-se antimodernista sendo definida por Galvão de Souza como uma “contrarrevolução cristã”, metodicamente organizada fazendo críticas ao progressismo em vários de seus artigos (ANTOINE, 1980).

Segundo Charles Antoine (1980) a revista *Hora Presente* apresenta uma característica bastante “política” vinculando em seus volumes análises acerca dos vícios do sistema democrático brasileiro e, sobre a significação do regime militar. Esses posicionamentos vão se aproximar muito da própria visão do governo ganhando algum sucesso.

Quanto às suas características estruturais a revista *Hora Presente* é organizada nas seguintes seções, *Artigos editoriais*, *Artigos Assinados*, *Janelas*, *Livro e Publicações*, *Correspondência*, *Noticiário*, *Documentos*, *In Memoriam*, *Matéria de Contracapa*, como se pode observar na tabela abaixo.

Tabela 1- Estrutura das seções²³

Nº da Edição	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
Artigos editoriais	10	10	11	11	6	8	10	9	9	7	8	10	11	8	11	8	4	7	6	8	9	9	9	7
Artigos assinados	10	8	10	3	7	7	6	9	12	11	8	10	6	10	6	9	11	7	7	7	6	10	10	15
Janelas	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Livros e Publicações	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	Ø	x	x	Ø
correspondência	Ø	Ø	Ø	Ø	x	x	x	x	Ø	x	x	x	Ø	x	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
Noticiário	Ø	x	x	x	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	x	Ø	Ø	x	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
Documentos	1	1	2	0	1	2	3	4	3	2	9	9	9	4	4	2	6	8	22	8	12	6	14	5
In Memoriam	Ø	x	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	x	Ø	Ø	x	Ø	Ø	Ø	Ø	x	Ø
Matéria de contracapa	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	Ø

Na seção dos *Artigos Editoriais* - os artigos não possuíam assinaturas de autores eram textos produzidos pelos colaboradores permanentes da revista que integram a direção e o

²² Protesto realizado pelo movimento estudantil que aconteceu em 26 de junho de 1968 levando a prisão de mais de 300 estudantes.

²³ O símbolo “Ø” indica que essa seção não estava presente na edição correspondente e o símbolo “x” que estava presente.

conselho de redação onde abordavam os temas da atualidade como “*A coerente rebelião do clero*”, “*Da pornografia à dessacralização*”, “*Deus na Era espacial*” e “*Clero "engajado" envenena as relações entre a Igreja e o Estado*”. Durante a existência da revista foram publicados, nesta seção cerca de 206 artigos que tratavam de questões morais, políticas, teológicas e doutrinárias ligadas ao catolicismo.

Em *Artigos Assinados* eram publicados os artigos dos intelectuais colaboradores diferente dos artigos editoriais. Foram apresentadas produções assinadas e de estruturas formais condizentes com as normas acadêmicas. Ao todo foram publicados mais de 200 artigos de diversas personalidades influentes das correntes integristas em sua maioria estavam os professores universitários, teólogos, filósofos e religiosos.

As *Janelas* consistiam em notas sobre as práticas frente aos acontecimentos contemporâneos e as publicações. Poderiam aparecer em tom de críticas, principalmente aos católicos ligados à posições comunistas ou de elogio às práticas que deveriam servir de exemplo por estarem de acordo com seus ideais. Geralmente faziam referências à matérias publicadas por outras revistas, jornais e programas de rádio.²⁴

Livros e publicações era uma seção destinada a divulgar livros e publicações diversas que convergiam com as posições intelectuais da revista. Geralmente, traziam pequenos resumos de livros dos intelectuais colaboradores da revista, artigos de jornais e textos elaborados em encontros e congressos no meio católico.

Na Sessão *Correspondência* eram publicadas as cartas enviadas a revista *Hora Presente*. Essa sessão tinha basicamente duas funções: a primeira de dar visibilidade aos agradecimentos, preocupações e sugestões dos leitores da revista geralmente composto de muitos padres, freiras e, assinantes da revista em geral; a segunda, era responder a questionamentos e críticas feitos pelos católicos que não concordavam com a posição da revista e, que muitas vezes tiveram seus atos publicados em tom de denúncia nas edições da *Hora Presente*. Geralmente, publicavam uma cópia da carta que era enviada ao reclamante.

Noticiário era uma seção destinada a informar aos leitores sobre questões referentes à editora - como sucesso na venda de exemplares, a colocação à venda de coleções editadas pela *Hora Presente* e, também por outras editoras parceiras como, por exemplo, a da revista *Permanência*, informe sobre as ações de outros movimentos católicos próximos que compartilhavam dos seus princípios também eram vistos nesta seção.

Na sessão *Documentos* foram publicados os documentos considerados mais importantes para a defesa da sociedade ocidental cristã. Foram publicados texto de manifesto, declarações, relatórios de conferências, trocas de correspondência entre figuras importantes para o movimento como as de Gustavo Corção²⁵, discursos ou textos de comentários desses discursos e matérias já publicadas em outros veículos de informação.

In Memoriam foi uma sessão criada para informar sobre a perda de católicos importantes que compartilhavam dos mesmos valores que a *Hora Presente*, além de informar a morte desses católicos, era comum prestar uma homenagem a essas importantes figuras. Na seção era enfatizada a importância desses indivíduos na luta pela verdadeira fé. Por exemplo,

²⁴ *Jornal o Estado de São Paulo*, *Jornal O Globo* (Rio de Janeiro), *Jornal da Tarde* (São Paulo), *Revista O Pasquim* (Rio de Janeiro), o *Jornal da Arquidiocese de São Paulo O São Paulo*, O programa radiofônico *A Voz do Pastor* (Porto Alegre) *Revista L'homme Nouveau* (Paris) foram exemplo frequentes.

²⁵ Nascido em 1986 Gustavo Corção Braga converte-se ao catolicismo em 1935, tornando-se um importante intelectual católico de seu tempo, escritor e jornalista, desempenhando papel de destaque no Centro D. Vital no Rio de Janeiro, ligado à ala conservadora da Igreja Católica era anticomunista e seguia a filosofia tomista.

nela foi divulgada a morte de Jorge Saraiva, Pe. Julio Meinvielle, Alfredo Lage, Sergio Penna Chaves e Carlos Alberto Sacheri.

A *Matéria de Contra Capa* foi uma seção permanente entre as edições de número 10 e número 22 da *Hora Presente*, trazia pequenos artigos relacionados em sua maioria aos embates com a chamada igreja progressista intercalados aos artigos sobre os acontecimentos referentes às relações entre a Igreja e o Estado e, ao combate do progressismo, em sua maioria, na autoria de Gustavo Corção.

Como a revista buscava se manter com recursos próprios - além das assinaturas, venda de exemplares e cheque de benfeitores foi a partir da terceira edição que se passou a publicar algumas propagandas embora não apresentando certa regularidade, a partir de 1974, na edição nº 16 passou a contar com maior número de anunciantes.

Entre esses anunciantes estavam muitos bancos como o Banco financiador da Indústria e Comércio S/A, FICSA- Financiamento e Investimento e Comércio S/A, Banco Mercantil de descontos S/A, Banco Mercantil de descontos, Bradesco, Banco Villarino, BADESP, Banco Comercial Aplik, Banco América do Sul S/A, Banco do Estado do Rio de Janeiro, Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais, Banco Mercantil de São Paulo, Caixa Econômica do Estado de São Paulo e BANESPA, editoras e jornais como Permanência, Saraiva, O expressão e RUMM editora, algumas empresas de alcance nacional como o Grupo Pão de Açúcar, Rede Globo, Nestlé, Vasp, Café Caboclo, Açúcar União, Guaraná Antarctica.

Empresas regionais como INCOMARTE Ltda. Indústria e Comércio de artigos militares, L. Figueiredo navegação S/A, Probel Colchões, Faculdades Integradas de Guarulhos, além de alguns profissionais liberais. Algumas empresas ligadas aos Estados e municípios também tiveram propagandas publicadas como por exemplo o SESI São Paulo, DESURJ, CONSESP, Grupo Industrial Santista, Centrais Elétricas de São Paulo S/A, SENAC, Companhia Energética de São Paulo e a Prefeitura Municipal de São Paulo que teve anúncios frequentes a partir da revista nº 16 de 1974. Através destas propagandas observa-se que há uma contribuição importante - tanto de empresários de São Paulo e do poder público - para o financiamento da revista *Hora Presente*, indicando haver uma aceitação por parte tanto do meio político - quanto de demais setores da sociedade principalmente de classe média e alta com perfil alinhado ao dos intelectuais.

2.1.2 Características intelectuais

A revista em questão tinha forte caráter político e possuía certa proximidade aos interesses do governo, principalmente do Ministério da Justiça. Observando que a influência da magistratura é latente, devido ao fato de que uma significativa parte de seus intelectuais eram advogados e professores da Faculdade de Direito. De acordo com Charles Antoine (1980) a revista era assinada por 22 juízes, 16 advogados e 83 professores da faculdade o que caracteriza sua repercussão em um determinado público cuja transferência intelectual certamente era difundida.

Embora a revista tenha um cunho político ela não está ligada a nenhum partido político, grupo econômico local e internacional e, nenhuma entidade de vida financeira autônoma, ou seja ela funcionava com recursos próprios. Outra característica concernente à revista é sua formação majoritariamente leiga, o que não significa que sua divulgação não fosse significativa entre padres e bispos. Em vez disso, em contrapartida seus leitores eram em maioria formados por eclesiásticos²⁶.

²⁶ HORA PRESENTE, 1970, nº5, P.4

O presidente da revista era Adib Casseb, Professor da Faculdade de Direito da Universidade Católica São Paulo e, ligado ao ministro da justiça Alfredo Buzaid que junto a ele pertencera ao Partido Integralista. José Pedro Galvão de Souza era diretor da redação e, sem dúvida um dos líderes intelectuais da revista, tendo vinculado numerosos artigos a ela (ANTOINE, 1968).

Na tabela a seguir temos a composição do conselho de redação no decorrer das edições.

Tabela 2 – Conselho de redação

Conselho de redação	Ano/Edições
José Pedro Galvão de Souza - Adib Casseb - Ítalo Galli - José Fraga Teixeira de Carvalho - Lauro de Barros Siciliano - Clóvis Lema Garcia - Ruy de Azevedo Sodré -	1968 a 1971 / nº 1 ao nº 10
José Pedro Galvão de Souza - Adib Casseb - Ítalo Galli - José Fraga Teixeira de Carvalho - Lauro Barros de Siciliano	1971 a 1974 / nº 11 ao nº 16
- José Pedro Galvão de Souza - Adib Casseb - Ítalo Galli - Clóvis Lema Garcia - Lauro Barros Siciliano - José Fraga Teixeira de Carvalho	1974 a 1978 / nº 17 ao nº 24

A direção da revista teve somente dois nomes a sua frente José G. M. Orsini que permanece na função entre a época de fundação da revista até a edição nº 9 de maio de 1971 quando Clóvis Leme Garcia assume a direção até a última edição nº 24 em novembro de 1978. José Pedro Galvão de Sousa foi o jurista e o filósofo que teve grande repercussão nacional e internacionalmente devido ao seu trabalho ligado ao laicato católico e, aos meios intelectuais, foi professor de Teoria do Estado da Faculdade Paulista de Direito, professor da cadeira de Pensamento Filosófico Moderno e contemporâneo na Faculdade de Jornalismo de Cásper Líbero, além de desenvolver grande atividade intelectual como colaborador de várias revistas nacionais e internacionais²⁷. Publicou textos na *Hora Presente* como: “*A Igreja e o Poder*”, “*O Nacionalismo na Hora Presente*”, “*Verdade e Impostura do Colonialismo*”, “*A Filosofia da Técnica e a Sociologia do Poder Tecnocrático*”, entre outros.

Os artigos da revista tinham três grandes eixos temáticos: o combate antiprogressista, a relação de Estado e Igreja e o pensamento integrista. No primeiro eixo estão presentes os ataques aos católicos ligados ao “catolicismo social” apoiados pela política antissubversiva do governo. Essa corrente integrista viu a oportunidade de acirrar o seu combate à esquerda

²⁷ HORA PRESENTE, 1968, nº5, P.208.

católica, por não concordar com a aproximação das ideologias socialistas/marxistas que essa parcela da Igreja vinha adotando.

No segundo eixo a preocupação com a relação entre Estado e Igreja era evidente. Vários artigos em apoio ao governo foram veiculados pela revista e comumente os autores deixavam claro o seu objetivo de formular ideias legitimadoras ao governo.

Desse modo, sempre defendendo uma sociedade cristã integral, se denominavam como nacionalistas, mas o nacionalismo que defendiam se aproximava do conceito de nacionalismo integral de Charles Maurras. O terceiro eixo é caracterizado pela defesa de uma sociedade cristã integral, no qual os autores da Revista publicavam textos que visavam esclarecer de que forma uma sociedade comprometida com o catolicismo integral deveria caminhar, ideologia essa que tem sua herança na produção deixada por Jackson de Figueiredo.

Dentre os assuntos abordados pela revista, se destacavam ainda, a crítica ao Concílio Vaticano II, e a forma como este vinha sendo interpretado, tal como o ecumenismo, pois acreditavam que a única religião verdadeira era o catolicismo em sua forma “integral”. Criticavam também o novo missal que divergia do Rito Tridentino e, classificavam como falsos católicos aqueles que segundo eles tinham aderido a ideologias mundanas como o socialismo e o liberalismo. Acreditavam também que a sociedade estava em caos devido ao seu afastamento da religião, a esse caos relacionam questões como as mudanças na sexualidade - como o surgimento da “pílula” - a dissolução dos matrimônios e o adultério, a permissão do divórcio pela sociedade civil, e o uso de drogas como o LCD pelos jovens. Os integristas acreditavam que o único caminho para a solução dos “problemas” sociais seria um retorno à sociedade “verdadeiramente” cristã.

Nos artigos de José Pedro Galvão de Sousa se observa uma forte oposição aos progressistas em defesa do que ele entendia ser o verdadeiro posicionamento da Igreja. Em um de seus textos, relata: *“Não se deve julgar o pensamento oficial da Igreja através da posição pessoal de alguns bispos ou padres”*²⁸. Argumentando que eles caíram na tentação do poder, a mesma tentação que o demônio tenta que é a de vencer a Cristo.

É a tentação que caem hoje os progressistas ao preconizarem uma adaptação exagerada da Igreja ao mundo para que ela possa dominar no mundo, ou ao se engajarem entre os adeptos de uma nova ordem socialista considerada irreversível. (HORA PRESENTE, Nº2,1968, p.210)

Nesses trechos o intelectual Galvão de Souza se refere ao grupo brasileiro que adotou alguns componentes do progressismo francês, dando origem a chamada esquerda cristã brasileira, na qual, segundo Löwy (2000), se engajaram vários ramos da Ação Católica, dominicanos, alguns jesuítas e alguns intelectuais católicos que defendiam a justiça social e a conscientização dos grupos considerados “oprimidos” uma terminologia própria dos teólogos e ideólogos progressistas inspirados na Teologia da Libertação .

A oposição ao progressismo acontece principalmente devido a duas características de divergência: A primeira é a defesa do socialismo e marxismo que pode ser observado no posicionamento de indivíduos caracterizados como progressistas e, contraposta pela posição anticomunista, fenomenologia recorrente ao integrismo praticado pelos intelectuais ligados a revista *Hora Presente*. A segunda é a oposição ao regime político conduzido pelos militares no Brasil por parte dos progressistas de acordo com Ulisses Alessio Flóridi (1973), que

²⁸Hora Presente, 1968, P.210

negam qualquer valor ético ao movimento e consideram uma manobra dos reacionários para deter as reformas democráticas do governo Goulart, contraposta pela posição dos intelectuais da *Hora Presente* que apoiam o regime militar. Galvão de Sousa escreve em relação a esse posicionamento:

A Igreja não vive a reboque das sociedades e dos regimes políticos (...). Esta pode ter sido a atitude de alguns homens da Igreja, de certos prelados, segundo exemplos do passado, aliás renovados na atualidade, quando vemos generalizar-se a preocupação de acomodar a Igreja ao socialismo e mesmo aos regimes totalitários (HORA PRESENTE, Nº 2,1968, p.229).

O argumento usado acima reflete o posicionamento dos intelectuais da *Hora Presente* em que a democracia de massas é vista como um regime totalitário tendo começado com a revolução francesa em 1789, ou seja, fruto do modernismo que é rejeitado pelos católicos integristas e, obtendo sua concretização na contemporaneidade com Lênin e a Revolução Russa de 1917 que na concepção dos conservadores ameaça servir de modelo para o Brasil.

Diferentemente dos acusados de progressistas, os intelectuais da *Hora Presente* apoiavam abertamente o regime militar, depositando confiança em seus atos, como expressado por Galvão de Sousa em 1970:

Uma vaga de mal-estar se espalhava por todo o país, quando a ascensão ao poder do General Garrastazu Médici, suas primeiras e incisivas declarações e a atuação resoluta do Ministério da Justiça vieram reacender a chama da esperança. (HORA PRESENTE, Nº6, 1970, p. 64).

Além disso, muitas vezes tentavam esclarecer a seus leitores o bem comum que as medidas tomadas pelo governo pretendiam. A revista contava com diversos intelectuais, comprometidos em combater o comunismo, o modernismo e dar apoio ao regime militar por acreditar que tal movimento prezava pelos valores cristãos, permitindo uma maior aproximação entre Estado e Igreja.

Abaixo pode-se observar um quadro com a relação de todos os intelectuais que publicaram na revista *Hora Presente* ao longo dos dez anos em que esteve em circulação. Ao total contou com 108 colaboradores responsáveis pela publicação de mais de 200 artigos na seção de artigos assinados.

Tabela 3 - Intelectual com trabalhos publicados na seção de artigos da *Hora Presente* (continua)

Intelectuais que publicaram na <i>Hora Presente</i> (1968 -1978)	Nº publicações
A. Crespo de Carvalho	1
A. Machado Paupérion	1
Adib Casseb	1
Afonso Rodrigues	2
Alberto Caturelli	1
Alexandre Correia	2
Alfredo Buzaid	1
Alfredo Leite	2
Alfredo Martins Lage	10

Tabela 3. Continuação

André Laforge	1
Antônio Carlos Pacheco e Silva	5
Antonio Enrique Perez Lunô	1
Antonio Paim Vieira	1
Armando Dias de Azevedo	1
Arthur Cezar Ferreira Reis	1
Bernardo de Monsegú	1
Branko Lazitch	1
Charles Journet	1
Claudio de Cicco	5
Clóvis Lema Garcia	1
Côn Dr. Emílio Silva	7
D, José Guerra Campos	1
D. Octávio Nicolás Derisi	5
D. Odilão Moura	1
D. Rodolf Graber	2
Dietrich von Hildebrand	2
Enrique Llamas	1
Ernesto Marques d'Oliveira e Silva	1
Eugenio Vegas Lataplé	1
Fr. Reginaldo Garrigou Lagrange	1
Francisco de P. Bartumeu Sanllehi	1
Francisco Elias de Tejada	4
Francisco José Velozo	2
Francisco Puy	1
Frei Ludovico Arioli, O.D.D.	1
George Freunaud	1
Georges Raeders	1
Geraldo Dantas Barreto	8
Geraldo Hermes	1
Giuseppe de Rosa, S. J	1
Gladstone Chaves de Melo	1
Gonzalo Cuesta Moreno	1
Gonzalo Ibanêz	2
Gustavo Corção	1
Gustavo Thibon	2
Hélio Drago Romano	2
Henri Deen	1
Herbert Gillessen	1
Heroldo Valladão	1
Hubert Saint Jacques	1
Hughes Kéraly	2
Ítalo Galli	2
J. B. Leroy	1
J. Van der Ploeg	1
Jean Daniélou	1
Jerônimo Cerdá Banuls	2
João de Scantimburgo	3
Joaquim Salaverri	1
Jorge Haddad	1
José Arthur Rios	1
José Augusto Guerra	1
José Guerra Campos	1
José Paulo Cavalcanti	1

Tabela 3. Continuação

José Pedro Galvão de Sousa	16
Juan Alfredo Casaubon	1
Juan Antonio Widow	1
Juan Vallet de Goytisolo	3
Julio Garrido	5
Julio Meinvielle	2
Lauro de Barros Siciliano	1
Leonardo Van Acker	1
Louis Daujarques	1
Louis Salleron	1
Luc. J. Lefrèvre	1
Luís de Sena Esteves	1
Luiz Delgado	1
Marcel Clément	3
Marcel de Corte	4
Margarida Corbisier	1
Maria Amélia Salgado Laureiro	1
Mario Masagão	1
Michel Creuzet	1
Miguel Fagoaga	1
Miguel Paradowski	2
Mucio Piragibe Ribeiro de Bakker	1
N. Antunes Vieira	1
Nilo Pereira	2
P. Dem Ottolander	1
Pablo J.Bardilho O"Farrel	2
Padre Carlos Cicco	1
Paul Auphan	1
Paulo Bannwarth	12
Pe. Carlos Beraldo	1
Pedro Kassab	1
Piero Vassalo e Sergio Fabiocchi	1
Pierre Debray	1
Pierre Gherman	1
Rafael Gamba	3
Raimundo Aristides Ribeiro	1
Ramón Maciá Manso	1
René Penna Chaves	1
Ricardo Henry M. Dip	1
Rosário Gagnebet	1
Thomas Molnar	1
Tito Centi, O.P	1
Tomás Barreiro Rodrigues	2
Ulisse Alessio Floridi	1

Além do já citado José Pedro Galvão de Souza, compunham o grupo José Fraga de Teixeira Carvalho, que pertencia ao Ministério público de São Paulo e também professor na Faculdade de Direito de São Paulo, Lauro de Barros Siciliano o único engenheiro a participar do grupo *Hora Presente*, e o advogado Ruy de Azevedo Sodré.

Outros colaboradores habituais da revista foram os professores universitários dos cursos de Direito Alfredo Lage que também escreviam para a revista “*Permanência*”²⁹: Gerardo Dantas Barreto, Leonardo Van Acker, Nilo Pereira, Armando Dias de Azevedo e Cláudio de Cicco, os advogados Gladstone Chaves de Mello, Pedro Casseb e Luiz Delgado, e alguns eclesiásticos, principalmente da ordem dos jesuítas como os Padres Paulo Bannwarth, Afonso Rodrigues, Carlos Beraldo e o cônego Emílio Silva (ANTOINE, 1980, P.62).

Os intelectuais da *Hora Presente* eram em grande parte, como já observados, ligados a magistratura brasileira, o que refletiu fortemente na estruturação da revista que buscava sempre relacionar com as questões teológicas e filosóficas e, com a condição jurídica em que elas se inseriram.

Além dessas figuras pertencentes à intelectualidade brasileira, a revista *Hora Presente* recebeu a influência de diversos intelectuais pertencentes a movimentos integristas estrangeiros da França, Espanha, da vizinha Argentina, e em menor escala, do integrismo português. Segundo Antoine (1980) os movimentos integristas vinham se estruturando e tornando-se cada vez mais consistentes.

Michael Löwy (1999) atribui à influência francesa no Brasil a radicalização da Igreja, devido ao fato de a França ser considerada como o país onde a Igreja é mais progressista, crítica e avançada. No entanto, encontramos na revista *Hora Presente* que se afirmar integrista, a presença marcante de intelectuais franceses como Marcel Clément, Louis Salleron, Gustave Thibon, Michel Creuzet, o pensador Marcel de Corte, preocupado com os vícios do pensamento moderno e da crise contemporânea e responsável pelo artigo “*Diagnóstico do Progressismo*”³⁰.

Como observado por Charles Antoine outros intelectuais franceses atuantes na revista (1980) foram Pierre Debray, Abade Lefevre, Hubert Saint Jacques. J.B Leroy, André Laforge, Louis Daujarques, Georges Readers, Pierre Gherman, o Almirante Paul Auphan, o cardeal Daniélou, Dom Frenaud e Mons Journet.

Assim como a francesa, a influência espanhola não foi desprezível em sua colaboração nas publicações da revista, entre os intelectuais católicos que escreviam para a revista podemos citar: Eugênio Vegas de Latapié que era um antigo membro da Ação Espanhola e que contribuiu para a formulação de um programa de restauração nacional, o professor de filosofia do direito da universidade de Sevilha Francisco Elías de Tejada, o professor de filosofia, pensador político e historiador Rafael Gamba³¹, Juan Vallet de Goytisoló, Francisco Ruy, Gonzaga Cuesta Moreno, o cientista Julio Garrido que foi diretor da UNESCO e escritor de questões teológicas e litúrgicas na “*La Pensée Catholique*”, Enrique Llamas, Joaquim Salaverri e o Pe. Bernardo de Monsegú (ANTOINE, 1980, P.64).

A revista ainda contava com o apoio do argentino Juan Alfredo Casanbón que pertence ao grupo de intelectuais argentinos ligados a revista “*Presencia*” que se destacou na obra de esclarecimento doutrinário visando a defesa da Igreja e as suas aplicações na ordem temporal e a elaboração de um pensamento nacionalista autêntico, do Pe. Julio Meinvielle presidente dessa mesma revista³² e do bispo auxiliar de La Plata Mons. Octávio Derisi.

Outros representantes estrangeiros foram o português Luís de Sena e o italiano Ulisses Alessio Floridi que realizou trabalho de suma significância na Pontifícia Universidade

²⁹ Revista Integrista publicada no Rio de Janeiro, no mesmo período em que era publicada a “*Hora Presente*” e que mantém atividade através dos meios eletrônicos na atualidade.

³⁰ Hora Presente, nº 1 setembro/outubro de 1968

³¹ Hora Presente, nº 7, outubro de 1970, p.181

³² Hora Presente, nº7 outubro de 1970. P.106

Gregoriana e na Universidade Estadual de Roma, ficando mundialmente reconhecido como autoridade em problemas filosóficos e culturais relacionados com o marxismo e com a União Soviética³³.

O apoio ao regime partia da percepção desses intelectuais de que a “Revolução de 64” apresentava em sua organização um déficit doutrinário político. Desta forma, a contribuição intelectual da revista estaria voltada a preencher essa lacuna estabelecendo uma discussão sobre a reforma do Estado como ponto fundamental para sanar a crise política no Brasil, juntamente com os esclarecimentos de crise entre Estado e Igreja no Brasil.

Os intelectuais acreditam que a simples militarização do sistema burocrático sem uma real reforma de Estado não se mostrava como suficiente para afastar o perigo das ideias subversivas e de sua forma política. Mas o resultado dessa ação criaria uma imagem ruim das Forças Armadas gerando um sentimento de aversão ao militarismo que acabava por respingar na Igreja.

Outra questão que preocupava os integristas era o fato de começar a repercutir a informação de uma ruptura de ideias e apoio entre Igreja e Estado, que acabam surgindo por determinado segmento da imprensa, especialmente em território estrangeiro onde corra a notícia de religiosos terem sofrido repressão pelo governo. Esta denúncia partia principalmente da esquerda católica, que teve seus apoiadores muitas vezes reprimidos, sendo submetidos à prisão, tortura e exílio acusados de subversão e terrorismo.

Durante o período Militar Brasileiro (1964-1985) com a política antisubversiva do governo, essa corrente integrista viu a oportunidade de acirrar o seu combate à esquerda católica, por não concordar com a aproximação das ideologias socialistas/marxistas que essa parcela da Igreja vinha adotando.

Junto à contribuição dos intelectuais estrangeiros, a revista paulista *Hora Presente* defendeu durante todo o tempo de sua publicação, a reforma política do Estado brasileiro, o apoio ao governo militar, a proximidade das relações entre Estado e Igreja negando a existência do conflito entre as duas instituições, o combate ao progressismo e a defesa do catolicismo integral regulador da verdadeira moral cristã.

Essa revista juntamente com os grupos integristas brasileiros fortaleceu a corrente integrista em sua luta simbólico e normativa com movimento progressista que também lutava para se impor no cenário nacional.

2.2 Concepções integristas na *Hora Presente* e a Igreja Católica

Nesta seção depois de ser aprofundado o conceito de integrismo é apresentada uma análise do conteúdo da revista de forma a relacionar as construções intelectuais publicadas e analisar quais fenômenos recorrentes ao integrismo aparecem nas ideias apresentadas. A proposta é elucidar qual era a posição da Instituição Igreja Católica em relação às proposições apresentadas.

Como já se pode observar a revista em análise surge em um contexto em que o catolicismo passava por um momento de divergências de questões teológicas e políticas entre seus participantes. Diante desses conflitos esses grupos pertencentes ao laicato católico e a uma elite conservadora paulista, inaugura a revista *Hora Presente* como instrumento para difundir seus ideais e reivindicar sua posição nessa luta simbólica e normativa almejando estabelecer os rumos da Igreja Católica brasileira.

³³ Hora Presente, nº4 agosto de 1969. P.192.

E, é em reforço dessa vontade que em seu primeiro número a edição da revista publica uma pequena nota que se repete abaixo do sumário nas duas edições subsequentes onde é possível ler:

HORA PRESENTE é fruto da dedicação e do desprendimento de um grupo de intelectuais e homens de boa-vontade. A continuidade dêste³⁴ esforço irá depender em grande parte do apôio que lhe proporcionarem todos aqueles que julguem que a HORA PRESENTE vem prestar um serviço à causa do cristianismo, da nossa Pátria e do nosso Povo. (HORA PRESENTE, nº 1, 1968)

Diante dessa afirmação esse grupo de intelectuais indicam suas intenções que visam discutir a questão religiosa buscando sua interface com as questões políticas e sociais do momento histórico em que vivem. Intenção essa que é confirmada no decorrer de suas publicações até a sua extinção em dezembro de 1978, como se pode ver e analisar em seus artigos. Foram raras as vezes em que se distanciaram dessas questões e, ainda assim não de maneira integral.

O nome escolhido para a Revista faz referência às preocupações dos intelectuais que compõem o grupo. Embora zelem por um catolicismo tradicionalista estão preocupados com as mudanças vividas em seu tempo, ou seja na hora presente, essas mudanças referem-se principalmente aos desafios enfrentados pelo catolicismo com o advento da modernidade, entre elas o liberalismo, o marxismo, comunismo, as mudanças na moral como a legalização do divórcio, o surgimento de equipamentos para o controle de natalidade que possibilitaram a revolução sexual e um mundo cada vez menos voltado para o poder sobrenatural.

Diante disso, para os intelectuais da revista é dever dos católicos combater esses “males”, e esse combate deve se dar na *Hora Presente*, pois embora o objetivo seja conservar essa fé em moldes tradicionalistas, suas ações não estão voltadas para o passado, mas sim em ações que possam garantir um futuro na qual a sociedade cristã esteja integralmente restaurada. É nesse momento de “*Esperança de um futuro melhor e ameaça de destruição total que vivem os povos uma hora de transição para o Cristiano*” (HORA PRESENTE, Nº 1, P.10 1968) esse grupo passa a publicar a revista afirmando ter como objetivo a defesa do mundo ibero-americano dos assombros da modernidade.

Sejam quais forem os itinerários do mundo de amanhã é incontestável que aos povos do continente americano esteja reservada uma posição decisiva na atual conjuntura Mundial. Portanto as condições favoráveis e verdadeiramente privilegiadas proteja-se o Brasil na *Hora Presente* como um dos países aos quais caberá um papel liderança na renovação que impõe e, na defesa dos valores culturais que engrandecem os povos. Esses valores são O Legado de nossos maiores parte integrante da comunidade lusíada a qual pertencemos por sua vez é inserida no mundo hispânico abranger além do Brasil e independentemente dos regimes políticos vigentes Portugal Espanha ibero-américa vastas regiões da África e pontos extremos da Ásia (HORA PRESENTE, Nº1, P.10, 1968)

³⁴ Texto transcrito com a norma ortográfica vigente na época da publicação.

Assim como observamos acima, a influência lusíada e espanhola esteve muito presente na revista. Em seu corpo de colaboradores havia muitos intelectuais portugueses e espanhóis, muitos dos quais estavam ligados ao integralismo lusitano e ao tradicionalismo hispânico.

Dentre representantes a figura de José Pedro Galvão de Sousa é fundamental para entendermos essa ligação, pois como já observado ele foi um dos grandes líderes intelectuais desse grupo, José Pedro Galvão de Souza apresentava sólida formação tomista e tradicionalistas de vertente espanhola, essas referências intelectuais também eram observadas entre seus círculos de amizades. Para entendermos melhor essa relação é necessário voltarmos ao período anterior do início da revista em análise *Hora Presente*.

De acordo com Macedo (1995), foi publicada em São Paulo uma revista de cunho político doutrinário chamada “*Reconquista*”, José Pedro Galvão de Sousa foi seu fundador e co-diretor, esse periódico esteve em circulação entre os anos de 1950 e 1952, além do Brasil teve também circulação em Portugal e Espanha, sendo Francisco Elías de Tejada seu co-diretor responsável na Espanha e Fernando de Aguiar em Portugal.

Macedo (1995) ainda ressalta que esse grupo foi um grande representante do tradicionalismo mais de inspiração Ibérica do que francesa como foi em outros grupos no Brasil, A “*Reconquista*” defendia um pensamento de concepções tradicionalista hispânico-americanista, observando como influências intelectuais personalidades como António Sardinha, Ramiro de Maeztu, Vazquez de Mella, Victor Pradera, Donoso Cortês, J. Balm, Gil Robles entre outros, que defendiam valores como o municipalismo, a descentralização de poder, a Igreja Católica e a monarquia tradicional.

Macedo (1995) ainda observa que esse grupo organizado em torno dos intelectuais José Pedro Galvão de Sousa, Clovis Lema Garcia, Arlindo Veiga dos Santos e do Francisco Elías de Tejada, possuía grande consciência do seu papel, e buscavam sempre articular suas ações para exercer e manter sua posição de intelectual conservador. Após encerrar as publicações do periódico “*Reconquista*”, ajudaram a compor o grupo responsável pela editora *Hora Presente* já apresentado anteriormente. Alguns desses intelectuais que passaram a compor a *Hora Presente*, anteriormente ajudaram a compor uma outra revista a “*Convívio*” mas que acabaram se separando, devido às divergências intelectuais com os demais membros desse grupo, que tinha um posicionamento mais aberto às novas correntes do pensamento católico e se afastando das concepções tradicionalista.

Esse grupo de intelectuais assim como José Pedro Galvão de Souza, como analisado por Marcos Gonçalves (2011) está inserido numa vertente tradicionalista, onde a função de conservação na qual se encontram seus pensamentos e ações, visa defender a continuidade de uma sociedade que está em oposição àquelas comunidades organizadas em torno das culturas da modernidade, principalmente as anglófonas e francesa que produziram a “europeização” responsáveis pelo protestantismo, republicanismo socialista e liberal e as assembleias parlamentares que para os tradicionalista seriam os grandes problemas enfrentados na modernidade.

Dentro desta perspectiva o autor Gonçalves (2011) enquadra aqueles intelectuais que chamou de intelectuais nostálgicos. Esses intelectuais são defensores de uma sociedade onde as características da cristandade medieval são preservadas, de acordo com o autor estes intelectuais procuram proteger a continuidade da cultura Ibérica através da conservação de uma comunidade hispânica transacional, que deveria ser liberada pela Espanha, seguida de Portugal e ainda abranger as culturas ibero-americanas. Essa forma de comunidade se caracterizaria por ser monárquica e católica, onde o espírito de “hispanidade” deveria ser restaurado nos conjuntos de costume, hábitos, crenças, valores e ideias.

Para Anthony Giddens (1997) não é possível pensar a tradição sem seus guardiões, pois a verdade é demonstrada e legitimada somente através das práticas e interpretações dos guardiões. Nesse sentido, a ênfase na perspectiva tomista é acionada pelos intelectuais da revista com a função de guardar, preservar a tradição, e para legitimar suas ações em favor desse reforço da tradição, onde eles não falam simplesmente por suas convicções, mas pelo grande teólogo guardião da tradição.

Giddens (1997) ressalta que a tradição é algo contextual, que somente pode ser garantida pela combinação do ritual e da verdade formular e essa garantia se dá através das ações do guardião. Visando explicitar o papel do guardião, Giddens observa:

O sacerdote, ou xamã, pode reivindicar ser não mais que o porta-voz dos deuses, mas suas ações de jacto definem o que as tradições realmente são. As tradições seculares consideram seus guardiões como aquelas pessoas relacionadas ao sagrado; os líderes políticos falam a linguagem da tradição quando reivindicam o mesmo tipo de acesso à verdade formular. (GIDDENS, p.100, 1997)

E é dentro dessa lógica que os intelectuais das revistas costumam operar para garantir a legitimidade de seus ideais e afirmarem em estarem defendendo a “verdade”, que para eles só é encontrada através do catolicismo integral. São as personalidades sagradas do catolicismo que não podem ser contestadas.

Francisco Elías de Tejada em seu artigo *“Por que somos Tomistas: da teologia à Política”* aciona o grande guardião da tradição católica São Tomás de Aquino, para justificar sua posição.

Malgrado seu, não se pode deixar de reconhecer Santo Tomás integrou as verdades da razão Humana na única verdade de Deus. Foi íntegro na verdade, e nós, que no século XX nos sentimos honrados do nome de integristas, somo-lo, porque queremos ser fiéis discípulos de tão grande mestre. (HORA PRESENTE, Nº16, P.98, 1974)

Os intelectuais da revista sempre falam em nome da tradição, sempre buscam recorrer às figuras sagradas, e falam em nome delas como forma de garantirem a verdade de suas ações. Seja através de suas influências tomistas, ou o recurso à infalibilidade dos textos papais e dos textos bíblicos interpretados à luz da tradição. Eles buscam sempre contraporem-se às interpretações “contaminadas” pelas correntes de pensamento da modernidade.

Ao se definirem como integristas, ou conservadores esses intelectuais recusam a vinculação a uma determinada tendência do catolicismo, mas compreendem ser defensores do catolicismo em sua forma integral, ou seja, defendem uma Igreja tal como era em sua fundação. É dessa maneira que Rafael Gamba³⁵ no artigo *“A Aberração do Equilibrismo”* busca explicar o que é o integrismo:

Mas, em compensação, quem definirá o integrismo ou o “conservadorismo”, essa outra “tendência” que reclama a mediação superadora? Não tem profetas nem fundadores distintos de Cristo e dos

³⁵ Professor de filosofia e pensador político espanhol de influências Tomistas e Carlistas que manteve ligações ao franquismo.

sucessores de Pedro... Conta inúmera santo, ao contrário do progressismo que não tem nenhum... Trata-se da pura e simples fidelidade a tudo quanto a Igreja criou, amou, ensinou e respeitou durante os séculos, a tudo quanto esses mesmos que agora escapam pela via equidistante creram e ensinaram até há não mais de sete anos. (HORA PRESENTE, Nº7, P.184, 1970)

Embora como já dito anteriormente que o integrismo tenha derivado de movimentos como o ultracismo e ultramontanismo ocorridos em meados do século XIX, de acordo com Ivanaldo Santos (2015), a partir século XVIII, com a chegada da modernidade e com a revolução francesa é possível observar o surgimento do pensamento tradicionalista, quando diversos pensadores, de inclinação conservadoras começaram a tecer críticas às principais correntes do pensamento moderno. Na mira desses pensadores estavam as correntes iluminista, positivista, marxista e as ideias republicanas.

Segundo Ivanaldo Santos (2015) esses intelectuais conservadores começaram a dirigir críticas à democracia e a sociedade liberal além de saírem em defesa da monarquia-cristã, propondo seu retorno como uma forma de superar a crise da decadência moral, do espírito religioso e especialmente a decadência do cristianismo vivenciadas pelas sociedades ocidentais.

É seguindo essa perspectiva conservadora que o integrismo da revista *Hora Presente* se desenvolve. De uma forma geral o integrismo se apresenta com pelo menos cinco características recorrentes em seu aparecimento. De acordo com Pierucci (1990) essas características podem ser definidas primeiramente pela fidelidade ao Papa, reconhecendo em seus textos a autoridade sacra a qual deve ser entendida em sua inerência papal. Em segundo lugar, o integrismo é motivado pelo zelo militante da defesa dos valores cristãos ameaçados pela modernidade. Uma terceira característica do integrismo observada por Pierucci (1990) é o combate a essa modernidade a qual entende como sendo uma síndrome contrária à tradição da fé que se quer preservar; a, quarta característica que sugere ser inerente a corrente integrista a crença que numa sociedade condenada ao caos pelos seus próprios erros (como a moderna), a ordem sociopolítica somente pode ser restaurada e legitimada através da Igreja hierárquica. Por fim, a quinta característica recorrente ao aparecimento desse fenômeno é o esforço produzido na direção da necessidade de exercer ou manipular o poder político, visando garantir a restauração de uma sociedade verdadeiramente cristã, o que significa, uma sociedade confessional.

Essas características são observadas no grupo *Hora Presente* através de suas publicações na revista. No artigo editorial “*O Papa Abençoa < Hora Presente >*” a edição da revista traz uma janela publicada por Leonildo Tabosa Pessoa que em sua viagem como enviado especial de “O Estado de S. Paulo” para a cobertura da viagem do Papa a Uganda e fala sobre a benção concedida Por Paulo VI à revista *Hora Presente*:

Explicamos ao pontífice de que se tratava e, embora lhe tenhamos falado em italiano, êle disse em português: *Obrigado*. Quando lhe dissemos que os diretores da revista pediam sua bênção para a publicação, Paulo VI respondeu, desta vez em italiano, que a concedia de coração. (HORA PRESENTE, nº 4, 1969)

Essa ação dos intelectuais da *Hora Presente*, onde eles enviam através de Leonildo Tabosa³⁶ uma coleção da revista e pedem a bênção do Papa para sua publicação, nos informa da importância atribuída à hierarquia da Igreja, pois como católicos eles têm a obrigação de agir em conformidade com a autoridade do Santo Padre. No entanto, é necessário ressaltar que há uma preferência pela produção de Pontífices que seriam mais alinhados com as perspectivas deles em relação a outros. A relação com o Sumo Sacerdote não é, no decorrer de toda a história, linear, questão que vai ser agravada com o Concílio Vaticano II e as interpretações que vão lhe ser atribuídas por determinados indivíduos da Igreja.

Outra característica marcante da revista *Hora Presente* é o zelo militante da defesa dos valores cristãos ameaçados pela modernidade, que muitas vezes é direcionado pelo antiprogressismo (GONÇALVES,2012), por ser esse um dos grandes problemas da modernidade na visão dos intelectuais ligados a essa revista.

Podemos observar essa posição pela definição de progressismo definida na revista *Hora Presente* pelo colaborador Rafael Gamba como:

Quanto ao progressismo, Seria fácil defini-lo mediante as mesmas palavras com que São Pio X definir movimento modernista condenado pouco antes por ele próprio: “movimento de apostasia geral para o estabelecimento de uma nova religião universal, sem dogma nem hierarquia, sem regra para o espírito, sob pretextos de dignidade e de liberdade humana...” Seus profetas, segundo graus e níveis, podem achar-se entre os Maritain, Teilhard, Comgar, Cardonnel, Helder Câmara... Cumprir remontar a lamennais Lutero... Todos de acôrdo em rechaçar como um imenso êrro os dezessete séculos de tradição católica desde Constantino até os nossos dias, e em dissolver a Igreja no Mundo considerando-a mera prefiguração mítica da assunção do Homem a sua plenitude no Progresso... (HORA PRESENTE, Nº7, P.184, 1970)

Para os intelectuais da *Hora Presente* o progressismo é visto como uma erva daninha que vai crescendo dentro do catolicismo, cuja competição vai sufocando os verdadeiros preceitos da religião, levando a seu fim.

Para esses intelectuais a modernidade e suas “ideologias” são os responsáveis pela desvalorização da moral cristã, principalmente aqueles referentes a dissolução da família³⁷, subversão da cultura³⁸ e sexualidade³⁹.

É em defesa desses valores cristãos que observamos uma terceira característica integrista desse grupo o combate a modernidade que é compreendida como uma síndrome contrária à tradição da fé que se quer preservar, que podemos analisamos no artigo “*O velho modernismo de cara nova*” de Eugênio Vegas Latapié.

³⁶ Leonildo Tabosa Pessoa foi um escritor e jornalista, redator dos Jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde de posicionamento conservador anticomunista, crítico da CNBB e opositor da Teologia da Libertação.

³⁷ Críticas a esse respeito aparecem nos artigos “*O Matrimônio Posto a Prova*” de Paulo Banwarth; “*A Moderna Traição da Liberdade*” de Francisco Elías de Tejada; “*A Família Sitiada*” de Alfredo Lage; “*O Divórcio Sob Vários Aspectos*” de José Paulo Cavalcanti; “*Amor e Família Segundo Santo Tomás*” de Pablo J. Bardilho O’Farrell; “*Amor, A Base do Casamento?*” de Bernardo de Monsegu.

³⁸ Críticas a esse respeito aparecem nos artigos “*Juventude Rebelde*” de Adib Casseb; “*A Subversão Através da Cultura*” de Louis Daujarques; “*Na Violência, A Velhice Da Juventude*” de Gustavo Thibon; “*Universidade Foco De Subversão*” de Juan Antonio Widow e “*Cinema e Revolução*” de Hugues Kéraly.

³⁹ Críticas a esse respeito aparecem nos artigos “*A Pílula e a Emancipação da Mulher*” de Alfredo Leite; “*Sexo, Simplesmente*” de Afonso Rodrigues e “*Evangelho do Erotismo Segundo Marcuse*” (Luiz De Sena Esteves).

Mostra o Cardeal Billot que o Modernismo é propriamente o erro, ou melhor, esse conjunto de erros que vai do agnosticismo, pelo imanentismo, pelo pragmatismo e pelo dogmatismo moral, à diminuição e à ruína da Fé. O tipo acabado deu origem a variedades tendência: semi-modernismo, modernizantes, espírito modernista, Caracterizados pelo desprezo à tradição e pelo preconceito de minimizar a influência do elemento Sobrenatural. (HORA PRESENTE, Nº 3, P.89. 1969)

Para reforçar suas posições e ganhar legitimidade em seus argumentos os intelectuais costumam citar posicionamentos de Papas sobre o assunto e encíclicas que vão de encontro com seus ideais. Essa tática é também usada no combate ao modernismo. A revista apresenta inúmeros artigos ao longo de sua veiculação que condenam a modernidade usando os documentos da Igreja Católica buscando apontar que essa condenação não é o posicionamento simplesmente do grupo mais a posição oficial da Igreja, como pode ser exemplificada por outro trecho do artigo citado acima.

Durante o pontificado de Pio XI os modernistas continuam, manhosa solapadamente, a propaganda de seus erros dogmáticos, mas seus principais esforços se dirigem para a propagação do modernismo político e social que Pio XI denuncia e condena em suas encíclicas *Quas Primas Divini Redemptoris*. (HORA PRESENTE, Nº 3, P.103. 1969)

Vale ressaltar que não usavam somente encíclicas e referências aos Papas de posicionamentos considerados conservadores, buscavam mesmo em textos de João XXIII e os documentos do próprio Concílio Vaticano II vistos por muitos como tendo um caráter mais progressista para legitimar suas posições, este último fruto de muitos conflitos entre os grupos católicos conservadores e progressistas, os últimos acusados de subverter a proposta do concílio e os primeiros por darem interpretações distorcidas que fogem do “espírito conciliar”.

Outra característica integrista presente na *Hora Presente* é a crença que numa sociedade condenada ao caos pelos seus próprios erros como a moderna, a ordem sociopolítica somente pode ser restituída e legitimada por meio da Igreja hierárquica. Como é ressaltado no artigo “*Uma sociedade para os homens*” de Gonzalo Cuesta Moreno.

[...] neste tempo em que se assiste a uma continuar dissolução das estruturas tradicionais familiares, regionais, profissionais, à difusão, cada dia mais vasta, do fenômeno chamado “sociedade de massa” em todos os campos da convivência humana, tanto no político e profissional como no recreativo e cultural.[...] A salvação da sociedade de massas pode ser encontrada somente na Restauração da ordem natural e Divina da convivência humana, na qual o sujeito, o fundamento e o fim é a pessoa criada à imagem de Deus e incorporada a Cristo. (HORA PRESENTE, nº1, p.230, 1968)

A restauração de uma sociedade completamente e verdadeiramente cristã (a de orientação integrista) é um dos grandes objetivos desse grupo, desde seu primeiro exemplar até a última edição os intelectuais dessa revista buscam demonstrar que os problemas vividos pelas sociedades contemporâneas (dissolução dos casamentos, uso de drogas, rebeldia juvenil,

problemas relacionados à sexualidade, surgimento de determinadas doenças⁴⁰, violência, problemas políticos, econômicos e sociais) podem ser atribuídos ao advento da modernidade e seus princípios secularizantes, sendo a única solução para alcançar o equilíbrio social é a restauração da ordem natural e divina, ou seja, uma sociedade subordinada à moral e hierarquia da Igreja Católica.

Para alcançar esse objetivo o grupo apresenta mais uma característica comum aos grupos integristas, a necessidade de exercer ou manipular o poder político, visando garantir a restauração de uma sociedade verdadeiramente cristã, o que significa uma sociedade confessional.

Essa característica, no entanto, muitas vezes aparece de forma implícita, podendo ser vista mais como um esforço por parte desse grupo de intelectuais, tentando se afirmar como “*intelligentsia*” do regime, apresentando diversos comentários e artigos que visam mostrar em quais caminhos a política e questões governamentais deveriam seguir, desde questões sobre educação, saúde, segurança até modelo político e reformas constitucionais⁴¹.

A boa relação entre os setores mais conservadores católicos com o governo foi estabelecida muito mais por objetivos em comum entre as duas instituições aqui já observadas, do que em relação a uma mudança da “questão religiosa” da perspectiva jurídico-constitucional.

Uma estratégia discursiva utilizada com frequência era a de sempre deixar claro o apoio do grupo ao governo e a “Revolução” de 31 de Março, e enfatizar como foi importante o apoio da Igreja e famílias católicas (da parte conservadora das mesmas) para sua realização. Como pode ser observada no texto editorial “*Como voltar à “normalidade” política*”.

Tratava-se de realizar verdadeiramente um regime consentâneo com as aspirações populares e de assegurar às famílias brasileira - cuja Marcha de 19 de Março antecederia e preparara a Revolução - O mínimo de garantias que eles estavam faltando para prosseguir no estilo de vida peculiar à Nacionalidade a que pertencemos, nascida sob o signo da Cruz embalada desde o berço nos ideais da Cristandade. [...] Fugir daí seria desviar-se do verdadeiro sentido inspirador do movimento de 31 de Março, seria trair aqueles que desde dois anos antes o vinham preparando e que tiveram por si o apoio maciço e espontâneo das famílias de São Paulo e das mulheres de Belo Horizonte, quando deram o brado de “basta” aos desmandos do governo Goulart. (HORA PRESENTE, Nº5, P.19)

⁴⁰ Como é o caso do câncer em mulheres relacionados ao uso de anticoncepcionais, abordado no exemplar número 21 de 1976 no artigo “*As Pílulas Anticoncepcionais e o Câncer*” de Jorge Haddad.

⁴¹ Foram publicados diversos artigos que falavam sobre questões enfrentadas pelo governo tais como “*Assistência Médica Para Todos*” de Pedro Kassab, “*Para Reformar A Constituição*” de J. P. Galvão De Souza, “*Nacionalismo, Roteiro Para O Brasil Grande*” de J.P. Galvão De Souza, “*A Interferência Militar Na Política*” de A. Machado Paupério, “*O Ensino De Religião Ainda Tem Vez?*” de Maria Amélia Salgado Laureiro, “*“Escola Nova”: Treinar Para Mecanizar*” de José Arthur Rios, “*Federalismo De Integração*” de Alfredo Buzaid, “*“Participação” Pseudônimo de Massificação*” de Juan Vallet De Goytisolo, “*Da Compreensão do Fenômeno Político*” de Gerardo Dantas Barretto, “*A Força Militar E O Amor Cristão*” de D. José Guerra Campos, “*Pena, Castigo, Ou Readaptação?*” de Ítalo Galli, “*Mar Territorial Proporcional: Solução Possível*” de Vice-Almirante Paulo I.F.Freitas “*Uma Estrutura Democrático-Sindicalista Para As Forças Armadas?*” de A. C. Pacheco E Silva, “*É Legítima A Pena De Morte?*” de Emílio Silva, “*O Que É Imprescindível Para Um Estado De Direito*” de J.P. Galvão De Souza, “*O Estado De Direito E A Ordem Constitucional Do Brasil*” de Clovis Lema Garcia.

Esses intelectuais costumavam ressaltar como o apoio dos setores católicos foi peça chave para que a junta militar chegasse ao poder em 1964, buscando relembrar o compromisso do governo em defender os valores nacionais e a moralidade cristã que foram ameaçados no Governo Goulart pelo comunismo internacional, era diante desse argumento e dessa cobrança que buscavam exercer alguma influência nos setores governamentais.

Diante dessas análises se compreende que a revista *Hora Presente* não só é integrista por se afirmar como tal, mas por apresentar características que são atribuídas pela literatura especializada para a caracterização deste fenômeno.

2.3 Igreja e Estado: Uma preocupação dos “intelectuais” da *Hora Presente*

Neste capítulo buscamos abordar as relações conjunturais entre Estado e Igreja nas quais se insere a revista *Hora Presente*. Buscando apresentar as análises do conteúdo da revista referentes acerca da relação de “Estado e Igreja” no Brasil, observando as convergências com as propostas e condutas do Estado durante a ditadura militar, bem como as críticas a ele atribuída pelos intelectuais da revista.

Desde a colônia a história da Igreja Católica e a do Brasil se apresentam entrelaçadas, tendo a relação entre as duas instituições variado muito no decorrer do tempo. Se o catolicismo chega ao Brasil ainda no período colonial como religião oficial do Estado e assim permanece durante todo o período imperial estabelecendo raízes profundas na formação da sociedade brasileira, com a chegada da República em 1889 e da nova constituição de 1891 ocorre à separação entre as duas instituições.

Com a separação entre Estado e Igreja, o casamento passa a ser civil, os cemitérios se secularizam, o ensino torna-se laico e nenhum culto religioso é considerado oficial pelo Estado. Diante dessas mudanças como observado por Rulian Emmerick (2010) o Brasil passa a ser um estado moderno dentro das concepções da teoria da secularização.

No entanto as relações entre Estado e Igreja não são tão simples, passando por altos e baixos desde a proclamação da república até os dias atuais. Mesmo com a separação entre as duas instituições há uma disputa entre religião e política para exercer o poder normativo sobre as questões morais. E como ressaltado por Emmerick (2010) embora o Estado tenha se tornado moderno e laico do ponto de vista jurídico e constitucional, o mesmo não ocorreu tão rapidamente do ponto de vista das relações sociais.

Se por um lado essa separação causou a perda da exclusividade do catolicismo como única religião aceita, por outro significou uma maior liberdade nas ações da Igreja Católica antes subordinada pelo Estado pelo regime de padroado, essa condição levou a Igreja a desenvolver novas estratégias para se fortalecer institucionalmente e exercer seu poder nas relações sociais.

A “questão religiosa” ganhou novos contornos com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, marcado por um espírito de “respeito” mútuo entre as Igreja e Estado, o governo varguista tinha o apoio de setores da Igreja Católica, sobre tudo dos setores mais conservadores. Com a constituição de 1934 o casamento religioso volta a ter valor civil e o ensino religioso é restabelecido. Para Rulian Emmerick (2010) essa constituição representou um retrocesso aos princípios liberais estabelecidos na Constituição anterior dando maior abertura a influência religiosa na política e nos temas que deveriam ser geridos pelo Estado.

No entanto os intelectuais católicos da *Hora Presente* não compartilham da mesma visão, acreditam não ter havido nenhum avanço da “questão religiosa” e a percebiam essa constituição como um documento que continuava atrelado ao velho liberalismo. José Pedro

Galvão de Souza em seu artigo “*Preliminares básicos Para uma Reforma Política*” relembra as constituintes de 1934 e 1946 e expressa seu desapontamento.

A constituinte de 1964 e 1946 ofereceram-nos melancólico espetáculo de deputado alheios à problemática brasileira e na sua maioria presos às categorias jurídicas do velho liberalismo oriundo da Revolução Francesa, dentro de cujos esquema em vão se procuraria encontrar uma saída para as crises políticas que se sucediam entre nós, manifestações aliás de uma crise congênita do regime. Vozes isoladas se faziam ouvir e as lições de um sociólogo como Oliveira Vianna não encontraram eco naquelas assembleias, ou melhor, eram intencionalmente postas de lado pela “classe política”, interessada na manutenção de um *status quo* do qual podia tirar muitas vantagens. (HORA PRESENTE, Nº 4, 1969, P.194)

O período da ditadura varguista foi entendido pelos católicos de tendências integristas como uma oportunidade de consolidar uma maior aproximação entre Estado e Igreja, e principalmente um apoio para defender seus ideais, e dominar o campo simbólico normativo do catolicismo no Brasil.

Embora a constituição de 1934 não tenha satisfeito completamente os setores mais conservadores do catolicismo, ela estabeleceu uma preferência estatal para a Igreja Católica frente às outras religiões. Para Rulian Emmerick (2010) essas mudanças representaram uma reconquista dos espaços públicos pela Igreja, aumentando sua influência nos poderes público garantindo o ambiente necessário para defender seus interesses.

Com a instauração do Estado Novo esses grupos conservadores viram sua grande oportunidade de consolidar a relação de “*colaboração em prol do interesse coletivo*” que garantiria a luta em prol da defesa dos valores cristãos. Mas passadas algumas décadas, o balanço feito pelos intelectuais integristas assegura que apesar dos esforços do jurista Francisco Campos, ela não decorreu como eles esperavam. Como afirmado por José Pedro Galvão de Souza em seu artigo publicado em 1969.

A Constituição de 37 não era posta em prática e Francisco Campos, seu autor, se retirava desiludido do cenário político, sendo mais tarde chamado a dar sua colaboração a institucionalização do processo revolucionário de 1964. (HORA PRESENTE, Nº4, p.194)

Nos anos subseqüentes não houve grandes mudanças jurídico-constitucionais acerca da relação Estado/Igreja. No entanto, o catolicismo brasileiro enfrentou grandes mudanças com a nova conjuntura econômica, política e social como o avanço da urbanização e o surgimento de novas denominações religiosas que ganhavam cada vez mais fiéis, “*Talvez, o fato mais relevante neste contexto seja a perda de hegemonia da Igreja Católica, enquanto instituição detentora da produção dos bens simbólicos*” (EMMERICK, p.155, 2010).

O intelectual Galvão de Souza vê no golpe militar de 64 uma nova oportunidade para a implantação do modelo de sociedade idealizado pelo grupo *Hora Presente* e demais grupos conservadores de orientação integristas. E alerta seus pares para não deixar passar mais uma oportunidade como ocorrera entre os anos 1930 e 1940.

Com o movimento libertador de 31 de Março nova oportunidade surgiu, que não foi desde logo aproveitada, para restauração do país. Depois do ato institucional número 5 e dos Outros Atos governamentais que se lhe

seguiram, cabe mais uma vez levantar esta Interrogação: terá chegado finalmente o momento de encontrarmos os rumos da organização Nacional de que carecemos? sem o quê, evidentemente, as medidas saneadoras até aqui tomadas contra a subversão e a corrupção não terão passado de meros paliativos. (HORA PRESENTE, Nº4, p.195)

Para que se entenda melhor a relação entre Estado e Igreja dentro da perspectiva integrista ao qual o grupo em análise se enquadra, é preciso entender que eles possuem uma visão e conceitos de estado específicos, o Estado é entendido pelos intelectuais da revista *Hora Presente* dentro da perspectiva tomista.

Para Tomás de Aquino o Estado é responsável pelo bem comum dos indivíduos, que não se restringe unicamente a uma função negativa e material expressa pela sua função repressiva e econômica, mas também possui a função positiva de organização e espiritual de assegurar os valores morais. Cabral de Moncada (1995) observa que para Tomás de Aquino o Estado tem origem natural assim como a família, que surgem em função do extinto de convivência social do homem.

De acordo com Cabral de Moncada (1995) a finalidade do Estado em Tomás de Aquino consiste na garantia do bem comum ao homem, o bem comum por sua vez, deve garantir o bem-estar material necessário para a sua conservação, para que o indivíduo possa cuidar dos fins eternos, como a salvação da alma.

Como observou Cabral de Moncada (1995) em relação ao pensamento tomista, no universo criado por Deus tudo está organizado dentro de uma hierarquia onde o mais baixo é subordinado pelo mais alto; onde os fins temporais estão subordinados aos espirituais. Obedecendo a esse modelo, o Estado não é responsável pelas questões do espírito, no entanto, é seu dever não desconhecer e possibilitar sua realização, cuja responsabilidade pertence a Igreja, ou seja dentro da perspectiva tomista o Estado está subordinado ao poder da Igreja.

Cabral de Moncada (1995) ressalta que essa relação de subordinação do Estado à Igreja não conduz a uma forma de Estado puramente teocrática, mas a uma relação onde o poder espiritual exerce sua influência de forma indireta e em que ambos devem seguir dentro de uma ordem que busca uma mesma finalidade. Ao Estado é observada determinada autonomia e respeito por parte da hierarquia espiritual, desde que ele exerça suas funções dentro da ética, caso contrário, se houver contrariedade às leis divinas, a Igreja deve recusar-se a obediência, e a luta e resistência contra a tirania é legítima.

Faz-se necessário ressaltar que o conceito de Estado é mutável conforme os contextos em que são inseridos e perspectivas teóricas adotadas. Ao abordarmos essa concepção de Estado tomista não temos por objetivo a validação do conceito, mas buscamos entender como os intelectuais aqui analisados o entendiam e de que forma buscavam se relacionar com ele.

De acordo com Charles Antoine (1980) os intelectuais da revista entendiam o conflito entre a constituição histórica da Nação e a Constituição jurídica era o mal que afligia o Brasil. E acreditavam que a junta militar que governava o país tinha como finalidade restringir o processo de desagregação da nação.

A *Hora Presente* defendia a necessidade de uma reforma do Estado brasileiro que reconhecesse a exaltação do nacionalismo e entendesse a nação como realidade humana fundamental. Nessa direção, como observado por Antoine (1980), os intelectuais da *Hora Presente* procuraram discutir a realidade objetiva da política na “realidade nacional”, defendendo que a solução para a crise institucional do Brasil deveria buscar por princípios que respeitassem a ordem natural da sociedade. Esta somente seria possível com o

afastamento das ideologias modernas, tais como o liberalismo e o comunismo. Como explicitado no trecho abaixo em um dos artigos de Galvão de Souza⁴².

Refletindo uma crise universal, a problemática brasileira requer, antes de mais nada, uma solução política baseada em princípios que permitam respeitar a ordem natural das sociedades, da qual as ideologias modernas – desde o liberalismo até o comunismo – se afastaram. Além disso, cumpre estruturar as instituições segundo as peculiaridades do nosso meio ambiente e da nossa formação histórica. (HORA PRESENTE, Nº4, P.195, 1969)

Além de defender o catolicismo “integral”, a revista publicava artigos em apoio ao governo militar, pois acreditavam ser uma de suas funções oferecerem apoio ideológico ao governo. Charles Antoine observou que a revista *Hora Presente* expressa uma característica bastante “política”, ao vincular em seus volumes análises acerca dos vícios do sistema democrático brasileiro e sobre a significação do regime militar. Esses posicionamentos vão se aproximar muito da própria visão do governo, ganhando algum sucesso.

Quanto ao caso brasileiro, se não realizarmos a reforma do Estado que se impõem, veremos a crise nacional entrar numa nova fase aguda com consequências imprevisíveis. Isto acontecerá também se prevalecer a ideia da “redemocratização” imediata, preconizada por alguns, isto é, –segundo o sentido exato da palavra empregada – o retorno à pseudodemocracia em que vivemos, com tôdas as suas mentiras, todos os seus vícios, tôdas as oportunidades abertas para o domínio das oligarquias, do argentário e das forças internacionais. (HORA PRESENTE, Nº4, P.195, 1969)

Para o grupo da *Hora Presente*⁴³ só uma visão realista e cristã da vida, poderia pôr fim na “obra satânica e totalitária” (era dessa forma que se referiam às mudanças que se seguiram ao modernismo, liberalismo, comunismo, individualismo protestante, racionalismo, etc.) sendo a Nação como a entendiam a única coletividade para pôr fim a essa forma política.

Galvão de Sousa, um dos intelectuais mais influentes da *Hora Presente*, em seu artigo “*O nacionalismo na Hora Presente*” afirma ser a ideia de Nação ou nacionalismo, uma ideia-força que sensibiliza a juventude civil e os oficiais jovens das forças armadas, e norteadora das ações do governo. Desta forma, o nacionalismo é uma ferramenta, ou atitude, cuja finalidade é vigiar e guardar os bons costumes e os interesses nacionais, sendo em tempo de guerra revolucionária (que para eles é contra o progressismo e comunismo) a solução para combater os revolucionários.

A revista entendia que só era possível desenvolver o nacionalismo em um país com o zelo pelo patriotismo, buscando manter as realizações das gerações passadas, e transmitindo as futuras, ou seja, é o ato de conservar os patrimônios materiais e culturais da sociedade, esse patrimônio a que se refere é o herdado da civilização cristã, como observou Antoine (1980) para os intelectuais da revista o nacionalismo e o patriotismo são indivisíveis da religião católica. Essa visão nos permite compreender as redes do conservadorismo que observamos em análise a esses intelectuais.

⁴² Do artigo “*Para reformar a constituição: Preliminares Básicos para uma Reforma Política*” já citado anteriormente.

⁴³ Como explicado em “*O nacionalismo na hora presente*” da edição nº6 de 1970.

O nacionalismo não era uma ideia defendida unicamente por esses grupos favoráveis ao governo militar, ela era amplamente discutida e empregada no discurso dos grupos opositores da ditadura militar. Evidentemente as concepções sobre os conceitos eram diferentes e divergentes, os opositores compartilhavam de uma ideia de nacionalismo que se aproximava dos que foram empregados pelos teóricos do socialismo.

Os intelectuais da *Hora Presente* tinham consciência de que os usos das ideias nacionalistas possuem a força de aglutinar as massas, e que não eram os únicos que buscavam empregá-lo aos seus interesses. Dessa forma, eles acreditam que o fato da palavra “nacionalismo” ser utilizada pelos seus inimigos, não sugere que ela deveria ser abandonada, pois isso significaria entregar o monopólio aos opositores do verdadeiro nacionalismo e deixá-los destruir o seu real significado.

Sendo assim, de acordo com Charles Antoine (1980) os intelectuais da *Hora Presente* se destinavam não somente a viver um catolicismo “integral” como também um nacionalismo “integral”, buscando desarmar os agentes revolucionários opositores do governo, que eram acusados pelos integristas de promoverem a revolução mundial que buscava destruir a sociedade.

Como os intelectuais organizadores da revista *Hora Presente* se portavam como uma espécie de “inteligência” que se propunha a oferecer seu apoio ideológico ao governo “Revolucionário” - como gostavam de referir-se aos presidentes militares do pós 1964 - veicularam diversos artigos que tratavam dos mais diversos temas relacionados aos problemas enfrentados por esses governos, muitas vezes tecendo opiniões sobre as ações tomadas pelos governantes, que podiam representar elogios ou críticas conforme sua aproximação com o ideal de sociedade defendido pelo grupo.

Entre os pontos de convergência entre a *Hora Presente* e o governo estavam a guerra contra a subversão interna e externa praticada pelo Estado; o projeto de moralização da sociedade brasileira que valorizava os verdadeiros valores nacionalistas, que levou a obrigatoriedade do ensino moral e cívica; o modelo de desenvolvimento econômico, elogiado pelo grupo por levar a valorização da economia sem recorrer a visões ideológicas e ao discurso de reformar as instituições políticas para sanear e livrá-las dos vícios e corrupção praticados pelo antigo modelo “pseudodemocrático”.

No entanto, algumas críticas também foram atribuídas, não com a conotação de oposição ao governo, mas de forma a apontar problemas que deveriam ser considerados pelos dirigentes políticos. As principais críticas atribuídas ao Estado eram, sobretudo o esquecimento dos compromentimentos feitos em 31 de Março de 1964, entre eles a promessa de reforma do Estado que passavam-se os anos e não era efetivamente realizada.

Entre esses problemas apontados pelos intelectuais da revista estava a insistência de determinados políticos nos princípios liberais, sejam eles relacionados às liberdades individuais, pois esses intelectuais observam esses princípios como um dos responsáveis pela dissolução da sociedade cristã e seus valores – seja em relação ao liberalismo econômico, pois a economia para os intelectuais da revista em análise não deveria ser nem orientada pelo liberalismo nem pelo socialismo. Abaixo vemos a descrição feita por Luís de Sena Esteves no artigo “*A família e a “Sociedade de Consumo”: Perspectivas econômicas e atuais e suas incidências na instituição familiar*”.

–creio que a solução não se encontra nem no liberalismo nem no socialismo e que não existe sequer este dilema. Só uma economia de propriedade privada e empresa privada poderá servir e defender a sociedade familiar, mas nessa economia deverá sempre a noção de serviço antepor-se

à de lucro. Uma economia evidentemente baseada na liberdade do consumidor, o que exige a norma da livre concorrência, embora sujeita ao Estado nas relações com o bem comum. (HORA PRESENTE, Nº11, p.193, 1971)

Outra preocupação dos intelectuais da *Hora Presente* era a volta à participação política, a qual eles eram contrários, pelo menos não como essa participação fora estabelecida pelas democracias liberais. Diversos artigos abordando o assunto foram publicados pela revista tanto na seção de artigos editoriais que traziam os comentários da atualidade, em que críticas eram atribuídas aos indivíduos que defendiam ou falavam da volta à participação política nos moldes que estavam sendo praticada anterior ao golpe, como na seção de artigos assinados que traziam textos mais teóricos e conceituais sobre o tema. Os autores buscavam demonstrar quais eram as implicações dessa forma de participação política. No texto “Participação”, *Pseudônimo de massificação* de Juan Vallet de Goytisolo⁴⁴ aborda-se o que é considerado um problema: a participação na sociedade de massas.

Não esqueçamos de que a chamada opinião pública, numa sociedade de massas, não é senão uma opinião pré-fabricada por quem consiga um maior domínio dos meios de comunicação de massas ou pelos que logram dominá-las pela mais hábil exploração dos reflexos condicionados. Como pode a opinião pública ser expressão de uma verdadeira opinião do povo numa sociedade de massas, se nela não há realmente povo – para cuja existência se requer uma vitalidade própria – e se uma das primeiras conseqüências de massificação consiste na perda da liberdade de opinião? (HORA PRESENTE, Nº11, p.83, 1971)

Os intelectuais da *Hora Presente* viam o governo militar como uma oportunidade histórica para avançar na restauração do modelo de uma sociedade baseada nos “verdadeiros” princípios cristão e livre dos “erros” propagados pela modernidade. No entanto, com o passar dos anos esse grupo de intelectuais embora tenham se mantido fiéis em seu apoio, atribuíam cada vez mais críticas ao regime pela sua incapacidade de realizar a reforma necessária das instituições e a insistência vista como “errônea” de tentar adaptar o regime ao modelo democrático e seus vícios, buscando-se estabelecer dentro da legalidade existente ao invés de rompê-la. Assim, entende-se tratar de uma “revolução incompleta” ou a “conta-gotas” nos termos dos próprios intelectuais da revista.

⁴⁴ Juan Vallet de Goytisolo foi um intelectual do laicato católico espanhol, jurista e filósofo do direito,

3. CONSERVADORISMO RELIGIOSO NO SÉCULO XXI

Este capítulo busca destacar algumas discontinuidades e permanências do do integrismo nos movimentos católicos conservadores da contemporaneidade. Para essa análise consideramos algumas entrevistas com intelectuais contemporâneos ligados ao catolicismo, com o intuito de levantar alguns questionamentos sobre o desenvolvimento do conservadorismo católico nas últimas décadas.

As análises das entrevistas dos informantes possibilitaram relacionar o aparecimento dos movimentos conservadores dentro do catolicismo, como pertencentes a um processo de acomodação da Igreja Católica a modernidade que vem se estabelecendo ao menos desde o século XIX.

3.1 Intelectuais católicos e percepções sobre o conservadorismo na atualidade

Esta seção contará com a abordagem da produção dos intelectuais católicos contemporâneos considerando: algumas entrevistas realizadas com esses indivíduos na atualidade acerca das suas percepções dos movimentos católicos considerados conservadores na contemporaneidade; publicações digitais⁴⁵ como documentos pontifícios, notas da CNBB e artigos de jornais⁴⁶; publicações em páginas de movimentos católicos⁴⁷ contribuam para essa discussão. Buscamos aprofundar e identificar possíveis tendências entre os movimentos conservadores surgidos durante a ditadura militar com movimentos conservadores da contemporaneidade, para estabelecermos as discontinuidades e permanências dos discursos de orientação conservadoras abordados nos capítulos anteriores. Sendo assim, este conjunto de fontes variadas, para além dos artigos da Revista *Hora Presente* nos ajudam a colocar sob o candelabro hipóteses para se compreender o conservadorismo na atualidade.

As relações religiosas da contemporaneidade apontam para um cenário cada vez mais submerso no pluralismo religioso e nos últimos anos os cientistas sociais vêm abordando o assunto de forma cada vez mais densa (FERNANDES, 2006; 2013; CAMURÇA, 2013). Se por muitos anos a preocupação como o fenômeno religioso esteve voltada para uma discussão pautada no processo de secularização da sociedade ocidental, hoje os objetos acerca do fenômeno religioso ganham novos questionamentos. No entanto, isso não significa que devemos excluir o processo de secularização das conjunturas de análise dos cenários religiosos, mas entendê-la como uma variável possível e com características distintas a partir da sociedade em que o processo se deu ou vem ocorrendo, assim como o é o pluralismo religioso e os demais aspectos que motivam as relações do homem em torno da dimensão compreendida como sagrada pelos indivíduos contemporâneos.

⁴⁵ As publicações utilizadas vão sendo referenciadas em nota de rodapé conforme vão sendo analisadas.

⁴⁶ Os jornais de publicação online consultados foram: BBC; El País; G1.com; O Globo;Veja.com.

⁴⁷ As páginas católicas consultadas foram: Comunhão Libertação Brasil - <http://br.clonline.org/default.asp?id=743>; Diocese de Guaxupé - <http://guaxupe.org.br>; FSSPX Brasil - <https://www.fsspx.com.br/>; Juventutem Niterói - <https://juventutemniteroi.wordpress.com/>; Missa Tridentina - <http://www.miss-atridentina.com.br>; Padres Casados - <http://www.padrescasados.org>; Permanência - <http://permanencia.org.br/>; Toca de Assis - <http://tocadeassis.org.br/>.

Ao dizer que uma sociedade apresenta pluralismo religioso se entende que nela não ocorre, sob o ponto de vista estatal, o monopólio religioso, o que permite com que os indivíduos possam manifestar suas crenças de forma livre e aberta. Especialmente na América Latina este processo acontece de modo diversificado distinguindo-se sobremaneira do continente europeu.

A secularização e a laicização do Estado são fatores que em muitos casos contribuíram para contextos favoráveis ao surgimento do pluralismo religioso. Desta forma assim como assinalou Renato Ortiz:

O fim do monopólio religioso não coincide, portanto, com o declínio *tout court* da religião, sua quebra significa justamente pluralidade, diversidade religiosa, seja do ponto de vista individual, seja coletivo. (Em termos lógicos não há pois necessidade de imaginarmos o “retorno” de algo que nunca expirou). A sociedade moderna, na sua estrutura, é multirreligiosa. (ORTIZ, 2001, p.62)

No entanto, se por um lado a religiosidade no mundo contemporâneo apresenta diversos expoentes como bricolagem, trânsito religioso, campo religioso pluralista, privatização e individualização do sagrado, desinstitucionalização religiosa e a possibilidade de indivíduos assumirem a condição de “sem religião” mantendo-se religioso, por outro fica assegurada a existência de conflito nas relações vivenciadas dentro do fenômeno religioso de nosso tempo.

Hoje ao pensar em integrismos ou em posições religiosas tidas como extremistas é comum o exercício de relacionarmos essas categorias a sociedades não ocidentais como observou Pierucci (1992) em *“Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisa”*. Entretanto, tais mentalidades não são condições superadas em nossa sociedade, ao menos podemos observá-lo no cenário do catolicismo, foco de nossa análise. Mesmo que os conflitos atuais possuem naturalmente outra configuração em relação aquelas décadas de 1960 e 1970 como observamos no caso estudado acima, não é incomum nos depararmos com grupos católicos que se reivindicam integristas ou que em suas práticas se posicionem em conformidade com convicções convergentes aos integrismos.

É importante observar o uso da palavra “integrismos” no plural, pois embora esses grupos apresentem similaridades, cada um reserva suas particularidades. Em comum esses grupos que serão mencionados abaixo compartilham o pressuposto da “verdade única” e “integral” onde o ecumenismo não encontra espaço, dando lugar algumas vezes a violências simbólicas com aqueles que não compartilham da mesma visão de mundo.

Dentro desses grupos no cenário atual, encontramos desde continuidades de grupos contemporâneos ao *da Hora Presente* como é o caso da FSSPX (Fraternidade Sacerdotal São Pio X) fundado no ano de 1970 por Dom Lefebvre e que hoje encontra-se sob a liderança de Dom Bernard Fellay. Embora ofereça obediência ao Papa, a FSSPX, segundo suas palavras *“nega e sempre se negou a seguir a Roma de tendência neomodernista e neoprotestante que se manifestou claramente no Concílio Vaticano II e, depois do Concílio, em todas as reformas que dele surgiram.”* (LEFEBVRE, 1974).

Tal grupo apresenta uma relação conflituosa com a própria Hierarquia Romana, e teve seus bispos excomungados em 1988 por João Paulo II, conseguindo a revogação da excomunhão em 2009 sob o Pontificado de Bento XVI, o que não significou uma reconciliação efetiva com a Igreja Romana. Mesmo tendo obtido a permissão do Papa Francisco para realizar os sacramentos da confissão e extrema unção em 2015, essa

fraternidade não se encontra em plena comunhão com a Igreja, ainda que reúna um número significativo de leigos e religiosos que partilham da sua missão.

Outro grupo representante dessa mentalidade também tradicionalista é o “Permanência”, grupo de intelectuais católicos leigos, fundado por Gustavo Corção no mesmo contexto do grupo Hora Presente. Ambos quais mantiveram relações estreitas no período da ditadura militar brasileira e compartilharam publicações de um mesmo grupo de intelectuais.

Diferentemente do grupo paulista *Hora Presente* o grupo *Permanência* mantém-se ativo nos dias atuais e conserva o movimento “Permanência” como um Centro Cultural que tem seus artigos veiculados de forma virtual. Além disso, mantém uma editora (editora Permanência) na qual publicam livros de referência ao movimento, cujos custos ajudam a manter a entidade.

Além desses grupos cuja ressonância se constituiu de modo mais estreito com a mentalidade integrista oriunda da década de 1960, há o surgimento de novos grupos católicos que estão em oposição ao que pode ser entendido como “moderno”, como por exemplo, o Toca de Assis⁴⁸. Silvia Fernandes (2011) observa que esse movimento se constitui em uma comunidade religiosa de inspiração franciscana, carismática e espiritualista, em que plena época de pluralismo foge da lógica da dessacralização e revive uma perspectiva com referências a época medieval em que “todo o conhecimento vem de Deus”, levando muitos jovens de classe média a largarem seus estudos para juntar-se ao grupo.

Há ainda o grupo *Juventutem*⁴⁹ organizado por jovens entre 16 e 34 anos que prezam pela volta à tradição católica e optam pelo missal tridentino, rito que era praticado anteriormente ao Concílio Vaticano II. A participação nas missas de rito tridentino tem crescido em todo o Brasil, havendo celebrações da santa missa neste formato em dezenove estados e no distrito federal⁵⁰. A formação desses grupos nos chama a atenção para a questão da participação da juventude, representada por uma geração que teve sua formação em uma época de grande abertura em relação a moral e comportamento, tanto pela sociedade de forma geral quanto pela própria Igreja, vivenciar sua religiosidade buscando meios tradicionais e conservadores.

Diferentemente dos dois primeiros grupos citados FSSPX e Permanência que em algum momento podem ser caracterizados como integristas, esses novos grupos católicos não se reivindicam como integristas, e nem podem ser classificados dessa forma, no entanto apresentam uma forma de conservadorismo onde é observado de forma matizada uma continuidade entre seus discursos e dos dois primeiros grupos, nos quais partilham a rejeição ao modernismo inaugurado com o processo de secularização e a missão de manter um posicionamento de vigilância e luta dos influxos procedentes da modernidade.

Entretanto, quando abordamos essa questão do conservadorismo católico e acionamos esses grupos como *FSSPX*, *Toca de Assis*, *Juventutem*, *Permanência*, *Comunhão e Libertação*⁵¹ entre outros, não buscamos reduzi-los a grupos homogêneos, até porque

⁴⁸ A Fraternidade de Aliança Toca de Assis foi fundada por Roberto José Lettieri em maio de 1994, a entidade atendimento aos moradores de rua, sem inspirada nos ideais de pobreza, obediência, castidade e gratuidade de São Francisco de Assis.

⁴⁹ Grupo formado por jovens católicos fundado em 2004, na Suíça.

⁵⁰ **MISSA TRIDENTINA. Missa Tridentina por Estado.** Disponível em: <http://www.missatridentina.com.br/index.php/loais-de-missa-sp-117053865/> Acesso em: 26 de maio de 2017.

⁵¹ Nascido na Itália, em 1954, fundado por Dom Luigi Giussani (1922-2005), no Liceu clássico “Berchet” de Milão, que primeiramente usava a sigla Juventude Estudantil (Gioventù Studentesca – GS), é movimento eclesial

possuem diferenças e particularidades, o que buscamos demonstrar é a existência da permanência de elementos concernentes ao conservadorismos e tradicionalismos católicos na atualidade, como estudado na Revista *Hora Presente*.

Como já observado os anos de 1960 e 1970 foram marcantes as divergências dentro da Igreja Católica em todo o mundo, e tais divergências foram decorrentes das questões discutidas no período de instalação do Concílio Vaticano II e nos primeiros anos de seu recebimento pela comunidade católica. No Brasil, que vivia seus anos de ditadura militar, os movimentos conservadores ganharam grande notoriedade nos meios intelectuais, não tendo sido diferente em determinados meios católicos.

O debate inerente às mudanças conciliares podem ter atravessado um período de menor notoriedade ou não ser fortemente percebido fora dos meios católicos, mas continuaram se desenvolvendo no decorrer dos anos dando indícios de que muitas questões trazidas à tona pelo Concílio Vaticano II continuam carentes de soluções ou consenso no meio religioso.

Em entrevistas com alguns intelectuais ligados ao catolicismo buscamos entender como as questões pós conciliares, bem como as divergências entre as correntes do catolicismo vêm se desenvolvendo nos últimos anos, principalmente levando em conta as mudanças no cenário religioso com o papado de Francisco e das mudanças vivenciadas no campo político brasileiro das últimas décadas. Como explicitado anteriormente, essas entrevistas nos ajudam no sentido de lançar luz a determinadas interpretações sobre os integristas e ainda a levantar novas hipóteses de trabalho sobre o tema tratado nesta dissertação.

O entrevistado Paulo Fernando Carneiro de Andrade é teólogo católico e professor de teologia da PUC-Rio, além de ter engajamento Pastoral na Igreja Católica através de assessorias ou por sua participação efetiva como leigo católico. Sua formação ocorreu em momento de florescimento da Teologia da Libertação e ele se considera participante dessa corrente do catolicismo.

Paulo analisa que na década de 1960 houve uma enorme efervescência cultural no mundo que acabou se acentuando também na organização da Igreja. Nesse sentido, as transformações propostas pelo Vaticano II levavam em conta as novas experiências nas pastorais, as comunidades eclesiais de bases e também as maneiras de se colocar no mundo, bastante diferentes das vivenciadas naquela época. No entanto, chama a atenção para o fato de que também houve movimentos reativos com uma forte oposição de setores conservadores, não só conservadores no sentido religioso mas em questões sociais que faziam oposição a Teologia da Libertação e suas práticas e que acabaram encontrando respaldo em setores da própria Cúria Romana.

Nosso entrevistado contemporiza afirmando ser necessário entender o contexto na década de 1960 quando ocorre o Concílio Vaticano II por ser também o contexto também de um mundo em transformação. Nessa conjuntura, a partir do fim da Segunda Guerra em 1945, as décadas de 1940 e 1950 vão ser um período de avanço da modernidade no mundo ocidental. Paulo analisa os novos movimentos oriundos das transformações culturais nos anos de 1960 tais como o movimento hippie e o 68 francês. Na Igreja essas transformações começam a ser percebidas principalmente pela Teologia da Libertação que tem sua emergência no final dos anos 1950 e 1960 nos chamados países do terceiro mundo.

Esse contexto que compreende desde 1930 até 1960 pode ser entendido segundo Dussel (1989) como um período em que a Igreja Católica passa por um período de conflitos

cujos objetivos são a educação cristã dos seus membros no sentido da colaboração com a missão da Igreja em todos os âmbitos da sociedade, o nome *Comunhão e Libertação* começou a ser usado a partir de 1969.

seja interno ou em relação ao Estado; amadurecimento e de mudança estrutural que vão gerar resultados no período posterior frente às mudanças do cenário político na América Latina que vai enfrentar um período de ditaduras. Nesse período em que a Igreja busca se reestruturar ela opta por apoiar e se aproximar dos governos populistas, adotando uma postura anticomunista, mas a partir dos anos 1950 observando o declínio desse sistema, busca se distanciar e fortalecer suas estruturas nacionais.

Para Paulo Fernando Carneiro de Andrade a formação e explosão das inúmeras lideranças nos movimentos sociais o pan-africanismo, o guaranismo, os movimentos na Ásia e os movimentos na América Latina como a Teologia da Libertação tornaram os anos de 1960 extremamente ricos do ponto de vista da experimentação. No Brasil também houve avanços das forças formadoras que levaram a oposição do golpe de 1964, sobretudo no período de maior repressão iniciado em 1968.

Para o teólogo, todo esse contexto juntamente com o concílio Vaticano II a partir de 1960 até o final de 1965 gerou uma série de novas experimentações pastorais: Comunidades de vida religiosa como as comunidades eclesiais de base e a Teologia da Libertação que ganharam força no final dos anos 1960 e 1970 principalmente com a publicação do *Gaudium et Spes*⁵² e de Medellín que trouxeram todo um conceito da opção pelos pobres gerando em contrapartida uma reação conservadora.

Tal reação conservadora, na visão de Andrade vai se dar por grupos que vão se opor a Teologia da Libertação e seguir opções conservadoras ganhando algum apoio também na cúria Romana e entre setores na Europa e nos Estados Unidos. Essa luta dos grupos contrários vai gerar todo um embate teológico latino-americano nos anos de 1970 prosseguindo na década de 80 quando ao mesmo tempo vão se afirmar também outras forças mais conservadoras dos movimentos como o movimento carismático com concepções mais conservadoras, esses movimentos ganharam certa força na segunda parte do pontificado de João Paulo II, no entanto perdem força no atual pontificado.

Essa reação conservadora e combativa da Teologia da Libertação, vai se dar principalmente por grupos herdeiros dessa estrutura adotada pelo catolicismo do período anterior marcado pelo anticomunismo a proximidade com governos não democráticos. Henrique Dussel analisa que “*O conservadorismo da LEC, do movimento “integralista” e de muitos outros, formou no Brasil um setor de catolicismo direitista com simpatias fascistas, tendências essas que se prolonga até os anos 80.* (Dussel, p.21, 1989).

Como analisado anteriormente, essa movimentação intensa, de renovação intelectual, pastoral e organização nacional das Igrejas América Latina, vai gerar inúmeros movimentos católicos que vão buscar se impor no cenário político. É um momento de produção de inúmeros conflitos entre setores divergentes do catolicismo, gerando uma enorme disputa simbólico normativa entre grupos de características conservadores e progressistas, agravada pelo chamamento do Concílio Vaticano II, em que muitas dessas disfunções ainda encontram ressonâncias no presente.

Outro entrevistado foi o sociólogo Luiz Alberto Gomes de Souza, intelectual católico, especialista em política e religião, professor da Universidade Cândido Mendes com diversos trabalhos publicados sobre a Igreja Católica no Brasil. Ele argumenta que a Igreja Católica,

⁵² *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo contemporâneo é a única constituição pastoral e a 4ª das constituições do Concílio Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja Católica e o mundo. A Constituição pastoral “*A Igreja no mundo actual*”, formada por duas partes, constitui um todo unitário, é chamada de pastoral, porque, apoiando-se em princípios doutrinários, pretende expor as relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje.

assim como as religiões em geral, sempre foi uma igreja com muitas tendências, sendo que no caso da Igreja Católica essa característica é muito clara. Conforme seu depoimento há duas tendências marcantes e outra de menor expressão, que podem ser definidas como uma tendência mais Progressista na linha da Teologia da Libertação, há uma tendência de centro moderada mas que não tem uma posição firme, e a outra corrente é uma tendência integrista de direita que busca manter a situação atual do catolicismo.

Luíz Alberto considera aproximar-se mais da tendência que se chamaria a “família da Teologia da Libertação”, e afirma trazer em suas reflexões os pressupostos da corrente filosófica do que foi chamado de personalismo comunitário, e do filósofo leigo Emmanuel Mounier que teria tido grande influência na Igreja Católica no Brasil nas décadas de 1950 e 1960.

Por conservadorismo Luiz Alberto Gomes de Souza entende aqueles que querem manter a situação igual tanto dentro da Igreja como, por exemplo em relação às políticas de proibição ao aborto entre outros, tanto em questões sociais, como não tocar nas estruturas de classe ou na desigualdade acentuada que há no Brasil, essa posição caracterizaria o setor conservador. Já os setores progressistas estão representados por essa corrente que vem lá da Teologia da Libertação dos anos 1970 e se constitui como um setor que faz críticas internas sobre a igreja em relação a sua estrutura. Esperam que a instituição seja mais democrática, mais participativa e denuncie as chamadas políticas neoliberais que prejudicam, em sua visão, o avanço de programas sociais.

A definição de conservadorismo do entrevistado se coaduna com o posicionamento adotado pelos intelectuais da revista *Hora Presente* aqui analisada, que podem ser compreendidos como representantes claros dessa corrente nas décadas de 1960 e 1970. Esses grupos conservadores mantêm uma postura de contestação frente às questões oriundas do processo de modernização buscando conservar o catolicismo em seus moldes tradicionais e sendo contrários a tudo aquilo que seja próprio do progressismo, seja em questões sociais, moral ou política.

A socióloga Lúcia Ribeiro, outra informante, é membro da equipe do ISER/ASSESSORIA do Rio de Janeiro e pesquisadora nas áreas de saúde, sexualidade, reprodução e religião em diversas organizações no Rio de Janeiro. Além disso, assessora movimentos sociais e é particularmente vinculada às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Lucia afirma estar alinhada com as perspectivas da Teologia da Libertação.

A informante analisa que as CEBs nas décadas de 1970 a 1990 representaram um espaço relevante de abertura e de conexão do catolicismo com o que denomina “problemas concretos da vida” e com uma atuação sobre esses problemas. Em seu discurso analisa que após a crise da Ação Católica, a JUC – Juventude Universitária Católica promove uma abertura sobre as questões sociais em um contexto de intensa politização que culmina com o golpe de 1964. Lucia Ribeiro destaca a ação das comunidades eclesiais de base junto a população menos favorecida socioeconomicamente. Sublinha ainda a capacidade de organização dos mais pobres quando associados às comunidades eclesiais de base.

De acordo com Dussel (1989) A partir da II Conferência Geral de Medellín em 1968, é inaugurada uma nova fase do desenvolvimento da Igreja Latino Americana. Ocorre uma renovação e grande movimentação dos grupos progressistas e uma multiplicação das CEBs que vai viabilizar a Igreja da “opção pelos pobres”. Entretanto, a História da Igreja na América Latina é marcada também como analisa Michel Löwy (2000) por uma “Guerra dos Deuses” termo que usa para fazer referência a um conceito de Weber, tomado de empréstimo

para caracterizar a existência da disputa religiosa entre grupos conservadores e progressistas no contexto latino-americano.

O *Kampf der Götter* de Weber define de uma maneira extremamente adequada o *ethos* político/religioso da América Latina nos últimos trinta e cinco anos. Por um lado, *ad intra* ele se aplica ao conflito no campo religioso entre concepções de Deus radicalmente opostas: às dos cristão progressistas e a dos cristãos conservadores (tanto católicos como protestantes) -"Uma colisão de valores" (*Wertkollision* -outro termo weberiano) que, em situações extremas tais como a da América Latina na década de 80, pode até se transformar em uma guerra civil. (LÖWY, p.9, 2000)

A década de 1960 foi um período de grande reflexão da Teologia da Libertação e do catolicismo progressista, tendo seu ápice em Medellín, período que começam a ser publicados os primeiros trabalhos que abrem os caminhos da Teologia da Libertação, como "*La pastoral de la Iglesia en América Latina*" de Gustavo Gutiérrez e a "*Religión: opio o instrumento de liberación*" de Rubens Alves (DUSSEL, p.67, 1989). Entretanto, é em 1968 que no Brasil as revistas *Permanência* e *Hora Presente* passam a ser publicadas se colocando como uma "contrarrevolução" em reação a esses grupos progressistas sobretudo a Teologia da Libertação para a qual atribuíam duras críticas.

Lúcia Ribeiro argumenta que as CEBs não mantiveram a mesma vitalidade do contexto dos anos 1970, o que está diretamente ligado, em sua opinião, ao que chamou de "retrocesso a nível institucional global", não só em relação aos próprios papados, mas também a CNBB. A Conferência possuía, em sua opinião, uma posição de muita abertura, mas no decorrer do tempo manteve um conflito entre grupos de bispos mais abertos e bispos mais fechados. Lúcia salienta que de um modo geral, a posição da CNBB foi de maior abertura nos anos anteriores do que no contexto atual. Para ela, esse fechamento institucional limita a atuação das CEBs.

Por outro lado, na percepção de Lúcia Ribeiro, a fundação do PT propiciou o engajamento social e político de muitos católicos e facilitou uma certa retração das CEBs na medida em que muitos de seus membros filiaram-se a partidos políticos. Assim, vários deles se engajaram politicamente posteriormente, inclusive, diretamente no governo do PT com Lula e com Dilma, gerando um momento de crise de transformação não só do país mas também da igreja que buscava novos caminhos.

Essa mudança das organizações católicas para os partidos políticos observado por nossa informante, acontece, sobretudo após a crise e enfraquecimento da JUC. Para Dussel(1989) essa crise da Ação católica levou a uma secularização do sindicalismo cristão levando a uma "confusão" entre esse movimento com interesses estritamente classistas das lideranças trabalhadoras e camponesas, conseqüentemente levando também ao esvaziamento dos movimentos herdeiros da Ação Católica.

Nosso informante Luiz Alberto Gomes de Souza ao ser questionados sobre os atuais movimentos da Igreja Católica afirma que alguns deles, tais como o *Comunhão e Libertação*, o *Opus Dei* e os movimentos carismáticos têm tido muita visibilidade, o que sugeriria uma regressão da vertente progressista. Contudo, ele afirma que essa impressão não procede. Luiz

Alberto faz menção a uma de suas publicações, intitulada: “*As CEBs vão bem, obrigado*”⁵³ na qual explica que os movimentos de base que surgiram depois de Medellín continuaram e continuam se desenvolvendo, embora sem a visibilidade que tinham na época de seu surgimento. Gomez de Souza é otimista quando analisa as CEBs afirmando que elas continuam espalhadas por muitos lugares.

Entre os movimentos no mundo católico que se distanciam de seu posicionamento Luiz Alberto indica a *Opus Dei*, prelazia ligada ao Papa e que segundo o sociólogo apresenta uma visão integrista, com uma verdade “fechada”, “dura” e “lenta”; e destaca ainda o movimento de origem italiana que se desenvolve no Brasil – *Comunhão e Libertação* – por apresentar, na visão de Gomez de Souza uma perspectiva individualista. Além dessas divergências mais atuais Luiz Alberto Gomes de Souza destaca que no passado a sua grande discordância era com Gustavo Corção que integrou o Centro D. Vital. Nosso informante argumenta que Corção inicialmente possuía uma visão um pouco mais aberta mas posteriormente foi se fechando adotando uma linha dura. Luiz Alberto aponta ainda suas divergências com a TFP – Tradição, Família e Prosperidade⁵⁴ e seus representantes o Pensador Plínio de Oliveira e mais dois Dom Geraldo de Proença Sigaud e o Bispo Castro Mayer.

Se nas décadas de 1960 e 1970 houve uma efervescência de grupos católicos que buscavam se estabelecer no cenário político e social dentro de um esquema de luta simbólico normativa pelo real discurso do catolicismo brasileiro, onde facilmente podiam ser nominados, no atual contexto, como observado por Luiz Alberto Gomes de Souza, ocorre determinadas movimentações, mais do que de grupos fechados que se possam classificar.

Para Gomes de Souza, figuras como Leonardo Boff e Frei Betto dão visibilidade a toda uma reflexão e prática que se desenvolve no que esse entende como Igreja progressista. Para ele, não há figuras centrais nos setores conservadores como se viu em décadas passadas; não há lideranças de direita católica como Gustavo Corção, TFT e o Bispo de Campos que eram claramente monarquistas e com uma posição contra reforma agrária contra a mudança da estrutura social, no entanto composições de direita mais claras são observadas em líderes igrejas neopentecostais.

Sobre essa movimentação contemporânea dos movimentos conservadores o entrevistado Paulo Fernando Carneiro de Andrade argumenta que na atualidade a vertente católica carismática seria o de maior alcance, por um lado, ainda que se reconheça que há cerca de seis anos teria tido maior força. Nesse sentido, considera que dentro da Igreja não há novos movimentos conservadores propriamente, mas agrupamentos que fazem movimentações nessa direção conservadora, como o exemplo da carta dos quatro cardeais⁵⁵ noticiado pela imprensa, que de alguma maneira apresenta objeções a “*Amoris laetitia*”⁵⁶, o

⁵³ SOUZA, Luiz Alberto Gomes de, "As CEBs vão bem, obrigado". In: Revista Eclesiástica Brasileira, fasc. 237, mar. 2000.

⁵⁴ A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade foi fundada em 1960 no Brasil por Plinio Corrêa de Oliveira, consiste em uma organização civil inspirada pelo catolicismo tradicionalista com o propósito de implantar a Civilização Cristã, fundada primeiramente no Brasil, hoje está presente em 78 países.

⁵⁵ Assinaram a carta Dom. Walter Brandmüller um cardeal alemão, presidente emérito do Pontifício Comitê das Ciências Históricas. Foi criado cardeal no Consistório Ordinário Público de 2010 pelo Papa Bento XVI, com o título de Cardeal-diacono de S. Giuliano dei Fiamminghi. Dom. Raymond L. Burke que é um cardeal estadunidense, e foi Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica no Vaticano (2008-2014), Dom. Carlo Caffarra um cardeal italiano e arcebispo emérito da Arquidiocese de Bolonha e Dom. Joachim Meisner cardeal alemão e Arcebispo emérito de Colônia.

⁵⁶ Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Santo Padre Francisco “*Amoris laetitia*”, sobre o amor na família.

informante entende que os movimentos conservadores atuais são composto por indivíduos que se articulam em redes fazendo oposição ao Papa, diferente dos anos 1970 e 1980 em que haviam movimentos mais estruturados, como a FSSPX que levou ao cisma dos lefebvrianos, que embora tem sua continuidade no presente se apresentam menos reativos.

Paulo Fernando Carneiro de Andrade observa que esses grupos chamados de conservadores estão presentes na Europa, Estados Unidos e, mesmo aqui no Brasil que apresentam essa resistência crescente no sentido de esvaziar o Concílio Vaticano II. Especialmente com a eleição do Papa Francisco, que tem retomado pontos centrais paradigmáticos do Vaticano II, alguns grupos estariam se apresentando como grupos de resistência ao Papa Francisco, pois não estariam, na visão dos teólogos, alcançados a mesma força que tinham nos dois últimos pontificados.

Para melhor analisar os movimentos conservadores católicos em seus aspectos mais contemporâneos, é necessário entender que eles fazem parte de um período temporal da história da Igreja Católica inaugurado com o ultramontanismo no século XIX e observa a sua continuidade até o presente. De acordo com Rodrigo Coppe Caldeira (2007) dentro desse período é observado um processo de acomodação em torno da modernidade/antimodernidade enfrentado por toda estrutura institucional da Igreja, esse processo de acomodação pode ser observado por todos os papados compreendidos dentro desse período.

Tendo em vista os eventos históricos e pensando a si própria frente àquele “admirável mundo novo”, os meios eclesiais foram capazes de produzir os mais contraditórios movimentos: extensão das novas percepções sobre a modernidade, nascidas no século XIX e que sugeriam uma polarização dentro do catolicismo. Esses movimentos caracterizam-se por compreender a modernidade diferentemente. Alguns continuavam a negá-la, buscando desenvolver uma pastoral defensiva e apologética, bem no espírito tridentino e do Vaticano I; outros se abriam a muitos de seus aspectos, construindo novas sínteses e levantando novos problemas, principalmente, para a teologia. (CALDEIRA, p.87, 2007)

Entretanto, a uma tendência entre os diversos grupos católicos de diferentes posicionamentos, de se sentirem mais confortáveis a determinados papados a outros, por acreditarem, ou interpretarem que a Hierarquia está mais próxima ao que consideram ser o melhor caminho dentro da lógica modernidade/antimodernidade ao qual a Igreja deveria trilhar.

Esse processo pode ser observado tanto quando analisamos a produção intelectual integrista através da revista *Hora Presente* quanto através das falas dos nossos informantes de posições progressistas entrevistados. Os discursos são construídos sempre de forma a buscar legitimidade em documentos pontifícios, muitas vezes interpretados de forma particular e exaltada, alimentando essa luta simbólico normativa dentro do catolicismo que continua se desenrolando frente a esse processo de acomodação da Igreja a modernidade.

3.2 Concílio Vaticano II: ressonâncias de um dilema

O Concílio Vaticano II vem sendo uma peça norteadora no desenvolvimento dos discursos dos movimentos católicos desde a década de 1960, como por exemplo, o movimento integrista analisado anteriormente. Neste tópico são observadas algumas permanências e descontinuidades do debate no cenário do pensamento religioso na atualidade.

Ao abordarmos as perspectivas de nossos informantes sobre o concílio Vaticano II e sua recepção, devemos ter em mente que esse fenômeno não deve ser entendido como um momento de simples ruptura ou descontinuidade, pois como observou Rodrigo Coppe Caldeira (2007) entender o Vaticano II dessa forma seria aceitar que esse evento teria “modernizado” a Igreja e a levado a adotar, a partir desse ponto, uma irreversível concepção utilitária e pragmática da fé, Tal posicionamento esvaziaria a complexidade das relações que vêm sendo construídas pela história secular da Igreja Católica.

Sendo assim, os questionamentos e pontos levantados pelos informantes têm o objetivo de suscitar perguntas acerca das relações entre conservadorismo e progressismo católico. Essa relação vem se estruturando na luta simbólico normativa do catolicismo nas últimas décadas.

Para Luiz Alberto Gomes de Souza, que acompanhou de perto o Concílio vaticano II como assessor de D. Hélder Câmara entre as primeiras e segundas sessões, esse Concílio foi um esforço de diálogo da Igreja com o mundo especialmente através do documento *Gaudium et Spes*. Nosso informante faz questão de assinalar que contribuiu com Dom Hélder na preparação deste documento.

Luiz Alberto Gomes de Souza argumenta que o grande diálogo do Vaticano Segundo foi com o mundo moderno, sobretudo o mundo moderno europeu, isso porque os cardeais e bispos que foram mais influentes no Concílio Vaticano II eram europeus, principalmente os da Holanda, França, Itália e Bélgica. No entanto, quando ocorre o Concílio esse universo já estaria, em sua opinião, sendo muito questionado e a confirmação disso teria vindo, como ele nos relata, três anos depois com a grande revolta da Juventude em diversos cantos do mundo em 1968.

Para Lúcia Ribeiro, o Concílio foi um momento extremamente importante de abertura para o catolicismo mundial. Ela recorda que o papa João XXIII quando chamou o Concílio dizia ser ele como “*uma flor de Inesperada Primavera*”, ou seja, algo que brotou na igreja, algo muito direto do espírito da igreja abrindo para o mundo atual, especialmente nas declarações do Concílio sobre o contexto social e econômico do mundo naquele momento e a importância da igreja de se abrir para esse mundo.

Lucia Ribeiro analisa que durante esse evento houve um grande impacto, gerando muitas discussões e muitos debates em nível internacional, e que embora não tivesse toda a possibilidade de comunicação como há hoje, houve um impacto muito forte, tanto através dos documentos como por meio da participação de vários bispos sobre tudo desse grupo mais aberto. Nossa informante relata que estava muito ligada na época a D. Hélder que participou intensamente do concílio e cada noite escrevia de madrugada cartas para o grupo dele no Rio de Janeiro, o que os possibilitou acompanhar de perto as entrelinhas e os bastidores do evento.

De acordo com Luiz Alberto Gomes de Souza, o Vaticano II abriu a Igreja e a “arejou” como queria João XXIII, mas em sua visão ainda faltaram muitas outras mudanças. O sociólogo conta que D. Helder – cuja influência no processo foi intensa, ainda que pelos corredores -, insistia muito que os mais pobres tivessem centralidade no Vaticano II, fato que, em sua visão, não teria ocorrido.

Entretanto, ao analisarmos as influências que os pontificados imprimem no desenrolar da luta simbólico normativa protagonizada por conservadores e progressistas católicos, devemos evitar classificar os pontificados de forma geral entre conceitos como antimoderno ou progressista, para não correr o risco de negligenciar o papel de cada um deles, no complexo e contínuo processo de acomodação que vem sendo vivenciado pela Igreja inaugurado com o período ultramontano e ainda ressonante do presente. Isso porque cada

pontificado a sua forma lançou novas perspectivas, na sua missão de conservar e defender o patrimônio da fé. (CALDEIRA, p.80, 2007)

Segundo Caldeira (2007) até mesmo pontificados que costumam ser mitificados pelos teóricos da descontinuidade como o de João XXIII, denominados por alguns como o Papa progressista, não encerrava a lógica modernidade/antimodernidade ao atribuir sua visão positiva da contemporaneidade, seu posicionamento também estava inserido nesse longo processo de acomodação.

Decorridos três anos do Vaticano II, em 1968, é organizado um encontro dos bispos em Medellín. Luiz Alberto Gomes de Souza afirma que houve muitas aproximações entre esse encontro e o Vaticano II, contudo visto da perspectiva da América Latina, onde os temas centrais abordados pelos bispos foram os temas de libertação e centralidade do pobre; e a criação das Comunidades de bases. De certo modo, para ele Medellín complementou e deu continuidade ao Vaticano II trazendo-o para a nossa realidade latino americano.

Para o teólogo Paulo Fernando Carneiro de Andrade, o Concílio Vaticano II foi fundamental para o catolicismo subsequente e correspondeu a uma mudança paradigmática na igreja no século XX. No entanto, ele destaca ter sido o evento um concílio em *receptia*⁵⁷, ou seja, um Concílio para o qual a plena recepção ainda está em processo, sobretudo para alguns setores do catolicismo que ainda têm resistência em relação a alguns pontos das propostas conciliares tendo sido observado uma resistência crescente das principais mudanças paradigmáticas do Vaticano II nos últimos anos. Paulo salienta que, no Pontificado de Francisco tem havido um certo avanço na linha aberta desse Concílio, especialmente no que se refere à ética social cristã.

Luiz Alberto Gomes de Souza afirma que Francisco representa uma grande inovação na linha social sendo muito avançado em suas reflexões nesse campo, o que pode ser observado nos documentos dos três Encontros Mundiais dos Movimentos Populares⁵⁸ que participou, e que tem apresentado uma abordagem muito clara sobre temas políticos, como por exemplo, sua luta em favor dos refugiados. No entanto, Luiz Alberto entende que há temas que, a partir de sua própria perspectiva, estariam “congelados” na Igreja. Tais temas são: liberdade sexual, a ordenação de homens casados e ordenação das mulheres. Para ele esses temas caminham de forma muito lenta.

Lucia Ribeiro observa que ainda permanecem divergências em relação ao Concílio, isso porque muita coisa que o concílio começou abrir nem sempre foi continuada, porque depois do Concílio houve um certo fechamento na igreja, particularmente durante os papados de João Paulo II e depois com Bento XVI houve um fechamento muito maior, de todo um setor da Igreja.

A socióloga analisa que assim como qualquer instituição humana e social, a Igreja Católica vivencia um conflito muito grande entre tendências mais abertas, mais progressistas e tendências mais conservadoras, ou mais tradicionais ou ainda mais ou menos que podemos chamar de reacionárias. Esses conflitos perpassam a Igreja permanentemente, havendo momentos de maior abertura, e outros de maior fechamento. No entanto, mesmo em momentos de maior fechamento, ela entende que continuam havendo experiências de base na Igreja, dinâmica essa influenciada pela Teologia da Libertação e de seus representantes como Gustavo Gutiérrez e no Brasil Leonardo Boff, Frei Betto e tantos outros, peças importantes para entender a Igreja na América Latina.

⁵⁷ Do latim recepção, ato de receber; acolhimento, aceitação, admissão.

⁵⁸ 2014 em Roma, em 2015 na Bolívia e em 2016 em Roma.

Segundo Luiz Alberto Gomes de Souza o Concílio Vaticano II foi constituído por grandes divergências, como por exemplo, a tensão com o Bispo Lefebvre e outros que acabaram abrindo uma cisão e se separaram de certa maneira da comunhão da Igreja. Assim, houve rompimentos, como no Vaticano I. Gomez de Souza ressalta ainda que a grande questão de descontentamento no período pós-conciliar em sua perspectiva foi que nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI houve um esforço para uma releitura do Vaticano II que o empobrecia, entretanto hoje ele percebe o Papa Francisco está retomando uma leitura mais atual do Vaticano II.

De acordo com Paulo Fernando Carneiro de Andrade ainda existem questões e divergências. Tanto o cisma aberta por Lefebvre que não foi resolvido, quanto em relação alguns setores que apresentam questões paradigmáticas que foram abertas pelo Concílio, entre elas a própria concepção de Igreja Mundo Reino central no Vaticano II. O entrevistado conta que em tempos mais recentes, anterior ao papado de Francisco essas resistências vinham crescendo dentro da igreja, não através de uma rejeição formal do concílio mas com releituras que na verdade buscavam esvaziar aquilo que ele tinha de novidade.

Paulo Fernando Carneiro de Andrade analisa que durante o processo do Vaticano II houve o pontificado do Paulo VI que avança até a final dos anos 70, onde alguns setores que já colocaram crítica sobre o Concílio buscando de algum modo frear as transformações conciliares. Nos anos subsequentes esses setores se fortaleceram ao longo das décadas 1980 e 1990, dando origem a propostas de uma releitura do Concílio que esvaziavam de alguma maneira a sua novidade, reconduzindo-o aos esquemas pré-conciliares como se ele não tivesse firmado nada de novo e simplesmente repetido aquilo que já existia anteriormente.

Para José Cláudio ex-seminarista, professor de sociologia e pesquisador da temática violência e religião na baixada fluminense, as questões de divergências do contexto do Concílio Vaticano II não foram superadas, havendo se intensificado em alguns aspectos, fato que o informante atribui ao avanço da dimensão mais conservadora, carismática e reacionária que se desenvolveu durante o pontificado de Bento XVI e a fase conservadora do João Paulo II.

José Cláudio analisa o avanço dessa dimensão representa um retrocesso das questões sócias na Igreja Católica, e relata que ao menos na baixada fluminense região que tem maior proximidade por conta de suas pesquisas, o crescimento de posicionamentos conservadores avançou de forma muito rápida nos últimos anos. Como exemplo, o informante cita o caso da Diocese de Nova Iguaçu que tinha uma posição aberta no período que teve a frente a liderança de Dom Adriano Hipólito, personalidade emblemática da corrente progressista por não se submeter a estrutura dos grupos de extermínio os denunciando, posição que o levou nos anos de ditadura a ser perseguido, sequestrado e torturado. José Cláudio entende que a aliança de Dom Werner, nomeado por João Paulo II, com os carismáticos rompe com a tradição progressista dessa diocese, e hoje mesmo com a liderança de Dom Luciano Bergamini que não é conservador, ainda tem dimensões muito frágeis, de meio-termo em que defende posições como a educação católica na escola como saída para os problemas sociais.

O informante, também sociólogo, entende que outro caso interessante para entender a movimentação conservadora na Igreja brasileira seria o da Diocese de Caxias liderada pelo bispo Dom José Francisco Rezende Dias. José Cláudio analisa que houve a organização de um movimento “clericalizado”, “conservador”, “focado no espiritual” em que há uma ênfase no clericalismo e regresso da atuação dos leigos na Igreja e na sociedade.

José Cláudio afirma que esse movimento se assemelha com a dimensão conservadora católica dos anos 1930 liderada pelo Cardeal Leme, que ficou conhecida como LEC (liga

eleitoral católica). Esse movimento é marcado pelo que nosso informante denominou de “extremo retrocesso da dimensão progressista” como resultado da política geral da Igreja Católica que se inicia com João Paulo II e se conclui com Bento XVI.

Mesmo que os informantes construam seus discursos de forma a relatar suas experiências e impressões sobre o desenvolvimento do catolicismo, relacionando determinados movimentos a um determinado pontificado, assim como observado por Rodrigo Coppe Caldeira (2007), ao analisarmos os pontificados que se sucederam no último século é preciso entender que as reflexões suscitadas pelos pontífices frente os movimentos de aspecto moderno foram estabelecidas de forma complexa diante do processo de acomodação da Igreja a modernidade.

Ler a conjuntura pós-conciliar fazendo referência se esse ou aquele papado aproxima-se ou afasta-se dele é reduzir a discussão a um nível ideológico e superficial, já que esse tipo de leitura não assume a complexidade do processo de acomodação que remete a, pelo menos, dois séculos. Se a história da Igreja no século XX é marcada por uma dinâmica contraditória de acomodação, que ora demonstra sua face de mãe, ora sua face de madrasta, o evento do Concílio Vaticano II também deve ser estudado nessa mesma dimensão e convergência. É nele, e na sua recepção, que se vislumbra o embate claro das duas respostas que se delineiam desde o final do século XIX: transigir ou não com os valores modernos, e como fazê-lo. (CALDEIRA, p.85, 2007)

Há uma unanimidade entre os informantes progressistas no que se refere à avaliação do pontificado de Francisco. Para Paulo Fernando Carneiro de Andrade, significou uma retomada da força conciliar, do paradigma aberto pelo Concílio Vaticano II, causando a reação em grupos que se constituíram através de fortes críticas ao Papa Francisco. Entretanto, como observado não são movimento organizado no sentido em que se possa nomear, mas alguns setores sobretudo da igreja norte-americana e da Europa que apresentam formas críticas a esse pontificado. Para nosso informante esses setores seriam minoritários, pois ele entende haver uma grande recepção do Papa Francisco e do seu Magistério não só no meio católico, como também na sociedade de modo geral.

Luiz Alberto Gomes de Souza acredita que o papa Francisco vem usando uma pedagogia interessante. Em vez de discutir doutrina ele cria fatos obrigando que esses fatos sejam repensados pela doutrina, como por exemplo a visita a periferia de Roma para encontrar sete famílias de padres casados⁵⁹, suas mulheres e filhos. No episódio, Francisco não discutiu a doutrina, afirma Luiz Alberto, mas simplesmente realizou um gesto que gera reflexão e novas teorias.

Lucia Ribeiro entende o Papa vem praticando gestos de abertura em relação a diversas questões, como por exemplo, a visita aos sacerdotes casados. Nesse sentido, Lúcia entende que não há uma necessária aprovação ao casamento dos padres ou que a doutrina vá ser radicalmente alterada, mas o fato de o papa os receber seria, em sua visão, um “passo enorme no sentido de admitir uma outra realidade”.

⁵⁹ VATICANO. *Bollettino. Incontro di Papa Francesco con i sacerdoti che hanno lasciato il ministero, nel quadro dei “Venerdì della Misericordia”*. 11 de novembro de 2016. Disponível em: <http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2016/11/11/0814/01813.html>

Esse episódio relatado por nossos informantes refere-se a uma agenda de Francisco da última “*Sexta-Feira da Misericórdia*” do ano do jubileu em que visitou sete famílias de padres que se afastaram do sacerdócio, embora a Sala de Imprensa do Vaticano tenha noticiado como jovens que “*depois meses e anos de incerteza e dúvidas que muitas vezes levaram a acreditar que tinham feito, com o sacerdócio, a escolha errada. Daí, a decisão de deixar o sacerdócio e formar uma família.*” (VATICANO,2016). Muitos desses padres não deixaram o sacerdócio por dúvidas ou por ter cometido um erro, mas por ser o “castigo” e a única forma de serem dispensados do celibato.⁶⁰

O problema do celibato dos padres volta à ordem do dia. Como quase todos os hereges e transviados do passado, os “progressistas” de nossos dias querem aboli-lo. E para fundamento de sua atuação destruidora procuram argumentos na história –Isto é na “história” reescrita ao sabor de seus pendores pessoais. (HORA PRESENTE, nº6, p.149, 1970)

Se não fosse pelo ano indicado da citação acima, facilmente poderia se pensar se tratar de uma afirmação contemporânea dada a atualidade de sua proposição. Isso permite notar que muitas questões presentes nas décadas de 1960 e 1970 trazidas à análise no capítulo anterior, ainda não foram resolvidas. Muitas das questões levantadas pela disputa simbólica normativa entre conservadores e progressistas daquele contexto encontram continuidades e permanências no tempo presente. Se naquele período foi o Concílio Vaticano II que motivou as divergências, no atual contexto, as ações do Papa Francisco, - que como analisado pelos intelectuais entrevistados tem buscado resgatar o espírito desse Concílio - têm suscitado novas discussões sobre antigos problemas.

Diante dessas atitudes do Papa Francisco algumas questões podem ser levantadas: Esses gestos e posicionamentos estão sendo bem aceitos pelos católicos? Onde se dão as resistências? Em âmbito eclesialístico ou entre os leigos católicos? Entre os intelectuais, teólogos e intelectuais orgânicos do catolicismo?

Como discutido anteriormente, o catolicismo é uma religião que apresenta um amplo pluralismo interno, e de alguma forma os atores se organizam entre posições mais conservadoras ou mais progressistas, com a ressalva de que essas são categorias analíticas que visam alcançar a compreensão em torno desses fenômenos religiosos. Ressalte-se que no interior dessas categorias encontramos um mundo muito mais plural e complexo. Dito isto, o pontificado de Francisco e seus “gestos” tem sido recebido de formas distintas pelo mundo católico.

A esse respeito Paulo Fernando Carneiro de Andrade entende que Francisco tem tido uma grande recepção não só dentro do universo católico, mas na sociedade contemporânea como um todo. Para Andrade, o papa é percebido como uma liderança no mundo; uma forma de liderança que leva a um avanço da consciência crítica em relação a posições sociais. Como já observado, o teólogo ressalta que no mundo católico há, embora de forma minoritária, uma resistência, expressa por exemplo, no documento dos quatro cardeais⁶¹, que são na verdade a ponta de um iceberg. Pessoas que temem a mudança e tem determinadas posições

⁶⁰ <http://www.padrescasados.org/archives/51241/51241/>

⁶¹ A carta pode ser lida na íntegra em MAGISTER, Sandro. Criar clareza: Alguns nós por resolver em "Amoris laetitia" - Um apelo. In: *chiesa.espresso*. 14 de nov. 2016. Disponível em: <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1351410.html> Acesso em: 07/06/2017

cristalizadas, que ficariam desorientadas diante das transformações encampadas por Francisco.

Luiz Alberto Gomes de Souza analisa que “setores mais abertos” estariam entusiasmados com esse pontificado, mas chama a atenção para o fato de que existiriam formas de resistência a Francisco. O sociólogo classifica duas formas de resistência: a primeira, seria uma resistência direta contra essas posições, relacionado à essa resistência chama a atenção para o episódio onde quatro cardeais de direita duros que mandaram uma carta ao Papa dizendo que ele tinha erros doutrinários e que ele teria que mudar. A segunda forma de resistência, segundo o entrevistado, ocorre de forma mais indireta não sendo propriamente contra Francisco. Como exemplo dessa resistência ele usa o caso da Arquidiocese do Rio de Janeiro, em que o Cardeal Orani proibiu basicamente católicos de votar em pessoas que eram favoráveis ao aborto e ao casamento gay, sendo em sua concepção uma posição “dura” e “fechada” que não está alinhada ao posicionamento do papa Francisco.

Lucia Ribeiro que tem como ponto central em seus estudos toda a problemática da mulher e da sexualidade e reprodução dentro da igreja. Analisa que esses são temas importantíssimos que vêm tendo uma visibilidade cada vez maior, principalmente se comparados à época de sua juventude. A informante entende que hoje esses temas têm uma importância muito maior, mas ainda há muito a avançar, pois observa que especialmente no campo da sexualidade e dos direitos sexuais e reprodutivos tanto a Igreja quanto a sociedade mais ampla apresentam resistências. Menciona ainda que determinados grupos evangélicos estariam do mesmo modo atrelados a essas questões morais.

Lúcia observa que essa é uma temática em que há uma abertura processual e menciona haver experiências concretas em todas as questões que dizem respeito a gênero, a sexualidade, a reprodução. Para ela existem práticas interessantes que ela mesma pode observar a partir de estudos que realizou nos anos de 1970, 1980 e 1990. Lúcia destaca que seus estudos apontaram uma defasagem enorme entre a prática dos católicos especialmente das mulheres católicas e a doutrina oficial da Igreja em termos de moral sexual e ética sexual. De certo modo, Lúcia considera que tal defasagem ainda permanece visto que a doutrina oficial da igreja não mudou muito nesses anos todos, mesmo com o recente sínodo⁶² sobre a família se avançou pouco em termos de doutrina moral. Segundo a informante a doutrina oficial da Igreja ainda é muito centrada a um modelo de família tradicional, composta por marido, esposa e filhos, que hoje está cada vez mais em crise, porque existem diversos outros modelos, do ponto de vista sociológico há diversos esquemas de famílias, sobre a qual a moral sexual oficial da igreja ainda permanece muito rígida.

Lúcia Ribeiro entende que devem permanecer alguns princípios mais profundos sobre os quais a igreja teria a função de defender. Entre eles destaca o valor da vida, a dignidade da pessoa humana, a importância do grupo familiar entendido como grupos que podem assumir formas diversas, mas que de alguma forma preservam toda a dimensão da geração e da educação da prole considerada uma dimensão fundamental na família.

Para a nossa informante, pensar dentro dessa perspectiva significa abrir-se também as formas novas de famílias e possibilidades de vivência da própria prática sexual e reprodutiva. Segundo ela, não houve avanços significativos em relação a essa temática. A descoberta da pílula nos anos 1960 teria sido uma libertação para as mulheres que se submetiam ao processo de reprodução exclusivamente biológico, com pouca possibilidade de controle. No entanto,

⁶² FRANCISCO. Sínodo dos bispos, XIV assembleia geral ordinária: a vocação e a missão da família na igreja e no mundo contemporâneo. Relatório final do sínodo dos bispos ao Santo Padre Francisco. Cidade do Vaticano, 24 de outubro de 2015.

Lúcia considera que essas questões continuam sendo delicadas para a Igreja, e geradoras de muitos questionamentos e conflitos em torno da doutrina.

Lúcia Ribeiro analisa que poder ter controle sobre o próprio processo reprodutivo significou para as mulheres um avanço. Em sua perspectiva foi um grande passo o controle da mulher sobre o seu próprio corpo e fazer uso de outros métodos que não o método indicado pela Igreja católica, representando apenas a existência das relações sexuais a partir do controle da fertilidade feminina. A informante afirma que a utilização dos mais diversos métodos contraceptivos e a possibilidade do controle sobre o processo produtivo são avanços que continuam a se dar hoje na Igreja embora a doutrina oficial não acompanhe tal avanço.

As questões relacionadas ao comportamento moral sempre foram centrais para a Igreja e suas diversas correntes, principalmente sobre as questões da reprodução e comportamentos sexuais, assim como vimos no capítulo anterior, onde abordamos como essas questões eram fundamentais para o grupo tradicionalista integrista do qual analisamos a produção intelectual, esses temas continuam sendo importantes e geradores, na atualidade, de divergências entre grupos de católicos de inclinação mais conservadora e as correntes com uma visão mais progressista, no sentido de buscar um diálogo mais aberto a essas temáticas.

Do ponto de vista teológico de Paulo Fernando Carneiro de Andrade não há um real motivo para isso, pois não há uma questão importante, o que acontece é que as pessoas confundem posições que estão sendo afirmadas, com tradição da igreja e do que é fundamental, então sentem-se desorientadas com as mudanças existentes. Para ele, as mudanças que ocorrem não afetam a tradição, mas isso não seria percebido inicialmente pelos questionadores. Essa maneira de compreender a fé e de pensar estão estruturadas e esse seria um dos fatores pelos quais há uma lentidão nos avanços da Igreja.

Luiz Alberto Gomes de Souza lembra que se por um lado há aqueles que apresentam resistência e oposição a Francisco, há também outros que saem em sua defesa como o Cardeal Kasper⁶³ que sai em defesa do papa frente a carta dos cardeais conservadores. O sociólogo observa que dentro da Igreja há sempre essas diferenças, mas que como estratégia tem colocado pessoas em posições-chaves capazes de repensar seus questionamentos e provocações a partir de uma visão mais ampla.

O entrevistado diz que Francisco tem retomado o dinamismo do Vaticano II que tinha sido deixado de lado nos dois últimos pontificados, além de estar apontando avanços em relação ao concílio, Medellín e Puebla principalmente em matérias de problemas sociais; injustiça social e tem dado bons sinais em matéria de direitos humanos em contextos de ditaduras e conflitos. No entanto a Igreja ainda é bastante conservadora em matérias de comportamento pessoal, e em questões acerca de comportamento reprodutivo, controle sexual e aos novos tipos de família, que embora Francisco tem apresentado um discurso aberto a esse respeito, não dá uma receita, mas ele questiona e empurra para que a comunidade tenha coragem de enfrentar esses problemas.

Lucia Ribeiro avalia que o Papa vem utilizando uma estratégia muito feliz, em que mais do que querer mudar diretamente a doutrina que é uma coisa muito mais complicada, porque é algo que vem se estabelecendo milenarmente, com uma resistência muito forte as posições mais abertas, Francisco tem buscado realizar alguns gestos que são muito significativos, por exemplo como a sua posição em relação aos imigrantes e aos refugiados que é um problema muito sério hoje, não só na Europa, mais no mundo todo, inclusive no Brasil. Outro gesto significativo é em relação à problemática da sexualidade e da reprodução,

⁶³ Cardeal Walter Kasper é um cardeal alemão, e presidente emérito do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Grupos tradicionalistas como a Montfort o consideram modernista.

sobre as quais ele tem tido atitudes muito concretas, por exemplo no caso daquela mulher que telefonou dizendo que tinha problemas porque não podia batizar o próprio filho por ela ser mãe solteira e nenhum padre queria batizar seu filho e Francisco se dispôs a batizá-lo⁶⁴, ou quando perguntado sobre a questão da homossexualidade em entrevista ele simplesmente constata que é uma realidade que está aí e em resposta diz “quem sou eu pra julgá-lo”⁶⁵.

Lucia Ribeiro analisa que com isso ele abre um caminho para a aceitação da homossexualidade dentro da Igreja, apontando essa atitude como um gesto importante em defesa da vida uma vez que os homossexuais nesses momentos sofrem ainda muita discriminação e uma violência muito grande nas nossas sociedades, na concepção da nossa informante defendê-los é uma dimensão fundamental de defesa da vida, e o Papa vem abrindo esses caminhos. Lúcia percebe que esses são os temas mais concretos que estão presentes nesse pontificado, onde Francisco vem tendo gestos de abertura, mais que obviamente há também uma reação muito grande contra suas posições dentro da igreja.

Segundo Paulo Fernando Carneiro de Andrade desde a eleição do Papa Francisco nota-se uma mudança na Igreja, onde católicos que estavam afastados tem se aproximado novamente, há também uma percepção de um movimento de frequência na igreja o reencontro de pessoas que estavam um pouco distantes, isso talvez esteja ligado ao ser católico proposto pelo Papa Francisco que não é tanto uma mudança de conteúdo, ou de normas, mas uma mudança de posição, onde a Igreja mudou de uma posição de condenação para uma posição de acolhida, ao invés de uma Igreja da proibição para uma Igreja do diálogo, então isso muda muito a relação entre igreja e sociedade.

Paulo Fernando Carneiro de Andrade acredita que esse Papa tem fundamentalmente dado ampla continuidade aquilo que seria a recepção do concílio, estando plenamente identificado com as mudanças propostas pelo Vaticano II, e vem tentando retomar depois de um longo período de releituras que o acomodavam e o afastavam dos aspectos mais inovadores, sobretudo do que foi chamado de *aggiornamento*⁶⁶, para o teólogo não significa que ele vá além do Vaticano II, no entanto ele retoma as questões do Vaticano II que estavam um pouco adormecida ou mesmo estabilizadas, havendo dessa forma um retomado do espírito desse concílio, que é um espírito de diálogo com o mundo, entretanto o retomo desse espírito visto dentro de um novo contexto, porque é claro o mundo de hoje não é o mundo dos anos 1960, há a questão do pluralismo, do multiculturalismo e do diálogo inter-religioso que avançou enormemente, a igreja vive hoje num ambiente estritamente multicultural que é bem diferente do ambiente dos anos 1960.

Segundo Lúcia Ribeiro, embora existam vozes divergentes, cumpre analisar que há bons níveis de aceitação ao novo papa. Para ela, ele defende os “valores da vida, dos valores da dignidade da pessoa humana” e é ouvido tanto pelos que estão no interior da Igreja quanto os que estão fora. Essa atitude tem sido um ponto essencial do pontificado de Francisco, sua eloquência na afirmação e defesa de valores éticos fundamentais diante do momento de crise de transição e transformação social tão profunda que o mundo vem passando, tem sido seu maior diferencial em relação aos últimos pontificados.

⁶⁴ PAPA batiza filho de uma mãe solteira. **O Globo**. 12 de janeiro de 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/papa-batiza-filho-de-uma-mae-solteira-11281220>

⁶⁵ LOPES, Adriana Dias. ‘**Se um gay busca Deus, quem sou eu para julgar**’, diz papa. *Veja.com* 29 jul 2013. Disponível em <http://veja.abril.com.br/mundo/se-um-gay-busca-deus-quem-sou-eu-para-julgar-diz-papa/>

⁶⁶ A palavra “*aggiornamento*” vem do italiano e significa atualização, foi introduzida pelo Papa João XXIII quando anunciou ao mundo o Concílio, sendo orientação central para o Concílio Vaticano II.

Há uma concordância por parte dos intelectuais entrevistados de que as divergências do Concílio Vaticano II não foram superadas, há também uma percepção por parte desses indivíduos de que o Papa Francisco tem tentado uma retomada do espírito do Concílio Vaticano segundo. Entretanto, uma questão importante que perpassa esses discursos é um panorama de uma Igreja muito plural, que embora tenha um ou outro movimento que ganha destaque seria uma Igreja que faz um movimento em busca por caminhos a seguir, que atravessa um período com poucas figuras de liderança e movimentos de efervescência. Evidentemente, temos aqui uma visão otimista de intelectuais orgânicos de vertente progressista. Seus discursos primam pela valorização da pluralidade; do conflito como possibilidade de avanço, embora mantenham posições firmes ao condenar doutrina e condutas de membros da hierarquia que não condizem, em suas visões, com uma percepção de Igreja mais aberta ou alinhada ao movimento conciliar dos anos de 1960.

Para Caldeira (2007) entender o Concílio Vaticano como uma grande mudança, que teria sido o divisor de águas na história da Igreja, em que a partir desse momento ela teria sofrido uma mudança paradigmática aceitando sem embates a conversa com a modernidade, seria desconsiderar todo um processo histórico que está inserido dentro da temporalidade da longa duração que vem construindo esse processo de acomodação da Igreja em relação a esse ciclo de modernidade/antimodernidade, diante do qual o Magistério Eclesiástico vem cuidadosamente evitando radicalizações de grupos que se distanciam do centro normativo.

A esse respeito ao fazer um cruzamento das escolhas discursivas observadas na revista *Hora Presente*, com as entrevistas dos informantes, pode-se entender que o Vaticano II não representou necessariamente um momento de ruptura na Igreja, mas “*um campo de lutas simbólicas-normativas no qual se encampam na defesa de suas concepções e ideais os herdeiros dos primeiros combates oitocentistas e da primeira metade do século XX*” (CALDEIRA, p.88, 2007). Do mesmo modo, o Concílio não teria se encerrado com o processo de acomodação da Igreja a modernidade, visto que independentemente de sua finalização e momento inicial ambas as concepções continuam a coexistir e a buscar se afirmar dentro desse jogo simbólico-normativo.

3.3 Igreja e Estado no cenário político contemporâneo

Com a proclamação da República do Brasil em 1889 chega ao fim o regime de padroado ficando estabelecido a separação entre Estado e Igreja. Dessa forma as questões políticos-administrativas foram separadas das questões religiosas. Essa nova condição levou a um rearranjo das relações entre as duas instituições passando por períodos de maior e menor proximidade conforme os cenários políticos que foram sendo estabelecidos.

A separação não foi suficiente para retirar o catolicismo da posição de maioria, embora venha apresentando uma queda progressiva no decorrer do tempo como demonstram as últimas pesquisas censitárias (FAUSTINO; MENEZES, 2013). Essa característica cultural religiosa em muitas ocasiões acaba sendo expressa em questões políticas, de forma direta por decisões de políticos baseadas em suas crenças e moral religiosa, ou indireta pela pressão de setores da sociedade que sentem ter seus princípios prejudicados por determinadas decisões.

Para Lúcia Ribeiro a Igreja Católica no Brasil deu um passo importante no momento em que se admitiu a laicidade do Estado, porque em sua visão, a igreja se misturava de uma forma completamente inadequada com Estado o que gerava inúmeros problemas. Lucia afirma que essa separação, ao menos teoricamente, é um passo muito claro. No entanto a informante ressalta essa condição teórica, porque analisa que na prática a igreja herdou um pouco essa tradição de ter um peso muito grande dentro do Estado e se achar meio “dona” do

país, e de se estabelecer um quadro em que até o final do século XX observou uma proporção em que da maioria absoluta da população brasileira se declarava católica, ou seja, era quase “normal” você sendo brasileiro ser católico, pois havia mais de 90 por cento das pessoas que se declaravam assim.

No entanto, ela chama a atenção para o fato de que essa adesão oficial a Igreja Católica vem diminuindo crescentemente, é o que vem sendo revelado nos últimos censos de uma forma muito clara, em que observa-se um crescimento sobretudo das igrejas evangélicas, além do crescimento, de várias outras religiões. Outra questão destacada pela informante é o aumento significativo dos indivíduos que se declaram sem religião, esse cenário impensável no passado recente, esse aumento proporcionalmente expressivo das pessoas sem religião, reforça a necessidade de distinguir Igreja e Estado e reforçar a dimensão laica do Estado, que governa para uma sociedade cada vez mais plural, não sendo coerente se submeter a orientações religiosas de qualquer natureza.

Para Lúcia Ribeiro essa separação é um aspecto que ainda não está muito bem trabalhado na prática, não só em relação a Igrejas Católica, mas também de outras denominações religiosas, principalmente de algumas igrejas evangélicas que no atual contexto político tem alcançando um peso muito grande no Estado, através da influência da bancada parlamentar evangélica que hoje é forte e expressiva, e que vem defendendo “bandeiras” que não representam as convicções de toda a sociedade brasileira.

A informante entende que tal forma de agir desses parlamentares, que colocam a frente das discussões suas convicções e crenças religiosas particulares, acabam impondo suas crenças a população, podendo levar a perda ou negação de direitos aos indivíduos da sociedade que não compartilham dessas mesmas crenças. Essa situação demonstra a urgência em estabelecer de forma prática a distinção entre interesses religiosos das decisões políticas.

Lúcia analisa que esse é um trabalho que vem se realizando gradativamente, embora em termos teóricos como já ressaltado isso já esteja estabelecido. Ela considera que há “muita intromissão” e tentativa de impor valores que não necessariamente são valores de um Estado laico e que em sua concepção considera o mais adequado para o aumento atual do Brasil.

Luiz Alberto Gomes de Souza argumenta que com a proclamação da república e a separação da Igreja do Estado, gerou no primeiro momento uma desaprovação da Igreja a essa ruptura, no entanto o informante analisa que essa mudança em última instância foi benéfica para ambas as instituições. Diante dessa nova perspectiva a Igreja Católica foi obrigada a procurar um novo lugar na sociedade brasileira, o que produziu movimentações como a aproximação das duas instituições nas décadas de 1930 e 1940. Ele analisa que isso possibilitou o surgimento de uma intelectualidade católica sob a liderança central do Cardeal Leme que estava a serviço da Igreja do Rio de Janeiro e também do grande leigo Alceu Amoroso Lima ou Tristão de Ataíde, seu pseudônimo de crítico literário. Estes teriam sido, em sua visão, personagens importantes que fizeram avançar a Igreja no Brasil.

Luiz Alberto Gomes de Souza relata que a partir dos anos 1950 outra grande figura de interlocução com Estado foi Dom Hélder Câmara que era secretário-geral da conferência dos bispos até 1964 e presidente da ação Católica, Dom Helder tinha um diálogo expressivo tanto com governo Kubitschek quando o governo Jango, o próprio ex-Presidente Kubitschek afirmou que a Sudene - superintendência de movimento do Nordeste nasceu por incitação do Bispo do Nordeste.

Segundo Luiz Alberto, Dom Hélder tinha uma relação muito fluida entre a Igreja e o Estado naqueles anos que antecederam o golpe de estado de 1964. Contudo, com a instauração do golpe entre os anos de 1964 até 1985 houve um fechamento desse diálogo,

havendo perseguição na Igreja. O entrevistado relata a situação de vários sacerdotes e leigos que ou foram mortos ou viveram o exílio. Ele relembra que a comissão bipartite⁶⁷ surgida nesse período, representou uma tentativa ainda durante a ditadura de abertura ao diálogo entre os bispos da CNBB e o professor Cândido Mendes que era um leigo importante naquela época com os bispos conservadores e o General Muricy. Contudo, essa tentativa de diálogo não teria ido adiante, pois em sua avaliação, “a Igreja sempre teve dificuldade de diálogo” nesse período.

Para Luiz Alberto Gomes de Souza, em tempos de ditadura a pressão exercida pelo Cardeal Arns foi muito importante no sentido de enfrentar a ditadura através da sua comissão Justiça e Paz de São Paulo ao preparar o dossiê “*Brasil nunca mais*” que foi muito importante na denúncia de todas as violações de direitos humanos por parte do Estado e do exército.

O período de redemocratização, em 1985, foi, para Luiz Alberto Gomes de Souza “*um tempo morno nas relações entre Igreja e Estado, em que não houve muito diálogo e pouco criativo nesse sentido*”. O entrevistado observa que no período dos governos Lula e Dilma que vai de 2003 a 2016 houve um diálogo mais rico, e lembra que Lula foi o único presidente a participar de uma reunião dos bispos, além do diálogo da Igreja com o Ministério da Justiça e com a Secretaria Direitos Humanos.

Diante dessas questões, é necessário observar que a história da Igreja Latino-americana sempre caminhou de forma sincrônica aos acontecimentos políticos desta região, entretanto é necessário entender que esse desenvolvimento não ocorre dentro de uma única perspectiva, ou posição. Como já observado nas questões teológicas, pastorais e eclesiais se desenvolvem também no sentido de buscar respostas à questão de “*como manter a plausibilidade da mensagem cristã, açambarcando novos espaços e populações, frente a um mundo marcado por transformações profundas e velozes e, muitas vezes, perpassado por espírito anticatólico?*” (CALDEIRA, p.87, 2007).

Para o entrevistado Paulo Fernando Carneiro de Andrade a relação entre Igreja e Estado no Brasil é processual e complexa, e pode ser evidenciada durante o golpe militar devido a condição de tensão vivida pela Igreja nesse contexto. Por outro lado, a dificuldade de diálogo entre as duas instituições dessa época evidenciou forças inclusive com o apoio da CNBB, que resistiram ao golpe militar e a seu posicionamento ideológico, levando a uma aproximação da Igreja com os movimentos sociais progressistas que buscavam mudanças na sociedade brasileira. Para o informante, diante dessa construção histórica, criou-se em torno da Igreja Católica brasileira uma expectativa de um posicionamento crítico em relação ao Estado, sobretudo em relação a retirada de direitos sociais pelo governo.

Essas afirmações nos demonstram que se por um lado a separação entre Igreja e Estado limitou os poderes da Igreja Católica na sociedade brasileira, por outro possibilitou a reestruturação dessa instituição de forma a não sofrer mais a interferência dos interesses estatais, podendo se manifestar de forma crítica ao Estado em momentos de discordâncias, como por exemplo na recente nota da CNBB sobre a PEC 241⁶⁸ destacado por nossos informantes.

Atualmente, de acordo com Luiz Alberto Gomes de Souza não há um diálogo e nem pode haver com esse governo que ele afirma ser um “governo golpista”, dessa forma entre o

⁶⁷ Um trabalho importante para entender a comissão bipartite e seus desdobramentos é o livro “*Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*” de Kenneth P. Serbin.

⁶⁸ PEC 241 ou PEC 55, dependendo da Casa legislativa é uma proposta de emenda constitucional que cria um teto para os gastos públicos, que congela as despesas do Governo Federal, com cifras corrigidas pela inflação, por até 20 anos.

governo Temer e a Igreja houve uma retração das relações. O sociólogo lembra que recentemente a Igreja lançou dois documentos importantes um da Comissão da Justiça e paz e outro da própria CNBB fazendo críticas bastante contundente ao neoliberalismo, ao sistema em que estamos vivendo e também sobre a PEC então a igreja tem tomado posições que vão em contraposição a posição do governo atual.

Para Paulo Fernando Carneiro de Andrade a Igreja Católica exerce alguma influência na política do país, na medida em que se coloca como substância crítica capaz de dialogar com os movimentos sociais e setores mais críticos da sociedade, dessa forma acaba exercendo um papel importante na política, no entanto não é uma presença institucional como a dos evangélicos, dentro do congresso com candidatos padres por exemplo, ao contrário ela sempre se opôs a questão do sacerdócio poder se candidatar, o que não impossibilita que a Igreja Católica atue na formação de consciência através de suas posições clara sobre temas fundamentais para o país.

Luiz Alberto Gomes de Souza percebe que a Igreja Católica exerce uma influência indireta na política, através de suas bases, nas comunidades e paróquias, por estar presente em todo o território nacional. Entretanto um diálogo próximo entre a igreja constitucional através da interlocução da CNBB, com o atual governo encontra-se comprometido pela divergência de posições sobretudo em relação aos programas sociais que foram se desenvolvendo nos últimos anos, e que no momento correm o risco de serem desativados.

No entanto, nem todos católicos estão de acordo com essa posição mais crítica frente a esses embates políticos, a exemplo podemos observar o artigo “*A CNBB confunde os católicos*” que o intelectual católico Eurico Borba escreve para o Globo em que faz críticas a nota divulgada pela CNBB sobre a PEC 241, e afirma que “*Parte da atual liderança da Igreja Católica, numa manifestação equivocada e indevida, passa a criticar os esforços que o atual governo está fazendo para tentar salvar o salvável*”. (BORBA, 2016)

Eurico Borba⁶⁹ (2016) argumenta que o PT ao se colocar como o único porta voz da justiça social induziu milhões de católicos a o apoiarem alcançando assim a presidência em 2003. Para ele, os brasileiros terão que sofrer por décadas com as equivocadas decisões políticas, econômicas e sociais desse governo. O autor finaliza o artigo citado acima recomendando que os bispos não deveriam fazer proclamações equivocadas levando ao povo de Deus a confusão e imprimindo a imagem de serem uma “Igreja decadente”. A posição de Eurico Borba ilustra traços do conservadorismo político em expansão no Brasil, e é interessante observar que este intelectual bem representa a ideia de conservadorismo apregoada por Oakeshott (2012) ao entender que as medidas que o governo vem tomando representam uma tentativa de conservar as estruturas sociais existente, mesmo que signifique uma disposição a operar em condições limitadas ao se restringir a “*usar e desfrutar aquilo que está disponível, em vez de desejar ou procurar outra coisa*”, (APUD. COUTINHO, 2014, P.21) mesmo que representasse uma possibilidade de maiores ganhos.

No que diz respeito a posição da base católica Luiz Alberto Gomes de Souza afirma que há uma divisão dos cristãos, em que há uma parcela de “marchadeiras”, como houve também em 1964. O sociólogo usa o termo acima por observar que há uma maioria feminina, mas que na verdade, seriam representantes da classe média os que estariam fazendo marchas contra a corrupção entre outras coisas. Para ele, o que realmente ocorre seria uma marcha para manutenção do regime existente e observa que há essa força na sociedade e essa tendência nos movimentos católicos como houve em 1964.

⁶⁹ Eurico Borba foi um dos intelectuais que buscamos entrevistar, no entanto, não obtivemos retorno em tempo hábil, o que nos fez optar por analisar sua produção intelectual através de seus artigos publicados.

Em contrapartida a essa disposição mais conservadora Luiz Alberto Gomes de Souza fala que de outro lado há cristãos comprometidos, seja com partidos políticos progressistas ou seja com movimentos sociais. Como exemplo desta última disposição, cita o encontro de movimentos sociais que se realizaram em Roma recebido pelo Papa Francisco e na Bolívia, onde o pontífice também esteve presente. Nesses encontros estiveram presentes movimentos como o MST, Evo Morales representando a liderança indígena, o ex-presidente do Uruguai Pepe Mujica na condição de liderança pular, o que demonstra a forte presença da Igreja através desses movimentos sociais, ou seja, existe um diálogo mais com os movimentos sociais do que com partidos políticos ou com o Estado diretamente.

Na perspectiva de José Cláudio, a crise da sociedade brasileira, gerada pelos recentes fatores político e socioeconômicos como o fracasso da proposta do governo PT e dos esquemas de corrupção da esquerda investigados nos governos Lula e Dilma, resultou numa crise econômica que causou perdas inclusive para a classe econômica dominante brasileira. Isso teria contribuído para um enrijecimento do pensamento conservador de direita, gerando algumas ações reacionárias como por exemplo, a ação de um grupo de manifestantes⁷⁰ que foram a câmara dos deputados pedir a volta da ditadura.

Dentro dessa reação conservadora o informante chama a atenção para o fato de que esses movimentos estariam buscando o diálogo e fazendo alianças com os movimentos conservadores de direita da Igreja Católica, a qual atribui o perfil de conservadora, carismática e fundamentalista, por não reconhecerem e se contraporem a questões como a ideologia de gênero e os direitos dos grupos LGBTs e por apresentarem uma posição contrária a discussão, a educação e a informação das relações da sexualidade humana, que se afastam do modelo de família na sua forma tradicional que conserva o poder heterossexual, branco e masculino.

José Claudio analisa que esses grupos religiosos fundamentalistas hoje se aproximam dos demais grupos conservadores de direita brasileiros, são grupos que além da proximidade se apoiam, e exemplifica citando o caso das eleições para a prefeitura do Rio de Janeiro onde o candidato Marcelo Freixo do PSOL que trazia uma proposta dos direitos humanos e o reconhecimento dessa pauta moderna progressista dos direitos LGBTs, do direito das mulheres, da luta humanitária, da luta contra o racismo e da violência perpetuados contra esses grupos é derrotado por Marcelo Crivella pastor evangélico candidato pelo PRB que muito por conta do suposto apoio do bispo Dom Orani⁷¹ Tempesta que aparece em foto ao lado dele do candidato em jornal.

José Cláudio lembra também de outro episódio que foi a votação contrária das prefeituras da baixada para a distribuição das cartilhas do MEC que fazem a orientação nas escolas sobre as questões gênero, essa posição contrária ocorre, sobretudo pela resistência da Igreja Católica e das Igreja Evangélicas em impedir que essas cartilhas fossem levadas às escolas públicas, ou seja, devido a uma questão religiosa essas cartilhas não foram entregues a essa região de quase 3 milhões de habitantes, privando que essa discussão fosse realizada nessa região marcada pelo estupro as mulheres, violência sexual com crianças, violência e assassinato a homossexual, lésbicas gays, travestis e transexuais que representa um verdadeiro massacre a essa população.

⁷⁰ MANIFESTANTES invadem plenário da Câmara e interrompem sessão. **In: G1.com** 16 de novembro de 2016. <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/11/manifestantes-invadem-plenario-da-camara-e-interrompem-sessao.html>

⁷¹ GÔES, Bruno, Gustavo Schmitt. Arquidiocese do Rio protocola representação contra Crivella por uso de imagem de Dom Orani. **In: O globo**, 27 de setembro de 2016.

José Cláudio afirma ter se distanciado do catolicismo por divergências de pensamento e, faz críticas a essa aproximação da Igreja com setores mais conservadores da sociedade que não questionam as violências sofridas pelas minorias e adotam discursos muitas vezes fundamentalistas que se aproximam dos grupos pentecostais, defendendo a chamada “escola sem partido”. Ele se posiciona de forma radicalmente crítica em relação aos setores que combatem o debate sobre gênero e são contrários ao aborto.

Diante dessas questões, o informante analisa que a separação entre Estado e Igreja não ocorre, pelo menos não vem ocorrendo. Ele afirma que tal separação ocorre apenas em teoria. Haveria, em sua visão, discursos tanto por parte da Igreja Católica quanto de determinadas Igrejas evangélicas, orientados para a política chegando a interferir em decisões políticas.

Nota-se que a dinâmica da “luta simbólico-normativa” envolta no processo de acomodação da Igreja é complexa, não podendo ser entendida como um simples embate de dois grupos antagônicos. A exemplo, mesmo a CNBB que tem na sua atual formação uma característica que ele considera “mais aberta” lança nota moderada sobre a introdução da discussão da “ideologia de gênero” assegurando que tal ‘ideologia’ desconstrói o conceito de família.

A introdução dessa ideologia na prática pedagógica das escolas trará consequências desastrosas para a vida das crianças e das famílias. O mais grave é que se quer introduzir esta proposta de forma silenciosa nos Planos Municipais de Educação, sem que os maiores interessados, que são os pais e educadores, tenham sido chamados para discuti-la. A ausência da sociedade civil na discussão sobre o modelo de educação a ser adotado fere o direito das famílias de definir as bases e as diretrizes da educação que desejam para seus filhos.⁷² (CNBB,2015)

Esses episódios remetem a lógica conservadora dos intelectuais integristas que se observam nesse trabalho, principalmente a essas questões morais relacionadas à família e à sexualidade, no entanto como já analisados, há várias formas de manifestações do conservadorismo católico que não necessariamente se inserem dentro da perspectiva tradicionalista observada por grupos denominados integristas. O que se observa de fato é uma continuidade nos discursos e pensamentos, produzidos a partir da lógica de acomodação modernidade/antimodernidade vivenciada pelo catolicismo desde que foi inaugurado com o processo de secularização. O que corrobora para o entendimento da necessidade de análises que compreendam fenômenos como progressismos e conservadorismos católicos dentro desse contexto de acomodação da Igreja.

Embora haja uma visão de forma positiva em relação à separação entre Estado e Igreja por parte dos intelectuais católicos entrevistados, as opiniões apresentam aspectos peculiares. Uma parcela admite que a separação da Igreja e Estado não seria algo que ocorre na prática e que Igreja e Estado devem seguir separados embora existam confusões em torno dessa relação, enquanto outros têm uma percepção de que as duas instituições estão completamente separadas e que a Igreja Católica mantém institucionalmente no Brasil uma crítica ao Estado.

Essa relação é algo complexo e, pensar num contexto de longa duração, temporalidade em que se desenvolvem as mudanças nas questões políticas, nas mudanças de

⁷² CNBB divulga nota sobre a inclusão da ideologia de gênero nos Planos de Educação. **Diocese de Guaxupé**. 19 de junho de 2015

mentalidade e culturais, a separação entre o Estado e a Igreja Católica ainda é muito recente, e processual, sendo indispensável entender que a formação histórica do Brasil tem em suas bases o catolicismo como um fator de grande relevância, o Brasil não só nasceu católico como o sistema de padroado vigorou por mais de três séculos influenciando significativamente na construção das relações sociais, que a separação político-administrativa entre Estado e Igreja não pode suprimir, por ser um processo ainda em construção, em que na prática não é uma tarefa simples de se realizar.

Como característica desse processo de acomodação da Igreja à modernidade evidenciada através das produções intelectuais analisadas, ao menos em relação a Igreja brasileira, observou-se uma necessidade por parte desses intelectuais de levar essa disputa normativa para a discussão política junto ao Estado, dificultando ainda mais essa separação entre Igreja e Estado.

Através das falas dos informantes, evidenciamos uma continuidade na lógica dos discursos analisados, em que esses intelectuais buscam desqualificar propostas teológicas que se distanciam de sua forma de perceber o catolicismo, o que nos demonstra como é central na construção dos caminhos da Igreja Católica, as disputas normativas em relação à modernidade/antimodernidade vivenciada por seus membros. Essa característica é acionada tanto pelos intelectuais conservadores que podemos verificar na análise da produção dos intelectuais integristas, quanto em relação aos intelectuais de tendências progressistas entrevistados.

4. CONCLUSÃO

Levando-se em conta o que foi observado sobre a modernidade passou-se a repensar o papel da religião na sociedade provocando uma ampla discussão sobre o estar vivenciando o processo de secularização, principalmente em seu significado como o processo de declínio da religião como potência atemporal centralizadora dos valores culturais e organização social frente a sua separação com o Estado. Feita a análise deste processo como fenômeno histórico social observável, evidencia - se que o seu desenrolar contribuiu para a formação de grupos que direcionaram seu agir com o objetivo de combater os princípios secularizantes e restaurar o sentido cristão da vida.

Foi observado que entre esses grupos de inspiração antimoderna está o grupo de intelectuais da revista *Hora Presente* - que surge no Brasil, no contexto de 1968, sendo ligado ao integrismo católico, que consiste numa parcela conservadora da Igreja Católica contrária a adaptação da Igreja à modernidade.

A análise do conservadorismo católico embora tenha partido de uma perspectiva situacional seu entendimento como parte de um fenômeno de longa duração compreendido entre o período do ultramontanismo no século XIX até a sua continuidade na atualidade dado o fato de que ainda não foi observado um desfecho do processo de acomodação da Igreja frente à modernidade.

Dessa forma, embora o Concílio Vaticano II tenha aberto na Igreja uma oportunidade de discussão sobre sua renovação e um diálogo com a modernização em suas diferentes frentes não significou o fim desse processo de acomodação ou da teologia integrista que continuaram rebatendo as teses modernistas. Não obstante, o Vaticano II foi um importante campo para a disputa simbólico-normativa empreendida por integristas e progressistas, inaugurando também uma época de efervescência dos movimentos católicos na América Latina.

Em face aos dados apresentados nota-se que essa efervescência produziu diversos grupos de intelectuais católicos que começaram a se articular para defender suas posições teológicas e políticas por toda a América Latina. No Brasil, o argumento da criação de uma nova pátria comunista levou em um primeiro momento a Igreja Católica no Brasil a uma reação conservadora antidemocrática e autoritária, que logo foi questionada por outros setores da Igreja levando a um acirramento na luta simbólico-normativa entre católicos de inspiração integristas e progressistas.

A secularização como foi analisada não constituiu o fim do pensamento religioso, mas permitiu que a questão religiosa fosse raciocinada fora dos meios tradicionais passando a disputar o seu lugar na sociedade com outras formas de pensar e organizar o mundo. A exemplo dos intelectuais ora citados e, que tendo uma formação construída através dos mecanismos modernos de educação articulam seus pensamentos e produção intelectual na conservação da sua fé no catolicismo reivindicando bandeiras que se coadunam à percepção de como a Igreja deve atuar no mundo.

Ao investigar a produção intelectual da revista *Hora Presente* nota-se de forma mais aprofundada alguns aspectos da lógica integrista e suas articulações. Desta forma, evidencia-se que as reações integristas tendem a se intensificar sempre que há uma maior articulação da proposta favorável no processo de acomodação da igreja com a modernidade.

Outro aspecto importante é que devido ao posicionamento anticomunista e antiliberal dos intelectuais da Revista analisada revelou-se a tendência de uma tentativa de aproximação e conquista de mais espaços em regimes políticos antidemocráticos como ocorreu durante a ditadura militar(1964-1985). Em defesa das suas convicções teológicas conservadoras em seu discurso há uma busca por combater e desqualificar qualquer outra proposta que busque

uma maior aproximação com os ideais da modernidade. Embora, simpatizem com os governos autoritários o fazem com o intuito de servir como uma inteligência onde almejam que seu modelo de sociedade sirva para o regime.

Diante de tal afirmação compreende-se que as intenções do grupo integrista era provocar a volta da questão religiosa da separação entre Estado e Igreja buscando sua interface com as questões políticas e sociais do momento histórico em que viviam. Além disso, a conclusão que se chega de fato é que esses intelectuais integristas estão inseridos numa vertente tradicionalista. Eles visam defender uma conservação de seus pensamentos e ações que significam a continuidade de uma sociedade que está em contraposição às comunidades organizadas em volta das culturas da modernidade, principalmente as que seguem modelos propostos pelas sociedades responsáveis pela “europeização” como a francesa e as anglófonas - responsáveis estas pelo que entendem ser os grandes problemas enfrentados na modernidade, tais como o protestantismo, o republicanismo socialista e liberal e as assembleias parlamentares.

Em virtude da separação entre a Igreja e o Estado a primeira precisou achar novas estratégias para se reestruturar institucionalmente gerando muitas vezes um embate entre religião e política devido a disputa de poder para continuar exercendo influência na sociedade, sobretudo nas questões morais. Inseridos no catolicismo existem correntes com diferentes posicionamentos e, essa pluralidade leva determinados segmentos da Igreja a se aproximar de governos específicos, como foi observado no caso dos intelectuais integristas da *Hora Presente*, que se aproximaram dos governos militares por apresentarem pontos de convergências como a guerra contra a subversão interna e externa praticada pelo Estado, o projeto de moralização da sociedade brasileira, o modelo econômico e a promessa de sanear as instituições políticas corrompidas pelo antigo modelo político.

Dadas as análises das entrevistas percebe-se como as narrativas dos intelectuais progressistas hoje, vem sendo estruturadas dentro da mesma lógica (modernidade/antimodernidade) e, utilizada pelos intelectuais integristas só que da perspectiva contrária onde desqualificam propostas teológicas que se distanciam da ótica progressista a exemplo dos discursos em que acabam atribuindo a grupos católicos - como a renovação carismática que se pretende como modernizante o status de conservador por apresentar uma proposta mais espiritualista e, não militante em defesa das injustiças sociais.

Pela observação dos aspectos analisados é possível afirmar que esses grupos católicos de diferentes correntes tiveram uma maior efervescência até os anos 1980, período em que a crise de sentido e orientação enfrentadas pela Igreja desde essa época ao período atual, as formas de vida globalizada e o progresso acelerado da tecnologia levaram a grandes transformações sociais alterando orientações e costumes, sobretudo no que tange a aspectos morais e tradições religiosas. Assim, alguns desses grupos e movimentos católicos passaram a refugiar-se na defesa da tradição e da doutrina como reação ao risco apresentado pela modernidade.

As entrevistas sugerem indícios do que houve nos últimos anos - um período de maior fechamento da Igreja, ou de maior conservadorismo observado pelos dois pontificados anteriores ao do Papa Francisco. Na perspectiva desses intelectuais o Papa Francisco vem adotando uma posição mais dialogal com diferentes grupos sociais o que tem gerado reação por parte da ala conservadora da Igreja Católica.

Questões do campo moral como o papel da mulher, sexualidade e práticas reprodutivas continuam sendo questões delicadas para a doutrina oficial da Igreja nesse processo de acomodação. Tais temas costumam gerar muita resistência de grupos mais conservadores católicos, mesmo que na prática, como já apontado por outras pesquisas, nem sempre as normativas morais são observadas pelos fiéis, a exemplo o uso expressivo de métodos contraceptivos por mulheres católicas.

Ao que parece o papa Francisco ressurgiu o “espírito do concílio” na lógica da ruptura como entendido por alguns, ao menos na perspectiva de reabrir os embates na disputa simbólico-normativas entre modernizadores e antimodernizadores, e os velhos problemas e conflitos do seu período de criação que parecem não terem sido superados.

Há questões suscitadas que sugerem desenvolvimento em pesquisas futuras, como o deslocamento dos movimentos católicos para a via política adotado por muitos católicos. A exemplo, os movimentos católicos que antes se organizam através de grupos religiosos como as CEBs, que com a criação de partidos políticos em que encontraram maior representação deslocam essa discussão do social para o campo político partidário.

Pela observação dos aspectos analisados pode-se traçar semelhanças entre o atual cenário político com o dos anos 1960, a exemplo a disputa política acalorada entre partidos de posicionamentos antagônicos, com forte participação dos meios midiáticos, que acaba sendo absorvido e levado a outros setores que não o ambiente eleitoral, como por exemplo dos grupos religiosos.

No entanto, se nos anos 1960 e 1970 esses grupos religiosos eram representados, em sua maioria, pelos católicos, a mudança no cenário religioso demonstrado pelos dados estatísticos atuais revelam um grande aumento na proporção dos grupos evangélicos, trazendo-os para a discussão. Como indicado pelos discursos de alguns de nossos informantes, esse fator gerou uma contribuição para crescimento dos conservadorismos que vem ganhando força em muitos casos pela capacidade de associação e apoio de diferentes grupos religiosos, capazes de influenciar decisões políticas sobre determinadas pautas, principalmente às relacionadas a moralidade, proposições essas que caberiam novos estudos e aprofundamento.

Analisando o que foi apresentado, os posicionamentos dos Papas são de extrema importância no desenrolar da disputa simbólico-normativa interna ao catolicismo. Muitas questões do período conciliar em análise têm continuidade nos dias atuais. Assim, os dois pontificados anteriores ao de Francisco mantiveram um posicionamento cauteloso e de maior conservação frente ao processo de acomodação a modernidade e contribuíram para que práticas também conservadoras fossem sendo replicadas principalmente dentro dos meios eclesiais, possibilitando assim a valorização de movimentos como por exemplo, a explosão da renovação carismática e outros entendidos nos meios intelectuais como conservador. Destaque-se ainda que jovens que tiveram sua formação já sob as constituições do Concílio Vaticano II tiveram contato com modelos doutrinários observados até o período pré-conciliar, como a opção pela missa em rito tridentino e, que têm buscado meios tradicionais de vivenciarem sua religiosidade.

Conforme assegura Fernandes e Mesquita (2017) os embates presentes nos discursos dos intelectuais católicos analisados na Revista e a posição de intelectuais progressistas na contemporaneidade revelam que a disputa para legitimar determinado modelo de enfrentamento ao processo de secularização em terras brasileiras está longe de terminar e, é carregada de fatores sensíveis que merecem atenção. Em especial, chamar a atenção para o adensamento do conceito de conservadorismo uma vez que pode ser pensado sem uma carga valorativa, mas imerso numa rede de interesses postos como oponentes à desestabilização em vários campos da vida social como a modernidade apregoa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGASSO, Domenico Jr. Francisco visita sete famílias de ex-padres que constituíram família. In: **Associação Rumos**. 11 de novembro de 2016. Disponível em:

<http://www.padrescasados.org/archives/51241/51241/> Acesso em: 06/04/2017

ALEXANDER, Jeffrey. (1999). A importância dos clássicos. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Orgs). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, p. 23-89.

ALVES, José Cláudio de Souza. **Entrevista José Cláudio de Souza Alves**: depoimento [Nov. 2016]. Entrevistadora: Stela Niero. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2016. 1 arquivo mp3. (1:02:53 Min.). Entrevista concedida para essa dissertação de mestrado.

AMARAL, Inez Maria Bitencourt do. **Entre rupturas e permanências: A Igreja Católica na região de Dourados (1943 – 1971)**. Dourados: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2005 (dissertação mestrado história)

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. **Entrevista com Paulo Fernando Carneiro de Andrade**: depoimento [Nov. 2016]. Entrevistadora: Stela Niero. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2016. 1 arquivo mp3. (29:33 Min.). Entrevista concedida para essa dissertação de mestrado.

ANTOINE, Charles. **O Integrismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Trad. João Guilherme Linke. Civilização Brasileira, 1980.

BASTOS, Elide R. & BOTELHO, André. Por uma sociologia dos intelectuais. In: **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, nº 4, 2010, p. 889 a 919.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECK, Ulrich, Anthony Giddens, Scott Lash Modernização **reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**; tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BECKER, Howard. **Segredos e truques de pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2007.

_____. Observação social e estudo de casos sociais. In: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997. Cap. 5

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Org. Luiz Roberto Benedetti; Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter; Luckman, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido a orientação do mundo moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BETTO, Frei. **Batismo de Sangue: Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**.

BORBA, Eurico. A CNBB confunde os católicos. **O Globo**. 21 de novembro de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaio/a-cnbb-confunde-os-catolicos-20496220> Acesso em: 05/12/2016

BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

_____. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: **O Poder Simbólico** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Os Usos Sociais da Ciência** – Por Uma Sociologia Clínica do Campo Científico. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

CABRAL DE MONCADA, L. Filosofia do direito e do estado. V. 1- Parte Histórica. Coimbra: Coimbra Editora, 1995. p. 80-86

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Bases temporais para o estudo histórico da Igreja Católica do século XX. In: **Horizonte**: Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 75-90, jun. 2007

_____. **Os baluartes da tradição: a antimodernidade católica brasileira no Concílio Vaticano II**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR), Universidade Federal de Juiz de Fora. 2009

CAMURÇA, Marcelo. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: Teixeira, Faustino; Menezes, Renata (Org.). **Religiões em movimento – o censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. Novos movimentos religiosos Entre o secular e o sagrado. In: **Ciências Sociais e Ciências da Religião**: São Paulo: Paulinas, 2008.

CIARALLO, Gilson. Estudos da secularização do Brasil nas ciências sociais: entre a explicação sociológica e a compreensão de individualidades históricas. **Universistas Humanas**, Brasília: v. 6, n. 1, p. 41-58, jan./jun. 2009. Disponível em <http://www.publicacaoesacademicas.uniceub.br/index.php/umiversitashumanas/article/view/852/695> Acesso em: 07 de março de 2016.

CNBB divulga nota sobre a inclusão da ideologia de gênero nos Planos de Educação. **Diocese de Guaxupé**. 19 de junho de 2015 Disponível em: <http://guaxupe.org.br/cnbb-divulga-nota-sobre-a-inclusao-da-ideologia-de-genero-nos-planos-de-educacao.html> Acesso em: 04/04/2017

CUNHA, Olívia Maria Gomes da, Quando o campo é o arquivo. In: **Revista Estudos Históricos**. v. 2, n. 36 (2005).

DUSSEL, Enrique. **História da Igreja Latino-Americana (1930-1985)**. São Paulo: Trad. Eugenia Flavian, PAULUS, 1989

EMMERICK, Rulian. As relações igreja/estado no direito constitucional brasileiro. Um esboço para pensar o lugar das religiões no espaço público na contemporaneidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latino-americana**, Norte américa, 10, ago. 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/383/823>. Acesso em: 16 de fev. 2017.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Os números de católicos no Brasil- mobilidades, experimentação e propostas não redutivistas na análise do censo. In: **Teixeira, Faustino; Menezes, Renata (Org.). Religiões em movimento – o censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.p. 111-126

_____. Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa. **Soc. estado**. Brasília, v. 26, n. 3, p. 663-684, Dec. 2011 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922011000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 de abril de 2017.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves; MESQUITA, Wania. **Ponderações sobre conservadorismos entre jovens católicos, sem religião e pentecostais**. Trabalho apresentado no 18º Congresso Brasileiro de Sociologia. Brasília, 2017. No prelo

FILHO, Fernando Antonio Pinheiro. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil, **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a03v19n1.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2016

FLORIDI, Alexis Ulysses. **O radicalismo católico brasileiro: para onde vai o catolicismo progressista no Brasil**. São Paulo: Hora Presente, 1973

FORMIGONI, Guido. Cattolicesimo Intransigente e la Chiesa in Italia In: **Dizionario Storico Tematico La Chiesa in Italia Volume II - Dopo l'Unità Nazionale** Voce 15, Jan. Disponível em: <http://www.storiadellachiesa.it/glossary/cattolicesimo-intransigente-e-la-chiesa-in-italia-2/> Acesso em: 01 de agosto de 2016

FRANCISCO. **Sínodo dos bispos, XIV assembleia geral ordinária: a vocação e a missão da família na igreja e no mundo contemporâneo. Relatório final do sínodo dos bispos ao Santo Padre Francisco.** Cidade do Vaticano, 24 de outubro de 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html Acesso em: 05/04/2017

FREHSE, Fraya. Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. **Revista Estudos Históricos**, 2, jan. 2006. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2247/1386>. Acesso em: 10 Mar. 2012

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GÓES, Bruno, Gustavo Schmitt. Arquidiocese do Rio protocola representação contra Crivella por uso de imagem de Dom Orani. In: **O globo**, 27 de setembro de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/arquidiocese-do-rio-protocola-representacao-contracrivella-por-uso-de-imagem-de-dom-orani-20188430>. Acesso em: 10/12/2016.

GOMES, Sara Cristina de Souza. **A Crisandade De Cores: a Igreja Católica e o Movimento de Cursilhos de Crisandade durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1980).** Campinas, Universidade Estadual de Campinas. 2009 (dissertação mestrado)

GONÇALVES, Marcos. **As tentações integristas. Um estudo sobre imprensa católica, política e catolicismo no Brasil (1908-1937).** Curitiba: CRV, 2012.

_____. Integrismo Católico E Fundamentalismo Protestante Comparados: Historicidade, Aproximações E Distanciamentos. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 79-103, mar. 2013. ISSN 2317-3688. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/31086/19973>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. Os Baluartes da Tradição: o conservadorismo católico brasileiro não Concílio Vaticano II. In: **História**, Franca, v 31, n. 1, junho de 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742012000100021. Acesso em: 09 de Mar. de 2013.

_____. Nostalgia E Exílio: O Intelectual Católico Galvão De Sousa E A Ideia De “Hispanidade”. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 55, n. 2 (2011). Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/26543/17691>. Acesso em: 15 de Jan. de 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985.

_____. **Os intelectuais JÚNIOR**, Alfredo Moreira da Silva. O integrismo católico brasileiro e sua influência na diocese de jacarezinho. In: **Revista Brasileira de**

História das Religiões - ANPUH. Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 16 de setembro de 2015.

HERVIEU- LÉGER. A religião fragmentada – reflexões prévias sobre a modernidade religiosa. In: **O peregrino e o convertido – a religião em movimento**. Lisboa: Gradiva, 2005.

HORA PRESENTE. São Paulo: Editora Hora Presente. 1968-1978

LECLERC, Gerard. **Sociologia dos Intelectuais**. Tradução: Paulo Neves. São Leopoldo: Editora UNISINOS. 2004

LESBAUPIN, Ivo. **Marxismo e Religião**. In: Teixeira, Faustino; Menezes, Renata (Org.) **Sociologia da Religião**. Petrópolis: Vozes, 2014.

LIMA, Janílson Rodrigues. **Em defesa da fé e da família: intelectualidade católica e as estratégias para o restabelecimento de um padrão comportamental em fortaleza (1936-1941)**. Fortaleza, Universidade Estadual do Ceará, 2013 (dissertação de mestrado história)

LOPES, Adriana Dias. ‘Se um gay busca Deus, quem sou eu para julgar’, diz papa. **Veja**, 29 jul. 2013. Disponível em <http://veja.abril.com.br/mundo/se-um-gay-busca-deus-quem-sou-eu-para-julgar-diz-papa/> Acesso em: 05/04/2017

LÖWY, Michel. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne: Vozes, 2000.

MACEDO, Ubiratan Borges de. **Liberalismo e Justiça Social**. São Paulo: Ibrasa, 1995.

MAGISTER, Sandro. Criar clareza: Alguns nós por resolver em "Amoris laetitia" - Um apelo. In: **Chiesa.espresso**. 14 de nov. 2016. Disponível em: <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1351410.html> Acesso em: 07/06/2017

MANIFESTANTES invadem plenário da Câmara e interrompem sessão. **G1.com**, 16 de nov. de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/11/manifestantes-invadem-plenario-da-camara-e-interrompem-sessao.html> Acesso em: 06/04/2017

MANNHEIM, Karl. **Sociologia da Cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MENOZZI, Danielle. **A Igreja Católica e a Secularização**. São Paulo: Paulinas, 1999.

MARIZ, Cecília. A sociologia da religião de Max Weber. In: Teixeira, Faustino; Menezes, Renata (Org.) **Sociologia da Religião**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTELLI, Stefano. **A Religião na Sociedade Pós-Moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995

_____. Notas sobre a institucionalização das crenças: o caso da “Doutrina Social da Igreja” In: **Ciberteologia Revista de Teologia & Cultura**, nº 01 Jul./ Ago./ Set. 2005. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/todas-as-edicoes/> Acesso em: 17 de Set. de 2015.

_____. Georg Simmel e a religiosidade como forma pura das relações sociais **Ciberteologia Revista de Teologia & Cultura**, nº 07 - Ano II – Set./Out. 2006. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/todas-as-edicoes/> Acesso em: 17 de Set. de 2015.

OAKESHOTT, Michael. **Ser conservador**. Trad. Rafael Borges. Lisboa: Gabinete de Estudos Gonçalo Begonha, 2012.

OLGUÍN, Fabián Gaspar Bustamante. El integrismo católico y sus construcciones semánticas del enemigo para la justificación del golpe de Estado en Chile. El caso de las revistas Fiducia y Tizona, 1965-19731 **Revista de História y Geografía**, Chile: Nº 29 / 2013 p.55-72 Disponível em: http://www.academia.edu/17561281/Revista_de_Historia_y_Geograf%C3%ADa_29_-_UCSH_-_2013. Acesso em: 07 de março de 2016

OLIVEIRA, Ramiro Barboza de. **O conservadorismo católico na imprensa de Belo Horizonte NAS décadas de 1920 e 1930 – os jornais O Horizonte e o Diário (1923-1937)**. São João Del-Rei, Universidade Federal de São João Del-Rei, 2010 (dissertação de mestrado)

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 16 n. 47.p. 59-74, Out. 2001.

PAPA batiza filho de uma mãe solteira. **O Globo**. 12 de jan. de 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/papa-batiza-filho-de-uma-mae-solteira-11281220> Acesso em: 06/04/2017

PÉCAUT, D. **Os Intelectuais e a Política no Brasil - Entre o Povo e a Nação**. São Paulo, Ática, 1989 SIRINELLI, J.F. Os Intelectuais In: RÉMOND, René (org.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996.

PERASSO, Valéria. Quem são os cardeais rebeldes que acusam o papa Francisco de heresia. In: **BBC** 16 de nov. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998143> Acesso em: 05/04/2017

PERRUSO, M.A. **Em busca do “novo” - intelectuais brasileiros e movimentos populares nos anos 1970/80**. São Paulo: Annablume, 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisa. **Revista USP**, Brasil, n. 13, p. 144-156, maio 1992. ISSN 2316-9036. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25620>. Acesso em: 16 junho de 2016.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 13, n. 37, p. 43-73, Jun. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269091998000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 setembro de 2015.

PONTES, Sandro Pelegrineti de. **Entrevista com Senhor Araí Daniele**. Disponível em: https://youtu.be/QTX_6PI_aYY Acesso em: 09 de mar. de 2016.

PRO Roma Mariana. Disponível em <https://promariana.wordpress.com/> Acesso em: 09 de março de 2016.

RESENDE, Viviane M.; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. 2ª, ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.25-54.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional, Práticas e estratégias intelectuais: 1889 – 1930**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2009. (Tese de doutorado história)

RIBEIRO, Lúcia. **Lúcia Ribeiro**: depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Stela Niero. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. 1 arquivo mp3. (32:11 Min.). Entrevista concedida para essa dissertação de mestrado.

SANCHIS, Pierre. A contribuição de Émile Durkheim. **In**: Teixeira, Faustino; Menezes, Renata (Org.) **Sociologia da Religião**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHWARTZMAN, Simon. Por um marco analítico para os estudos dos intelectuais. **In**: **Revista Espaço Acadêmico** –nº63 – agosto de 2006 ano VI mensal. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/063/63esp_schwartzman.htm. Acesso em: 16/01/2015

SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**, tradução: Carlos Eduardo Lins da Silva, Companhia das Letras: São Paulo, 2001.

SILVA JR., Alfredo Moreira da. Conservadorismo e integrismo católico no Norte Paranaense 1947-1961: Um estudo sobre a atuação político-religiosa de D. Geraldo Sigaud na diocese de Jacarezinho. In: **V Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões**. Juiz de Fora: UFJF, 2003, 14 p., [digit].

SILVA, Helenice Rodrigues da. **Fragmentos da História Intelectual: Entre Questionamentos e perspectivas**. Campinas: Editora Papirus, 2002.

SOUZA, Glauco Costa de. **Conflitos teológicos e políticos da Igreja Católica no Brasil presentes nos artigos das revistas *Hora Presente* e *Permanência* (1968-1974)**. Assis, Universidade Estadual Paulista, 2012 (dissertação mestrado)

SOUZA, Luiz Alberto Gomes de, "As CEBs vão bem, obrigado". **Revista Eclesiástica Brasileira**, fasc. 237, mar. 2000.

_____. **Do Vaticano II a um Novo Concílio? O olhar de um cristão leigo sobre a Igreja**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Entrevista com Luiz Alberto Gomes de Souza**: depoimento [dez. 2016]. Entrevistadora: Stela Niero. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2016. 1 arquivo mp3. (41:48 Min.). Entrevista concedida para essa dissertação de mestrado.

_____. **O olhar de um cristão leigo sobre a Igreja**; Editora Rede da Paz, Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Uma Fé exigente, Uma Política Realista**. Rio de Janeiro: Educam, 2008.

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 23, p. 354-393, Abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222010000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 Mar. 2016

VERDÚ, Daniel. Papa Francisco é alvo de uma campanha ultraconservadora nas ruas de Roma. In: **El País**. 6 Fev. 2017. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/06/internacional/1486389998_417068.html 05/03/2017

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual In: **Revista Brasileira da história da educação**. Volume. 8, nº.1 [16]

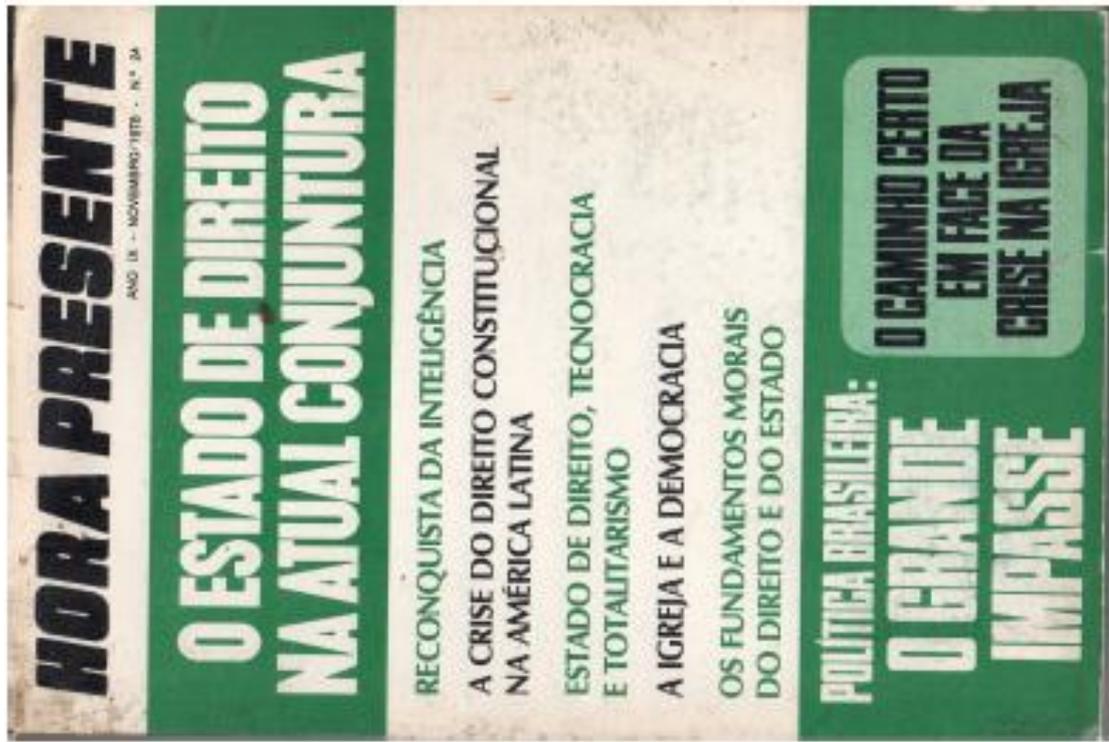
6. ANEXOS

Anexo A – Exemplares da revista

Anexo B – Planilha de análise

Anexo C – Roteiro de entrevista

Anexo A - Exemplares da revista



1- Capas da Revista *Hora Presente*

O CHILE EM DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

"A violência ilegítima de um agressor pode e deve ser repelida com a violência legítima do agredido. A negarmos este direito, estaríamos negando um direito absolutamente natural e transcendente a toda legislação civil, como é o direito à legítima defesa pessoal. Se se erige em princípio indiscutível que toda violência é má, é evidente que nenhum povo poderá defender-se legitimamente dos atropelos da legislação humana. Em compensação, se conhecermos perfeitamente as normas da Lei Natural não haverá nenhuma dificuldade em nos defendermos das ilegalidades de uma pretendida lei que, apresentando traços de lei verdadeira, só constitui uma simples caricatura dessa ordenação ao bem comum de que nos fala tão magistralmente Santo Tomás. Porque não nos esqueçamos de que foi só em nome de uma Lei Natural conciliada que se efetuaram todas as rebeliões armadas em defesa dos direitos humanos e que se levantaram os chilenos quando, capitaneados por nossas Forças Armadas, derrubaram a tirania marxista a 11 de setembro de 1973.

Tais palavras foram pronunciadas pelo Padre Osvaldo Lira, na conferência inaugural das Segundas Jornadas de Direito Natural promovidas pela Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Chile.

Santo Tomás ensinava que é legítimo depor pela força o tirano plenamente caracterizado como tal. Nesses casos — acrescentava — não se faz propriamente uma sedição, pois o sedicioso é o tirano, que subverte a legítima ordem jurídica, convulsiona a sociedade, atenta contra a própria ordem moral. Derrubá-lo, pelo legítimo emprego da violência, é restabelecer a ordem, é o contrário da revolução, é servir ao direito.

Por isso mesmo, os chilenos, ao se levantarem em armas para pôr abaixo a tirania de Allende, e consequentemente, pela ação das Forças Armadas no poder, ao tomarem medidas drásticas para impedir o retorno dos comunistas e dos que lhes entregaram o país — como os liberais, os socialistas cor-de-rosa e os democrata-cristãos — não fizeram mais do que tomar as medidas indispensáveis para a restauração de um regime em que sejam efetivamente assegurados os direitos humanos.

Quando vozes de inocentes úteis ou de hipócritas com segundas intenções se levantam no mundo todo, denunciando o governo de Pinochet por atender contra os direitos do homem, o que vemos é a negação pelo menos implícita do próprio fundamento do direito e critério supremo da justiça: o direito natural.

As concepções jurídicas dominantes nas democracias de origem liberal desconhecem o fundamento transcendente da ordem jurídica e fazem desta uma simples expressão da vontade do legislador. Não há um critério pelo qual aferir a legitimidade das leis positivas e dos atos dos governantes, todas as leis valem por si mesmas desde que sejam expressão da vontade do legislador, que representa (segundo essas concepções) a vontade do povo.

Dá-se ao direito um fundamento voluntarista e, portanto, subjetivo. "O que agrada ao príncipe tem força de lei" diziam os adeptos do absolutismo monárquico. "O que agrada ao povo tem força de lei" sustentam os partidários do absolutismo democrático.

Ora, o direito não é um mero produto da vontade. A definição de lei dada por Santo Tomás mostra-nos, com clareza meridiana, que o direito tem um fundamento objetivo, não depende do que o legislador quer ou não quer, mas decorre de uma ordem natural a que deve subordinar-se a vontade do legislador. A lei é uma "ordenação racional para o bem comum". O bem comum é algo de objetivo, que independe das flutuações de maiorias parlamentares. E a lei é um produto da razão, isto é, da inteligência do legislador, que conhece o bem e para ele ordena os atos dos membros de uma sociedade.

Esse bem, a finalidade do direito, é o **bem comum**, não simples soma dos bens particulares, mas organizações destes tendo em vista a própria finalidade

HORA PRESENTE

Director:
José G. M. OHSINI

Secréário:
ALFREDO LEITE

Redacção e Administração:

Rua 7 de Abril, 125 — 3.º andar — conj. 307

Fone 37-9786

SÃO PAULO — BRASIL

Assinatura: NCr\$ 40,00 por seis números — Número avulso: NCr\$ 7,00
(Cheques e ordens de pagamento em nome de "HORA PRESENTE")

ANO I FEVEREIRO DE 1970 N.º 5

INDICE

Págs.

- 5 Igreja e Estado em conflito no Brasil?
- 21 A Revelação à procura de si mesma
- 29 A subversão agora se chama sexo
- 40 Dom Illich no Brasil: o rastro da subversão
- 53 O "affaire" Marigbela e a traição dos clérigos
- 57 Uma excomunhão pós-conciliar
- 61 TRÊS GRANDES TEMAS DA HORA PRESENTE:

- 1) O Papa é infalível?
 - 2) O que podem os bispos?
 - 3) O Vaticano II desmentiu o Vaticano I ?
- 99 UMA ARMADILHA DA HERESIA : O "CATECISMO"
HOLANDES
- 225 Livros
- 231 Correspondência
- 237 Documentos

HORA PRESENTE

ANO VII NOVEMBRO DE-1975 N.º 20

SUMÁRIO	
Págs.	
5	Soljennitsin, o Brasil e a glória de não ceder
19	"Infiltração Marxista na Igreja"
25	A tragédia portuguesa
41	De Yalta a Heislingue
47	Padre Paulo Bannwarth
49	Panorama político da América Latina
55	Jean Madiran entre nós
58	Michele Federico Sciaccia
59	ANÁLISE CIENTÍFICA DO MARXISMO, Julio Garrido
85	MAR TERRITORIAL: SOBERANIA INTEGRAL, Mucio Piragibe Ribeiro de Bakker
105	COMO A ESPANHA SALVOU O OCIDENTE, J. P. Galvão, de Sousa
119	AS MANOBRAS DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUES, Branco Luzitch
151	AS DESCOBERTAS DE GUSTAVA VO CORÇÃO, José Augusto Guerra
177	ANOTAÇÕES SOBRE A GUERRA PSICOLÓGICA, A. C. Pacheco e Silva
191	CASAMENTO: CONTRATO OU INSTITUIÇÃO?, Haroldo Valladão
203	SIM, SIM; NÃO, NÃO, Alberto Caturelli

DIRETOR
GLOVIS LEMA GARCIA

CONSELHO DIRETOR
José Pedro Galvão de Sousa, presidente — Adão Casaró — Carlos Galvão — Jaime Fraga — Carlos Carvalho — Lauro de Barros

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua 24 de Maio, 77, 15.º andar
env. 1088 — Fone: 35-2118
SAO PAULO — BRASIL

Assinatura (faça número)
vta-área Cr\$ 200,00
edição registrada Cr\$ 250,00
anual Cr\$ 30,00

EXTERIOR
comum US\$ 25,00
vta-área US\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 30,00
Os números atrasados são vendidos ao preço da última edição

ASSINATURA DE BENEFICOR
Cr\$ 1.000,00

[Cheques e ordens de pagamento pagáveis em São Paulo, em nome de HORA PRESENTE]

Pode-se pagar em: — Em vales
— em cartão — Ou através de
— em cheque — Ou através de
— em dinheiro — Ou através de

Composto na LINDIPADORA AUXILIAR S/C. LTA., Rua 31, esquina com a Rua 2315 e Imprensa nos edifícios da RUMO AEROPROPRIETARIA LTA., Rua Anicó, 63/65 — São Paulo — Brasil.

SUMÁRIO	
17	Firmaza, arma indispensável
18	Grave denúncia
23	Infiltração marxista na Igreja: um exemplo brasileiro
24	Conspirando a memória de Santo Tomás
36	Opaco subversivos em post-chove na Igreja
40	Meditação no "Dia de Portugal"
45	Infiltração comunista na Igreja
46	Dois países e duas meditações no "Festival da hipocrisia"
48	Incentivos governamentais à pornografia
54	O suicídio do Ocidente
57	A reforma necessária
63	A penetração marxista na Igreja
64	Marxismo e Cristianismo
104	"Detente", versão atual da corda estranguladora...
118	A Escanha contra a Anti-Espanha
140	O prestígio do marxismo na Rússia
150	"Fogo aos senhores: irritam o máximo que podem"
176	Contrastes
188	Psiquiatria e "gênie" na vida soviética
190	Um aspecto pouco lembrado da Revolução de Abril em Portugal
211	ECA: a firmosa de um diretor
212	Escanção na Catedral de Reims
216	Padre Bannwarth em KOJA PRESENTE
218	A esperança política
226	De como a democracia enfunde o totalitarismo comunista
228	Educação sexual na escola?
232	A capitulação programada
235	O mundo hispânico e a corrente comunista
257	Destino da Espanha, destino do Ocidente
268	A lição que o Ocidente precisa aprender: Selvington e Invenibilidade moral

213 Documentos
Padre Bannwarth, *Gustavo Corção Exodo, um problema de Angola*
O "navegador solitário", *Lenildo Tabosa Pessoa*
Um documento histórico
Pontos para reflexão, *Lenildo Tabosa Pessoa*
Intervenção indebita da ONU, *Theophilus de Andrade*
Gilberto Freyre lembra as verdades esquecidas, *J. M. Pereira da Costa*
O preço do divórcio, *Daniel Faraco*
Livros e Publicações

241
2.ª Capa: O Chile em defesa dos direitos humanos

HORA PRESENTE

3- Apresentação do índice após o nº 10

A GUERRA SUBVERSIVA E A GUERRA REVOLUCIONARIA

MARCEL CLÉMENT

Para uma idéia do conjunto do que são a guerra subversiva e a guerra revolucionária, deve-se preliminarmente ter presente que estas formas de guerra nasceram da conjugação de três realidades distintas:

- a) A evolução do pensamento militar.
- b) O desenvolvimento das técnicas psicológicas.
- c) A estratégia marxista-leninista.

Essas três realidades foram amalgamadas pelos comunistas. Sempre errou a genese de cada uma delas.

1. A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO MILITAR

A idéia de enganar o inimigo para melhor vencê-lo, isto é, de agir sobre seu espírito para tornar mais fácil o aniquilamento de sua força física não é nova. Mais de mil anos antes da era cristã, a história do xavalo de Tróia o testemunha. Pode-se mesmo remontar ainda mais. A história da primeira mulher e do primeiro jardim não é outra senão a história de uma derrota consecutiva a um embuste.

É provavelmente em Clausewitz (1780-1831) que se encontra o primeiro esforço moderno de reflexão metódica sobre as relações existentes entre a guerra e a psicologia dos povos. Clausewitz em sóbodo crede a idade de treze anos. Mais tarde, na Escola de Guerra, foi aluno de Schachmuhst. Entre 1818 e 1830, analisa as campanhas apolíticas, daí deduzindo toda uma filosofia da guerra.

Em primeiro lugar, estabelece em princípio que a guerra é uma atividade do homem, e não somente uma simples confrontação de forças físicas. O vencedor não é necessariamente aquele que possui o exército mais numeroso. O moral desempenha um papel importante, e da mesma forma o pensamento do comandante da guerra. Numa palavra, a guerra faz explodir no homem não somente as forças materiais, físicas, mas também as forças morais, espirituais.

221

MARCEL CLÉMENT, diretor do periódico *L'Homme Nouveau*, de Paris, é licenciado em Filosofia e em Direito, diplomado em Sociologia e Economia Política. Doutor em Ciências Sociais e ex-professor da Universidade Laval de Québec e da Universidade de Montréal. Atualmente é professor de Filosofia Social na Facultade Livre de Filosofia Comparada de Paris e da Facultade Livre de Direito, também da capital francesa. Num de seus últimos livros, *Le combativité face à Dieu — Mythe, Mythe, Mythe*, dedica-se com toda a paixão a problemática da guerra subversiva e da guerra revolucionária, em dois capítulos que a seguir apresentamos.

INDICADOR PROFISSIONAL

ADVOGADOS:

MESQUITA BARROS & MAGANO - ADVOGADOS

PROF. CASSIO MESQUITA BARROS JR.

OCTAVIO BUENO MAGANO

ARMANDO PEDRO

CARLOS EL Z. MAZZO

EMANUEL CARLOS

ALCYR ROBERTO MENDONÇA

JAYME ARBEX

JOSÉ DOS SANTOS

JOSÉ ROBERTO VINHA

HENRIQUE GREGORIS

Rua Xavier de Toledo, 114 - 3.º andar - Fone: 34-9661; 35-4244
35-8233; 82208 - S. PAULO

DR. MIGUEL ALFREDO
MALUF NETO

Rua Conde de Mafra - 18 - 1.º and.
Sala - 14/18 - Fone: 130 - Associação
São Paulo

PROF. DR. JOSÉ FREDERICO
MARQUES

DR. MANUEL ALCEU
AFONSO FERREIRA

Pra. Ruyton de Almeida, 290 - 4.º andar,
C. 40 - Fone: 78-7117 - SMO PAULO

ENGENHEIROS:

LAURO DE BARROS SELLIANO

ENGENHARIA DE TRANSPORTES

Rua Sneyden Viad. 791 - Fone: 81-3028 - SMO PAULO

MÉDICOS:

DR. PEDRO KASSAB

Rua Dr. Pedro Luis Anselmo, 146
14.º andar - Ala A5 - Fone: 237-5472

INSTITUTO DE PSICOPATO-
LOGIA CLÍNICA PENNA
CHAVES

Rua Gasparin Cont. 109 - Fone: 9-0841
Campus - São Paulo

ÊSTE V. BEBE TRANQUILO.

Os refrigerantes da
ANTARCTICA
não contém ciclamatos
nem ingredientes
artificiais,
pois são compostos
exclusivamente
de frutos naturais
brasileiros e
puríssimo açúcar
nacional!



GUARANÁ Champagne
ANTARCTICA

Anexo B- Planilha de análise

Colunas1	Colunas2	Colunas3	Colunas4
Tipo de texto	nº 1	nº2	nº 3
Artigos editoriais	Impasse político-militar no Brasil	A Igreja e o Mundo	Deus na Era espacial
	Jovens de todo o mundo, univos	O poder impotente	O poder, para quê?
	Antecedentes da nova revolução francensa	A secularização pelas minorias	A coragem de dizer
	Antecedentes da nova revolução francensa	Adulto Adúltero	Clero e política
	O dever de ser nacionalista	Diálogos passado a limpo	O protesto do Esquadrão da Morte
	A coerente rebelião do clero	Os festivais de música que assolam o país	Adeus, Vera Maria
	O próximo passo dos católicos-progressistas	O supervietnã do Poder Negro	Nixon ontem e hoje
	Fora do P.P.C. não há salvação	Teoria e prática do integrismo norte-americano	Iniciada a livre escolha
	Cinismo ou covardia de um pregador de ditadura	A universidade ainda tem salvação	É proibido proibir o LSD?
	A água americana enjaulada no Vietnã	Carta aberta ao general Albuquerque Lima	A destruição da fé pelo catecismo A ambiguidade e a ortodoxia:um confronto
Artigos assinados	TEILHARD DE CHARDIN (George Freunaud) (3)	CONCÍLIO ANO ZERO (Julio Garrido) (3)	O VELHO MODERNISMO DE CARA NOVA (Eugenio Vegas Lataplé) (2)
	HOMEM SEM DEUS (Emílio Silva) (3)	QUEM TEM MEDO DA "HUMANAE VITAE"? (Afonso Rodrigues) (3)	O QUE ESPERAR DA UNIVERSIDADE (Gladstone Chaves De Melo) (2)
	ASSISTÊNCIA MÉDICA PARA TODOS (Pedro Kassab) (1)	URSS DÁ O EXEMPLO (Leonardo Van Acker) (2)	A "NOVA TEOLOGIA" NO RAIÓ-X (Pierre Debray) (2)
	SOCIALISMO E PROGRESSO (Gustave Thibon) (2)	POESIA QUE CONDUZ A DEUS (Alfredo Leite) (3)	O MATRIMÔNIO POSTO A PROVA (Paulo Banwarth) (3)
	CENSURA NA ARTE (Alfredo Lage) (2)	ESTRUTURALISMO E ALIENAÇÃO (Alfredo Lage) (3)	CIBERNÉTICA E CRISTIANISMO (Lauro De Barros Siciliano) (3)
	HORA E VEZ DOS LEIGOS (J. P. Galvão De Souza) (3)	RENOVAÇÃO DA IGREJA (Paulo Bannwarth) (2)	RUMO A ORDEM SOCIAL CRISTÃ (Armando Dias De Azevedo) (1)
	JUVENTUDE REBELDE (Adib Casseb) (2)	O TORMENTO DA FÉ (Gerardo Dantas Barreto) (2)	A FILOSOFIA NECESSÁRIA (Emílio Silva) (3)
	PROGRESSISMO CATÓLICO (Marcel De Corte) (2)	O DIREITO A REVOLUÇÃO (J. P. Galvão De Sousa) (1)	O LEIGOS DEPOIS DO CONCÍLIO (Nilo Pereira) (3)
	A PÍLULA E A EMANCIPAÇÃO DA MULHER (Alfredo Leite) (3)		ONDE CRISTO ESTÁ VIVO (Julio Meinvielle) (2)
	UMA SOCIEDADE PARA OS HOMENS (Gonzalo Cuesta Moreno) (3)		SEXO, SIMPLEMENTE (Afonso Rodrigues) (3)
Documentos	O credo que nosso tempo exige	Amar a Igreja: Imperativo da hora presente	Lugar do "Aggiornamento" face a imutabilidade da doutrina católica Declaração da comissão cardinalícia sobre o "Novo catecismo" Holandês
Legenda	(1) Estado e Igreja	(2) Antiprogressismo e anticomunismo	(3) Moral e teologia integrista

Colunas17 nº16	Colunas18 nº17	Colunas19 nº18
Portugal: O passado, o presente e o futuro	A descolonização colonialista	Política Brasileira: entre utopia e o pragmatismo
A "libertação" de Portugal	Uma "libertação" já sem máscara	O messianismo revolucionário invade a Igreja
Atualidade perene do tomismo	Cuba e a fraqueza do Ocidente	O governo contra a subversão cultural
As ilusões da "détente"	E.U.A: a crise da democracia	O crescimento demográfico e a explosão pornográfica
O divórcio na Itália		As vicissitudes do PDC no Chile
A bomba atômica indiana		O Brasil e o problema cubano
Bolívia, mais uma revolução frustrada		Cem anos de jornalismo
Congresso tomista de Gênova		

PORQUE SOMOS TOMISTAS: DA TEOLOGIA À POLÍCIA (Francisco Elias de Tejada) (3)	PORTUGAL COLONIALISTA? (J.P. Galvão de Sousa) (1)	MAR TERRITÓRIA PROPORCIONAL: SOLUÇÃO POSSÍVEL (Vice-Almirante Paulo I.F.Freitas) (1)
A FORTALEZA EM SANTO TOMAS (Tito Centi, O.P) (3)	200 MILHAS: POR QUE NÃO? (Vice-Almirante Paulo I. R. Freitas) (1)	RAZÃO DE SER DA VOCAÇÃO MILITAR (Gonzalo Ibanéz) (1)
O REALISMO POLÍTICO DE SANTO TOMAS (Hughes Kéraly) (3) DAS RELAÇÕES ENTRE O HOMEM E A SOCIEDADE SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO (José Pedro Galvão de Sousa) (3)	UNIVERSIDADE FOCO DE SUBVERSÃO (Juan Antonio Widow) (2) A VINGANÇA CHINESA (A.C. Pacheco e Silva) (2)	A PROPRIEDADE, UM DIREITO NATURAL? (Juan Vallet de Goytisolo) (1) PARA ONDE VAI A ÀFRICA? (J.P. Galvão de Sousa) (1)
OS GRUPOS SOCIAIS SEGUNDO SANTO tomás (Tomás Barreiro Rodrigues) (3) O CONCEITO DE HISTÓRIA NA DOCTRINA DE SANTO TOMAS DE AQUINO SOBRE O DIREITO NATURAL (Antonio Enrique Perez Lunó) (3)	DA ILUSÃO LIBERAL A ESCRAVIDÃO socialista (Octavio N. Derisi) (2) A DEFESA DAS LIBERDADES CONCRETAS (Francisco de P. Bartumeu Sanllehi) (1)	A RAZÃO MAIOR (A. Crespo de Carvalho) (1) OS CIVIS NA REVOLUÇÃO brasileira (A.C. Pacheco e Silva) (1)
A OCORRÊNCIA DO PENSAMENTO JURÍDICO DE SANTO TOMÁS (Ramón Maciá Manso) (3)	PEDAGOGIA DE APÓSTATAS (Dietrich von Hildebrand) (2)	A JUSTIÇA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS (João de Scantimburgo) (3)
O ABORTO ANTE A FILOSOFIA TOMISTA (Wladimir Lamsdorf-Galagane) (3) INTELCTUALISMO TOMISTA E IMANENTISMO RACIONALISTA (Mons. Dr. Octávio N. Derisi) (3)	A ECONOMIA E A NECESSIDADE DE SER FELIZ (Marcel de Corte) (3) O SOLITÁRIO DE LÂMPADAS VOTIVAS (Nilo Pereira) (3)	
	VOCAÇÃO MISSIONÁRIA E CÍVICA (René Penna Chaves) (1) UNIVERSALIDADE DE SHAKESPEARE (Claudio De Ciceo) (2) ENTRE O CONSERVADORISMO E O PROGRESSISMO (Hélio Drago Romano) (3)	

Santo tomas de Aquino: Ontem, hoje e amanhã, entrevista com Cornélio Fabro	Evangelização e secularismo (Cardeal D. Agnelo Rossi)	Anti-Evangelho do Paraíso Terrestre (Cardeal Joseph Höffner)
Santo Tomas de Aquino no VII Centenário de sua morte (Mons. Dr. Octávio N.Derisi)	Para onde caminham nossos seminários? Cardeal D. Gabriel Maria Garrone Discurso do Santo Padre Papa Paulo VI aos Abades Beneditinos	Evangelização e Secularismo (Mario Savelli) A tentação do "novo Cristianismo" Igreja Falsa e Igreja Verdadeira (Cardeal Wyszynski)
	Um testemunho precioso (Gustavo Corção)	A "democracia" de Soares (Lenildo Tabosa Pessoa)
	Da peste, da fome e do divórcio livre-nos o Senhor (Cardeal D. Vicente Scherer)	Um empréstimo comprometedor (Lenildo Tabosa Pessoa)
	A verdade sobre cuba (D. Boza Masdival)	Polição (Luiz Pessoa da Silva)
		Democracia (Rachel de Queiroz)
		Passado-Futuro (Arlindo Veiga dos Santos)

Anexo C- Roteiro de entrevista

Nome:
Profissão:

Idade:
Sexo:

Naturalidade:

Roteiro de entrevista

- 1) Para você, o que é ser católico? Como vivencia o seu catolicismo na atualidade?
- 2) Quais são suas influências intelectuais?
- 3) Quais filósofos, teólogos e intelectuais você conhece ou já ouviu falar ? Apontaria um ou mais intelectuais que divergem de suas posições?
- 4) Há alguma revista ou periódico religioso impresso ou virtual que você costuma ou costumava ler? Qual?
- 5) Como o Concílio Vaticano II impactou o catolicismo?
- 6) Você acredita que os conflitos da criação do Concílio Vaticano II foram superados no presente ou ainda há questões de divergência entre os Católicos ?
- 7) Como o catolicismo vem se posicionando diante das transformações sociais contemporâneas? Como por exemplo, o papel da mulher, direitos reprodutivos, o pluralismo religioso e as mudanças nas estruturas familiares? Você concorda com os posicionamentos?
- 8) Nas décadas de 60 e 70 houve uma efervescência de movimentos católicos de diferentes orientações: CEBs alguns mais ao que foi chamado de catolicismo social ou progressista como a Teologia da Libertação e as CEBs e outros mais ligados aos tradicionalismos católicos como a TFP e os integristas da “Permanência” e *Hora Presente*. Como você percebe esses movimentos em seu período de surgimento? E, atualmente que tendências observa na Igreja Católica.
- 9) Nos dias atuais é possível perceber alguma tendência ou movimento dentro do catolicismo? Quais?
- 10) Em relação ao pontificado de Francisco. Como esse Papa tem abordado as questões oriundas das relações sociais do presente como as citadas anteriormente? Ele tem alcançado credibilidade em todos os setores do catolicismo ou há alguma forma de descontentamento?
- 11) Como você percebe a relação entre estado e igreja no Brasil no atual contexto histórico? Você acredita ou percebe que a Igreja Católica exerce alguma influência na política do país? Em sua opinião há algum fator que vem aproximando ou afastando um diálogo entre as duas instituições?
- 12) Se tivesse que apresentar uma conceituação de conservadorismo e progressismo, como as elaboraria? (Que elementos constituem prioritariamente uma ou outra corrente)?